

DECLARAÇÃO DE FÉ

BATISTA DO SÉTIMO DIA

UM GUIA DE ESTUDO





Declaração de Fé das Igrejas Batistas do Sétimo Dia do Brasil

Proibida a reprodução, total ou parcial, por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em breves citações com indicação da fonte ou salvo expressa autorização da Conferência Batista do Sétimo Dia Brasileira.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada (Sociedade Bíblica do Brasil) salvo indicação específica.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ

Diretor: Pr. Jarbas João da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I24d Igreja Batista do Sétimo Dia.
Declaração de Fé Batista do Sétimo Dia / Igreja Batista do Sétimo Dia; organizador Jarbas João da Silva. – Curitiba (PR): Gráfica Exklusiva, 2018.
152 p. : 14 x 21 cm

ISBN 978-85-93661-27-3

1. Igreja Batista do Sétimo Dia – Doutrinas. 2. Vida cristã. I. Silva, Jarbas João da. II. Título.

CDD 248.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

EXPEDIENTE

Revisão de textos:	Vanise Macedo Maria (Comentários)	Capa e Diagramação:	João Paulo Delfino da Silva joaopaulo@jb7.com.br
Revisão teológica:	Pr. Renato Sidnei Negri Jr. Pr. Jonas Sommer Pr Jarbas João da Silva	Impressão gráfica:	Gráfica Exklusiva http://www.exklusiva.com.br/
Atendimento e tráfego:	Marcelo Negri (41) 3379-2980	Redação:	Rua Erton Coelho Queiroz, 404 - Alto Boqueirão - CEP 81770-340 - Curitiba - PR http://www.ib7.org/ secretaria@ib7.org

DECLARAÇÃO DE FÉ BATISTA DO SÉTIMO DIA

CONTEÚDO

ABREVIATURAS	4
EDITORIAL	5
LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA	7
Pr. Jonas Sommer	
A TRIUNDADE	15
Fabricio Luís Lovato	
A BÍBLIA SAGRADA	27
Fabricio Luís Lovato	
O SER HUMANO	39
Pr. Wesley Batista de Albuquerque	
PECADO E SALVAÇÃO	47
Pr. Claudir de Oliveira	
A VIDA ETERNA	59
Pr. Wesley Batista Albuquerque	
A IGREJA.....	65
Pr. André Garcia	
O BATISMO	77
Pr. Jonas Sommer	
A SANTA CEIA DO SENHOR	89
Pr. Bernardino de Vargas Sobrinho	
SÁBADO SAGRADO	103
Pr. André Garcia	
EVANGELISMO	113
Pr. Renato Sidnei Negri Jr.	
MORDOMIA CRISTÃ	123
Pr. Patrick F. Padilha	
A SEGUNDA VINDA DE JESUS CRISTO.....	133
Pr. Bernardino de Vargas Sobrinho	

ABREVIATURAS DOS LIVROS DA BÍBLIA

ANTIGO TESTAMENTO

Gênesis	•••	Gn
Êxodo	•••	Êx
Levítico	•••	Lv
Números	•••	Nm
Deuteronômio	•••	Dt
Josué	•••	Js
Juizes	•••	Jz
Rute	•••	Rt
1 Samuel	•••	1Sm
2 Samuel	•••	2Sm
1 Reis	•••	1Rs
2 Reis	•••	2Rs
1 Crônicas	•••	1Cr
2 Crônicas	•••	2Cr
Esdras	•••	Ed
Neemias	•••	Ne
Ester	•••	Et
Jó	•••	Jó
Salmos	•••	Sl
Provérbios	•••	Pv
Eclesiastes	•••	Ec
Cântico	•••	Ct
Isaías	•••	Is
Jeremias	•••	Jr
Lamentações	•••	Lm
Ezequiel	•••	Ez
Daniel	•••	Dn
Oséias	•••	Os
Joel	•••	Jl
Amós	•••	Am
Obadias	•••	Ob
Jonas	•••	Jn
Miquéias	•••	Mq
Naum	•••	Na
Habacuque	•••	Hc
Sofonias	•••	Sf
Ageu	•••	Ag
Zacarias	•••	Zc
Malaquias	•••	Ml

NOVO TESTAMENTO

Mateus	•••	Mt
Marcos	•••	Mc
Lucas	•••	Lc
João	•••	Jo
Atos	•••	At
Romanos	•••	Rm
1 Coríntios	•••	1Co
2 Coríntios	•••	2Co
Gálatas	•••	Gl
Efésios	•••	Ef
Filipenses	•••	Fp
Colossenses	•••	Cl
1 Tessalonicenses	•••	1Ts
2 Tessalonicenses	•••	2Ts
1ª Timóteo	•••	1Tm
2ª Timóteo	•••	2Tm
Tito	•••	Tt
Filemon	•••	Fm
Hebreus	•••	Hb
Tiago	•••	Tg
1 Pedro	•••	1Pe
2 Pedro	•••	2Pe
1 João	•••	1Jo
2 João	•••	2Jo
3 João	•••	3Jo
Judas	•••	Jd
Apocalipse	•••	Ap

ABREVIATURAS DAS VERSÕES BÍBLICAS UTILIZADAS

AA - Almeida Atualizada
ARA - Almeida Revista e Atualizada
ARC - Almeida Revista e Corrigida
ACRF - Almeida Corrigida e Revisada Fiel
A21 - Almeida Século 21
ECA - Edição Contemporânea de Almeida

NVI - Nova Versão Internacional
KJA - King James Atualizada
BV - Bíblia Viva
BJ - Bíblia de Jerusalém
TEB - Tradução Ecumênica da Bíblia
NTLH - Nova Tradução na Ling. de Hoje

A Igreja Batista do Sétimo Dia do Brasil apresenta a sua Declaração de Fé, ressaltando pontos essenciais a uma boa conduta cristã, abordando as ordenanças deixadas pelo Senhor Jesus (*Batismo, Ceia do Senhor*), a dimensão divina e a humana (*Triunidade, o Ser Humano, Pecado e Salvação, Vida Eterna*), atos de obediência inerentes ao cristão (*Sábado Sagrado, Evangelismo, Mordomia Cristã*), destacando ainda a importância da comunhão (*Igreja*), a esperança em Jesus (*a Segunda Volta de Jesus*) e o valor dado a Palavra (*A Bíblia*). Esses são pontos imutáveis da Declaração de Fé que permeiam o pensamento Batista do Sétimo Dia do Brasil. Embora se saiba que no universo cristão ainda existam outros pontos de interesse estudo, esta Declaração não os aborda por entender que não são assuntos basilares para uma profícua vida vivida em Cristo Jesus. E é aqui que se insere o primeiro princípio da Declaração de Fé Batista do Sétimo Dia do Brasil cujo enfoque é a *Liberdade de Consciência*, e esta não é para que o cristão cultue ao Senhor Deus de maneira arbitrária, desonrosa, ou de acordo com seus caprichos, porém este ponto requer sabedoria divina, equilíbrio cristão e amor genuíno. Por isso, além desses pontos comuns a toda igreja cristã apresentados nesta Declaração e imutáveis pela própria consistência bíblica, não há um credo a ser seguido fora desses pontos, pois se entende que o ser humano é dotado de inteligência pelo próprio Deus para entender, compreender a Sua Palavra e a Sua Vontade e assim Lhe servir com alegria. Por último, fica a indicação de 1 Coríntios 13, que aborda a importância do Amor em todas as situações visto que Deus é amor e ensinou “...*amarás o teu próximo como a ti mesmo...*” (Lv 19;18) e “...*amarás o teu próximo como a ti mesmo.*” (Mt 22:33).

Pr. Jarbas João da Silva

LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA 01

PR. JONAS SOMMER

VERSÍCULOS PARA REFLEXÃO:

2Co 3:17 | Jo 8:32,36 | At 5:29 | 1Pe 2:16

Gl 5:13 | 1 Co 8:9 | Rm 14:5-6

NOSSA DECLARAÇÃO: *“Nós, Batistas do Sétimo Dia, consideramos a liberdade de consciência sob a direção do Espírito Santo como essencial à convicção e prática cristãs. Encorajamos o estudo e a discussão aberta das Escrituras. Defendemos a liberdade individual de consciência de procurar entender e obedecer à vontade de Deus. Por isso, não temos um credo obrigatório.”*

~ INTRODUÇÃO ~

Os Batistas, em geral, consideram como inalienável a liberdade de consciência. E esta não é privilégio a ser concedido, rejeitado ou meramente tolerado – nem pelo Estado, nem por qualquer outro grupo religioso. É um direito outorgado por Deus. Cada pessoa é livre perante o Senhor, em todas as questões de consciência, e tem direito de abraçar ou rejeitar a religião, bem como de testemunhar sua fé religiosa, respeitando os direitos dos outros.

Nós defendemos que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus; portanto, não deve ser coagido por uma autoridade a seguir um caminho espiritual. Ele chamou-nos à liberdade. Jesus Cristo é o grande libertador: *“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”*. (Jo 8:32,36) Diante das autoridades judaicas e de suas ameaças descabidas, o apóstolo Pedro afirmou, categoricamente: *“importa, antes, obedecer a Deus que aos homens”*. (At 5:29) Liberdade religiosa é um direito humano, e

toda pessoa deve ser livre para estudar as Escrituras, buscando nesses textos a vontade divina para sua vida.

Pretendemos analisar, neste estudo, o que significa a liberdade de consciência e qual a sua importância para nós, como povo de Deus. Veremos também um pouco da História e o princípio do não credo.

~ UM POUCO DA HISTÓRIA ~

Primariamente, a defesa da liberdade de consciência pelos Batistas foi a liberdade de culto. A insistente e forte divisa de nosso grupo religioso é que, em toda a parte, a religião tem de ser voluntária, não imposta, e que não há poder civil ou religioso que com justos direitos possa compelir os homens a adotarem um credo ou uma forma de culto. Ou ainda, exigir-lhes tributo para manutenção de uma organização religiosa a qual não pertençam, ou cujo credo não sigam. Deus só aceita adoradores voluntários.

A chave de leitura desse percurso histórico é o princípio de liberdade, muito caro ao movimento batista dos séculos XVII e XVIII. Já por volta daquela época, esses religiosos sustentavam que os crentes deviam se unir a Cristo e uns com os outros para uma aliança voluntária, tendo liberdade de escolherem os oficiais, recusando qualquer intervenção de uma congregação sobre a outra. Defendiam que o indivíduo não deveria ter a consciência submetida a uma instância religiosa ou secular, mas somente às Sagradas Escrituras. Nenhuma instituição ou organização deveria privá-los desse direito.

À época que nossa denominação principiou, na Inglaterra, havia perseguição religiosa contra quem discordasse da Igreja oficial. Vários homens foram presos por conta da sua fé.¹ Por conta disso, nossos predecessores lutaram pelo direito à liberdade de consciência, que foi conquistado a um alto preço. Muitos Batistas do Sétimo Dia foram presos; alguns, condenados à morte, lutando para que eles e as futuras gerações ti-

¹ Sugere-se a leitura da obra *Um povo que escolhe: a história dos batistas do sétimo dia*, de Don Sanford.

vessem liberdade para cultuarem a Deus de acordo com suas consciências.

É mister pontuar que o princípio de liberdade de consciência não significa mera tolerância. Segundo Truett, há grande diferença entre *tolerância* e *liberdade*. A primeira implica no fato de que alguma coisa injustamente reclama o direito de ser tolerada. A segunda é uma concessão; a liberdade, um direito. A tolerância é simples matéria de expediente enquanto a liberdade é matéria de princípio. Uma é um dom proveniente do homem, e a outra, um dom oriundo de Deus. Ninguém pode exigir que, em nome da liberdade de consciência, toleremos aquilo que Deus não tolera.²

No Brasil, as liberdades de consciência e de crença também foram consideradas conquistas. Os primeiros evangélicos não tinham ampla liberdade. Felizmente para nós, nossa Carta Magna proclama a liberdade de crença, em seu artigo 5º, inciso VI: "...é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e às suas liturgias".

Sendo assim, de forma secundária, a liberdade de consciência em nossa denominação passou a ser entendida como uma prerrogativa *intra-corporis*. Ou seja, como uma liberdade, sobre assuntos secundários à salvação, pode-se ter um pensamento divergente.

~ O PRINCÍPIO DO NÃO CREDO ~

Por conta da História, os Batistas do Sétimo Dia sempre foram muito reticentes a qualquer declaração de fé que tivesse teor de credo. Não há, nas nossas igrejas, um credo, ou seja, uma lista do que se pode crer e fazer, ou do que não se pode. Ao se tornar membro, ninguém recebe uma cartilha ou lista de faça e não faça. Pelo contrário, os membros são incentivados a, livremente, estudarem as Escrituras, sob a ação do Es-

² TRUETT, G. W. *Os batistas e liberdade religiosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1945. p.11.

pirito Santo, e a buscarem viver de acordo com seus ensinos.

É interessante ressaltar que nenhuma declaração de fé foi encontrada na mais antiga igreja Batista do Sétimo Dia (Mill Yard, Inglaterra, 1650). Da mesma maneira, não houve declaração de fé para a primeira igreja Batista do Sétimo Dia da América (Newport, Estados Unidos, 1671).

Somente em 1835, foi adotada uma “exposição de sentimentos e doutrinas da denominação”. Mesmo assim, tal escrito não foi adotado como uma força controladora; tratava-se apenas de uma exposição dos pontos de vista defendidos pela denominação. A listagem deu origem a uma Declaração de Fé, adotada em 1937. Num esforço contínuo de simplificar, clarificar e verificar os pilares da fé cristã Batista do Sétimo Dia para futuras gerações, a Federação Mundial Batista criou uma Declaração de Fé, em 1991, respondendo a uma crescente diversidade religiosa, num ampliado contexto global.³ Tal documento tem servido de base para que cada conferência, em cada país, redija a sua declaração.

~ LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA ~

“União” é uma palavra muito apreciada e valorizada pelos cristãos. Contudo, o seu simples uso acaba não revelando todas as implicações envolvidas para que a tal união exista. Ser um grupo unido é bom, mas não é fácil construir uma unidade. Boa parte dessa dificuldade reside no fato de que as pessoas não pensam e agem da mesma forma, em todas as situações. A questão não é saber se elas discordarão, pois sabemos que isso ocorrerá. A complicação surge quando se pensa “no que discordarão” e “por que” o farão.

No começo do Cristianismo, os primeiros convertidos vieram do Judaísmo. Em seguida, a pregação do Evangelho rompeu as barreiras étnicas, e a conversão dos não judeus foi uma consequência lógica. A Igreja de Jesus Cristo era (e seria)

³ SANFORD, Don. *Um povo que escolhe: a história dos batistas do sétimo dia*, Curitiba: CBSDB, 2006. p. 171.

multiétnica.⁴

A multiétnicidade representava avanço e também um desafio para uma Igreja em franco crescimento. No que os cristãos deveriam crer de igual modo? Em que poderiam discordar, sem que fosse rompido o laço da unidade? E os cristãos atuais, eles também enfrentam algo semelhante?

A “liberdade de consciência”, além de ser um princípio bíblico, é um dos códigos de fé da Declaração de Fé dos Batistas do Sétimo Dia. Isso indica que acreditamos que podemos/devemos ser unidos no essencial, promovendo a liberdade no que não é essencial.⁵

Essa declaração assegura-nos a liberdade total de buscarmos a vontade de Deus para nossa vida. Com isso, pode acontecer certa divergência de pensamento; e essas diferenças somente podem ocorrer em assuntos secundários à salvação. A liberdade não dá ao membro o direito de pensar como bem entender. Há assuntos que fazem parte de nossa coluna dorsal de crenças, os quais todos devem professar e aceitar. Essa base de convicções comuns está expressa na Declaração de Fé, e principiamos o estudo com a questão da liberdade de consciência.

Nos assuntos não abordados por nossa declaração, temos a liberdade de discordar, de pensar diferentemente. No entanto, é preciso enfatizar que a liberdade individual de crer em alguns aspectos, diferentemente dos outros membros, não permite a prerrogativa de pregar ou forçar os demais membros a abraçarem a mesma convicção.

Conquanto seja algo fundamental em nossa fé, a liberdade de consciência pode ser mal interpretada, pois ela não nos permite crer ou fazer o que quisermos. Temos liberdade para buscar nas Escrituras a base para nossa fé e prática. Não temos um credo engessado e incentivamos cada um a ler e

⁴ ALBUQUERQUE, Wesley Batista de. Liberdade de consciência e o exemplo de Cristo. In: NEGRI JR. Renato Sidnei; SOMMER, Jonas. *Epístola aos Romanos: Salvos pela graça mediante a fé*. Curitiba: CBSDB, 2017. p. 201.

⁵ ALBUQUERQUE, Wesley Batista de. 2017. p. 202.

examinar a Bíblia. Há assuntos fundamentais dos quais não abrimos mão; e um exemplo é quando afirmamos que a salvação ocorre somente pela graça por meio da fé na obra de Cristo, ou que o sábado é o dia santificado por Deus e, por isso, devemos guardá-lo. No entanto, há outros assuntos os quais cada um tem a liberdade de seguir ou não; são temas que consideramos secundários, ou seja, não vitais à salvação.

Ao estudarmos a Epístola aos Romanos, percebemos que os irmãos da Igreja de Roma enfrentavam, como qualquer outra comunidade de fé, os desafios da rotina da comunhão. Em relação à fé na pessoa e no ministério de Jesus, pensavam unanimemente. Quanto a outras questões de fé, já não se podia dizer o mesmo; havia divergência acerca de leis alimentares, por exemplo. Isso, de pronto, revela as tensões geradas na relação entre judeus convertidos ao Cristianismo e gentios oriundos do Paganismo. Alguns tinham a posição de não comer carne, tomar vinho e comemorar dias religiosos; outros se posicionavam de forma contrária. Depois de haver falado sobre pontos tão cruciais da fé cristã, ao longo da epístola, Paulo detém-se naquilo que podemos chamar de pontos secundários de fé. Ou seja, assuntos em que os irmãos podiam tomar posições diferentes sem que isso, necessariamente, afetasse a salvação do indivíduo.⁶

Dessa forma, enfatizamos que cada membro pode exercer o privilégio do livre e responsável exame da Palavra de Deus. Apreciamos uma leitura piedosa e respeitosa da Bíblia. Outrossim, cremos que a Bíblia é sua melhor intérprete; não se contradiz e se complementa. É Palavra divina, revelação progressiva de Deus e de Sua vontade, escrita por seres humanos inspirados pelo Espírito Santo, que respeitou as peculiaridades de suas personalidades e da estrutura cultural de cada tempo, sem haver perda de sua extraordinária unidade. O Espírito Santo, hoje, não mais inspira novas verdades, mas ilumina as mentes dos que leem a Bíblia com fé a fim de compreenderem as verdades já reveladas.

⁶ ALBUQUERQUE, Wesley Batista de. 2017. p. 202.

~ CONCLUSÃO ~

Não devemos esquecer, como esteio sólido de nossa denominação, a liberdade de consciência e a liberdade de culto, porque é assim que podemos proclamar a mensagem redentora de arrependimento, de perdão dos pecados, de regeneração e da salvação que só Jesus Cristo veio trazer para o homem indistintamente, sem olhar sexo, cor, condição social, ou política, ou cultural, ou econômica. Que possamos aproveitar a liberdade que foi duramente conquistada pelos antepassados para proclamarmos o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo a toda a criatura. Exercitemos também o amor, ajudando ao próximo, como consequência do nosso amor a Deus.

Agostinho, de Hipona, recomendou aos cristãos buscarem, “no essencial, unidade; no não essencial, liberdade; e, em ambas as coisas, o amor”. Que tenhamos divina unidade nas convicções fundamentais de nossa fé. Que exercitemos e desfrutemos, responsabilmente, da liberdade de consciência e que sejamos amáveis em tudo no trato com o semelhante.

~ QUESTÕES PARA ESTUDO ~

1 - Para os primeiros Batistas do Sétimo Dia, qual a importância da Liberdade de Consciência? Como era entendida?

2 - Por que os Batistas do Sétimo Dia adotam o preceito do não credo?

3 - Qual a importância da Liberdade de Consciência para nossa denominação?

4 - A Liberdade de Consciência é uma carta branca para que o membro abrace qualquer convicção? *Liberdade de Consciência* significa poder crer no que quiser, ou fazer o que bem entender?

5 - Qual a importância para você de ter Liberdade de Consciência?

VERSÍCULOS PARA REFLEXÃO:

2Co 13:14 | Rm 8:15 | Mt 6:9 | Jo 1:14
Jo 3:16 | Tt 3:5 | At 13:2

NOSSA DECLARAÇÃO: *“Cremos em um Deus infinito e perfeito, o criador e sustentador do universo e que existe eternamente em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.”*

“Cremos em Deus, o Pai, o soberano acima de tudo, manifestando Seu imenso amor e justiça, tanto perdoando o arrependido como condenando o que não se arrepende.”

“Cremos em Deus, o Filho, encarnado na pessoa de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Ele deu-se, na cruz, como sacrifício completo e final pelo pecado. Como nosso Senhor ressurreto, é o mediador entre Deus, o Pai, e o ser humano.”

“Cremos em Deus, o Espírito Santo, o Consolador que dá o nascimento espiritual, vive nos crentes e capacita-os para o testemunho e serviço. Nós cremos que o Espírito Santo inspirou as Escrituras, convenceu o ser humano do pecado e instruiu o crente na verdade e na retidão.”

~ **INTRODUÇÃO** ~

“Santo! Santo! Santo! Deus onipotente
Cedo de manhã, cantaremos teu louvor
Santo! Santo! Santo! Deus Jeová Triuno!
És um só Deus, excelso Criador.”

A estrofe acima, retirada do hino “Santo” (número 13, no *Hinário Cânticos de Júbilo*), demonstra que os Batistas do Sétimo

mo Dia compartilham com os demais Cristãos a fé na doutrina da Trindade. Esse ponto doutrinário ensina que “Deus é um, existindo, porém, eternamente em três pessoas.”⁷

Falar a respeito de Deus sem falar sobre a Trindade é debater um deus qualquer; e, não, sobre o Deus que Se revela na Escritura, reconhecido pela Igreja.⁸ Karl Barth (1886-1968) apontou a Trindade como o ponto de partida para o estudo da Teologia. João Calvino (1509-1564) e Wolfhart Pannenberg (1928-2014) afirmaram que é a mais importante de todas as doutrinas. De fato, a forma como compreendemos a pessoa de Deus irá influenciar as nossas demais visões sobre os ensinamentos bíblicos. Nesta lição, conheceremos mais a natureza e as obras do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

~ DEUS PAI ~

Marciano de Sinope (85-160 d.C.) foi um dos mais destacados hereges do começo da história do Cristianismo. Entre seus ensinamentos estava o de que o Deus do Antigo Testamento era distinto daquele Deus revelado no Novo Testamento. O primeiro seria uma divindade invejosa dos judeus, legalista e sem piedade. O Deus a quem Jesus costumava se referir era outro; tratava-se de um Deus universal, amoroso e misericordioso. De forma correta, a Igreja primitiva rejeitou os ensinamentos de Marciano e retirou-os de seu meio.

O Deus do Antigo Testamento é o mesmo Deus de amor, misericórdia e justiça do Novo Testamento.⁹

Que compreensão a Bíblia oferece-nos sobre a pessoa de Deus, o Pai? O título “Pai” expressa carinho, intimidade e responsabilidade. (Rm 8:15) Essa é a forma pela qual Cristo dirigia-se ao Senhor (Jo 5:17), e a qual nós também devemos

⁷ ERICKSON, Millard J. *Dicionário Popular de Teologia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011. p. 200.

⁸ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 156.

⁹ Consulte a excelente obra de Paul Copan: *Deus é um monstro moral? Entendendo Deus no contexto do Antigo Testamento*. Maceió: Sal Cultural, 2016. 264 p.

fazê-lo. (Mt 6:9)

Deus é o Criador de todas as coisas (Gn 1:1), verdadeiro (Jr 10:10), santo (Lv 11:45), soberano (Ef 1:11), perfeito (Mt 5:48), imutável (Ml 3:6), bom (Mc 10:18) e justo (Rm 3:25). Ele existe desde toda a eternidade (Sl 90:2), sabe todas as coisas (Sl 139:1-3), pode tudo (Jó 42:4) e está em todos os lugares ao mesmo tempo (Jr 23:24). É tão grande e majestoso que mesmo os céus dos céus não poderiam contê-lo (1Re 8:27). Homem algum, em seu estado pecaminoso, poderia ver a Sua face e continuar vivo. (Êx 33:20)

Foi o Pai quem enviou Cristo ao mundo para a nossa salvação (Jo 3:16-18) e, juntamente de Cristo, quem envia o Espírito Santo para habitar no coração dos crentes. (Jo 14:16) Sua vontade é que nenhum ser humano pereça, mas que todos se convertam e vivam. (Ez 33:11)

O maior mandamento é amarmos a Deus de todo o nosso coração, alma e entendimento. (Mt 22:36-40) Deus chamou-nos para sermos Suas testemunhas (Is 43:10) e embaixadores (2Cor 5:20); portanto, cabe a nós vivermos de forma a honrá-lo, declarando Seu amor e obras ao mundo.

~ DEUS FILHO ~

Jesus Cristo, Deus Filho, é a segunda pessoa da Trindade. O Novo Testamento expressa explicitamente que Jesus é Deus. (Jo 1:1, 1:14, 20:28, Rm 9:5, Cl 2:9, Tt 2:13, 2Pe 1:1) Além disso, muitos nomes e títulos aplicados a Deus Pai, no Antigo Testamento, são usados para Cristo, no Novo Testamento.¹⁰

Cristo compartilha com o Pai os atributos da divindade. Ele é eterno (Cl 1:17), onisciente (Ap 2:23), onipotente (Mt 28:20), onipresente (Mt 18:20), santo e justo (At 3:14), imutável (Hb 13:8) e verdadeiro (Ap 3:7). Participou com o Pai da obra de criação do universo. (Gn 1:26, João 1:1-3, Cl 1:16-17) E, enquanto esteve na Terra, recebeu adoração (Mt 15:25, 28:17, Jo 9:38, Hb 1:6), algo do qual apenas Deus é digno. (Is 42:8)

¹⁰ MCDOWELL, Josh; LARSON, Bart. *Jesus: A Biblical Defense of His Deity*. San Bernardino: Here's Life Publishers, 1989. p. 21.

Jesus identificou-Se com o título “*Eu Sou*” (Jo 8:58-59), o mesmo nome com o qual Deus revelou-Se a Moisés, no Antigo Testamento. (Êx 3:14) Ele tem autoridade para perdoar pecados (Mc 2:5-7), algo que somente Deus pode fazer (Is 43:25); declarou-se o “*Senhor do Sábado*” (Mc 2:28), o dia estabelecido por Deus na criação (Gn 2:1-3); e será o juiz sobre vivos e mortos. (Jo 5:22)

Ele tomou para Si a forma humana. (Jo 1:14) A doutrina de que na pessoa de Cristo existem duas naturezas (a divina e a humana) é chamada, em Teologia, de *união hipostática*¹¹. Seu nascimento foi diferente de todos os demais: nasceu milagrosamente da virgem Maria (Mt 1:18-23), como anunciado pelo profeta Isaías (7:14), vários séculos antes.¹²

A pregação de Cristo diferenciava-se da dos escribas e fariseus e atraía as pessoas para Deus. (Mt 7:29) Ele realizou muitos milagres que confirmaram Sua identidade como “o Messias divino” (Mt 4:23). Sendo homem, viveu uma vida perfeita, sem jamais pecar. (Hb 4:15) Esvaziou-Se, tornou-Se escravo, humilhou-Se e teve uma morte vergonhosa na cruz (Fp 2:5-11) a fim de oferecer salvação ao homem. (Jo 3:16) Ele entregou Sua vida, de forma espontânea, por amor a nós. (Rm 5:8)

Sendo Deus, era impossível que o sepulcro O pudesse deter. (At 2:24) Três dias após a Sua morte, ressuscitou gloriosamente (Rm 1:3-4), sendo visto por mais de 500 testemunhas de uma só vez. (1Cor 15:5-7) Após a ressurreição, subiu aos céus (At 1:9) e, ali, assentou-Se à destra do trono de Deus (Hb 1:3) e vive como mediador (1Tm 2:5) e sumo sacerdote, em favor da salvação do ser humano. (Hb 7:25) Todas as coisas foram

¹¹ A doutrina da união hipostática é definida pela existência de Cristo em duas naturezas, divina e humana, que não se fundem, nem se alteram; por outro lado, não se separam, nem se dividem, compondo e estabelecendo uma só pessoa e uma só “subsistência” (emprestando o vocabulário de Calcedônia, em 451 d.C.), eternamente. Em suma, isso quer dizer que Cristo é plenamente divino e totalmente humano – e para todo o sempre, visto que Cristo, mesmo agora, na eternidade, possui um corpo humano. (At 1.11; Ap 5.6)

¹² ERICKSON, Millard J. 2011. p. 203.

colocadas sob Seus pés. (1Cor 15:27)

Prometeu que um dia irá retornar a este mundo (Jo 14:1-3), não mais para sofrer e morrer, mas como juiz glorioso. Ressuscitará a todas as pessoas mortas (1Tes 4:16-17) e as transformará em vivas. (1Cor 15:51-52) Ele abrirá aos salvos a entrada no Reino eterno de Deus; mas os ímpios, porém, destinará ao castigo eterno. (Mt 25:31-46)

~ DEUS ESPÍRITO SANTO ~

Ao longo dos séculos, a doutrina do Espírito Santo tem sido atacada de diversas formas. Não apenas se nega a Sua divindade, como também a própria persona. Muitos afirmam que o Espírito Santo é apenas uma “influência”, um “poder”, uma “força” ou “energia” que procede de Deus, mas não o próprio Deus. O que a Escritura revela, então?

Primeiramente, o Espírito Santo possui as qualidades de um ser pessoal. Ele fala (At 13:2), pensa (Rm 8:26), ensina (Jo 14:26), convence (Jo 16:8-11), conforta (Jo 14:16), escolhe (1Cor 12:11), envia (At 13:4) e intercede (Rm 8:27). Ao contrário de uma simples energia, Ele pode ser entristecido. (Ef 4:30).

Em segundo lugar, a Bíblia claramente identifica-O com Deus. Mentir ao Espírito Santo é mentir a Deus. *“Então, perguntou Pedro: ‘Ananias, como você permitiu que Satanás enchesse o seu coração, a ponto de você mentir ao Espírito Santo e guardar para si uma parte do dinheiro que recebeu pela propriedade? [...] Você não mentiu aos homens, mas sim a Deus.’”* (At 5:3-4, grifo nosso)

Ao longo da Bíblia, Ele é chamado de diversos nomes, como “Espírito de Deus” (1Jo 4:2), “Espírito da Verdade” (Jo 16:13), “Espírito de Cristo” (Rm 8:9), “Espírito Santo” (Lc 12:12), “Consolador” (Jo 14:16), ou simplesmente “Espírito” (Ap 22:17). Ele participou com o Pai e com o Filho da obra da Criação (Gn 1:2, Sl 104:30). É eterno (Hb 9:14), onipotente (Rm 15:19), onipresente (Sl 139:7), onisciente (1Cor 2:10-11), santo (Lc 12:12), amoroso (Rm 15:30) e verdadeiro (1Jo 5:6). Também esteve envolvido na geração humana de Cristo (Lc 1:35)

e em Sua ressurreição dos mortos (Rm 1:4). Ungiu a Cristo durante o Seu ministério terreno (At 10:38), dando-Lhe poder para destruir as obras do diabo.

Na edificação da Igreja de Cristo, dirige-a (At 15:28) e distribui dons conforme a Sua soberana vontade. (1Cor 12:11) Convince-nos do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16:8-11), regenerando-nos (Tt 3:5) e transformando-nos em novas criaturas. (Jo 3:5) Habita, permanentemente, no cristão (Rm 8:9), permitindo que produzamos os Seus frutos: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. (Gl 5:22-23) Devemos buscar, dia a dia, a Sua plenitude em nossa vida (Ef 5:18), não apagar a Sua influência (1Ts 5:19), nem resistir à Sua voz (At 7:51). É preciso evitar de entristecê-LO (Ef 4:30).

~ A TRIUNIDADE ~

Ao longo da História, surgiram mais pontos de vista para explicar a natureza de Deus, diferentes do ensino das Escrituras. Entre os mais conhecidos estão o *Unitarismo* e o *Modalismo*¹³. Segundo o Unitarismo, é incorreto afirmar que existem três pessoas em Deus. Essa crença desenvolveu-se no século IV, quando o bispo Ário, de Alexandria, afirmou que a natureza de Jesus era superior à do homem e inferior à de Deus. Negou também a divindade do Espírito Santo.

O Modalismo afirmava que as três pessoas mencionadas na Bíblia - o Pai, o Filho e o Espírito Santo - seriam modos, expressões ou manifestações do Deus único. Assim, não haveria pessoas distintas Deus. Ocorreria que, em um momento, teria Se apresentado como Pai; em outro, como Filho, e ainda em outro como Espírito Santo. Essa visão contraria o ensino bíblico de que Deus nunca muda. (Mt 3:6)

Além de todas as evidências bíblicas que vimos sobre cada pessoa da Trindade, analisaremos mais três textos.

¹³ STEWART, Don. *103 perguntas que as pessoas mais fazem sobre Deus*. Rio de Janeiro: JUERP, 1992. p. 73-75.

Eles ajudam a concluir a questão.¹⁴

“Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor.”
(Dt 6:4)

De acordo com Stanley Rosenthal, esse texto é uma das mais poderosas declarações, em toda a Bíblia, em favor da Trindade. O hebraico apresenta duas palavras para a ideia de *unidade*: *echad*, que transmite a ideia de *unidade composta*; e *yachid*, que remete à *unidade singular ou absoluta*. Quando, em Gênesis 2:24, Deus instruiu marido e mulher a tornarem-se *“uma só carne”* (grifo nosso), o termo *“uma”* é *echad*, indicando que duas pessoas unem-se para formarem uma unidade perfeita e harmônica. Mas, ao se declarar que Jefté possuía uma *“única filha”* (Jz 11:34, grifo nosso), o termo hebraico é *yachid*. O texto de Deuteronômio utiliza justamente *echad*. Moisés usou a palavra que indica a presença de mais de uma pessoa na natureza de Deus.¹⁵

“Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.” (Mt 28:19)

No grego, o termo *“nome”* está no singular, apontando a existência de um único Deus. Mas existem três pessoas nEle. Isso é indicado pelo fato de que, nesse idioma, cada pessoa (Pai, Filho e Espírito Santo) é acompanhada de um artigo definido. O verso não diz *“nos nomes do Pai, do Filho e do Espírito Santo”*, nem *“em nome do Pai, Filho e Espírito Santo”*, mas *“em nome [singular] do Pai e do Filho e do Espírito Santo [distinção de pessoas]”*. Esse verso é bem claro quanto à doutrina da Trindade.¹⁶

“A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês.” (2Co 13:14)¹⁷

¹⁴ Outros textos mencionam as três pessoas da Trindade, como Isaías 48:16, 61:1-2, 63:9-10, Mateus 3:16-17, Romanos 15:30, 1 Coríntios 12:4-6, 2 Coríntios 1:21-22, Efésios 2:18, 4:4-6, 1 Pedro 1:2 e Judas 20-21.

¹⁵ ROSENTHAL, Stanley. *A Tri-Unidade de Deus no Velho Testamento*. São José dos Campos: Fiel, s/d. p. 4-8.

¹⁶ GEISLER, Norman; RHODES, Ron. *Respostas às Seitas*. Um manual popular sobre as interpretações equivocadas das seitas. Rio de Janeiro: CPAD, 2001. p. 213.

¹⁷ Dependendo da versão bíblica, esse é o versículo 13.

Assim como em Mateus 28:19, o Espírito Santo acompanha o Pai e o Filho, os quais são seres pessoais divinos. A conclusão é que o Espírito Santo também é uma pessoa, com o mesmo status divino. Nesse texto, está associado à “comunhão”, o que sugere a comunicação entre seres capazes de Se relacionarem. Paulo conclui a epístola aos Coríntios com um cumprimento que une a obra de todas as pessoas da Trindade em favor da redenção do homem: graça, amor e comunhão.¹⁸

Uma crítica frequente feita à doutrina da Trindade é que esta não existia antes de 325 d.C., quando teria sido inventada pela Igreja, no Concílio de Niceia. Porém, embora os Concílios de Niceia (325 d.C.) e da Calcedônia (451 d.C.) tenham oficializado a doutrina cristã quanto à Trindade e às naturezas de Cristo, as evidências históricas mostram que a fé na divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo antecederam.¹⁹ Vejamos alguns exemplos.

Didaquê (60-90 d.C.): “Quanto ao batismo, procedam assim: depois de ditas todas essas coisas, batizem em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.” (*Didaquê* 7:1)

Inácio de Antioquia (67-110 d.C.): “Pois o nosso Deus, Jesus Cristo, foi, segundo o desígnio de Deus, concebido no ventre de Maria, da semente de Davi, mas pela ação do Espírito Santo.” (*Epístola aos Efésios* 18:2)

Justino Mártir (100-165 d.C.): “A Ele [o Deus verdadeiro] e ao Filho, que dEle veio e ensinou-nos tudo isso... e ao Espírito profético, nós cultuamos e adoramos, honrando-Os com razão e verdade, e ensinando generosamente a quem deseja sabê-lo a mesma coisa que aprendemos.” (*1 Apologia* 6:1-2)

Teófilo de Antioquia (120-186 d.C.): “Igualmente os três

¹⁸ WHIDDEN, Woodrow; MOON, Jerry; REEVE, John W. *A Trindade*. Como entender os mistérios da pessoa de Deus na Bíblia e na História do Cristianismo. Tatuí: CPB, 2011. p. 83-85.

¹⁹ Para uma análise mais completa dessa questão, consulte: BUSENITZ, Nathan. Did Constantine Invent the Trinity? The Doctrine of the Trinity in the Writings of the Early Church Fathers. *The Master's Seminary Journal*, v. 24, n. 2, 2003. p. 217-242.

dias que precedem a criação dos luzeiros são símbolos da Trinidade: de Deus, de Seu Verbo e de Sua Sabedoria.” (*Segundo Livro a Autólico* 15:3)

Irineu de Lyon (130-202 d.C.): “Desde sempre, de fato, Ele [Deus Pai] tem junto de Si o Verbo e a Sabedoria, o Filho e o Espírito.” (*Contra as Heresias* IV:20:1)

Tertuliano (160-220 d.C.): “Somente Deus é sem pecado. O único homem sem pecado é Cristo, pois Cristo é também Deus.” (*Sobre a Alma* 41:3)

Hipólito (170-235 d.C.): “A Terra é movida por estes três: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.” (*Fragmentos de Comentários* 10)

~ CONCLUSÃO ~

Muitos lutam contra a doutrina da Trindade por ser de difícil compreensão. Como pode Deus ser um em natureza, mas três em pessoas? Porém, seria de esperar que não pudessemos compreender todos os mistérios sobre Ele, pois o Criador, infinito e soberano. Nós somos criaturas, limitadas em capacidade e compreensão. Devemos crer nessa doutrina, pois ela origina-se da clara revelação bíblica.

Uma implicação clara da doutrina trinitária é que toda a obra de salvação é de ação exclusiva de Deus. O Senhor, em Sua graça e misericórdia infinitas, decidiu salvar o homem. O próprio Deus – e não um anjo ou espírito inferior – assumiu a natureza humana, veio a este mundo e sacrificou-Se por nós, na cruz. Um Deus pessoal – não uma mera influência ou energia – convence-nos do pecado, regenera-nos e torna-nos Sua habitação especial. Assim, não é sem motivo que, historicamente, grupos não trinitarianos tenham desenvolvido visões legalistas sobre a salvação.²⁰

A Trindade é uma doutrina essencial, não opcional ou negociável. Não se pode negá-la e permanecer um cristão. Rejeitá-la é rejeitar o próprio Deus que a revelou. Interpretar

²⁰ WHIDDEN, Woodrow; MOON, Jerry; REEVE, John W. 2011. p. 284.

mal o Deus uno e triuno é adorar ao Senhor errado, o que é idolatria.²¹ Que nos esforcemos por alcançar uma compreensão plena e digna de quem Deus é, para que O adoremos em espírito e em verdade. (Jo 4:24)

~ QUESTÕES PARA ESTUDO ~

1 - Se a palavra “Trinidade” não aparece na Bíblia, como pode essa doutrina ser bíblica?

2 - Como você responderia a alguém que afirmasse que o Espírito Santo é apenas o poder impessoal de Deus?

3 - O que é a “união hipostática” de Cristo? Cite evidências bíblicas.

4 - A Igreja só passou a crer na Trinidade no século IV, depois de Cristo?

²¹ MARBLE, Gary. *Deus e a Santíssima Trindade*. Um Comentário do Capítulo II da Confissão de Fé Batista de 1689. Diadema: O Estandarte de Cristo, 2015. p. 32.

5 - Leia o relato do batismo de Jesus, em Mateus 3:16-17. Como esse texto fortalece a doutrina da Trindade?

6 - Que implicações a Trindade apresenta sobre as demais doutrinas bíblicas?

VERSÍCULOS PARA REFLEXÃO:

Is 40:8 | 2Tm 3:16 | 2Pe 1:19-21 | Jo 5:46
Jr 23:29 | At 15:15 | 2Tm 2:15

NOSSA DECLARAÇÃO: *“Cremos que a Bíblia é a Palavra inspirada de Deus e é nossa autoridade final e soberana em assuntos de fé e prática. Cremos que Jesus Cristo, em Sua vida e nos Seus ensinamentos, como registrado na Bíblia, é o intérprete supremo da vontade de Deus para o ser humano.”*

~ **INTRODUÇÃO** ~

“Em 100 anos, a Bíblia será esquecida e poderá ser encontrada apenas nas prateleiras de museus.” Assim pensava Voltaire, filósofo iluminista do século XVIII, responsável por destruir a fé de inúmeras pessoas. Ele faleceu em 1728; e, 50 anos depois, a Sociedade Bíblica de Genebra adquiriu a sua casa para a impressão de milhares de Bíblias!²² Podemos afirmar que, mais do que nunca, a Bíblia está viva e passa bem.

De fato, de 1997 a 2002, a *United Biblical Societies*, a Associação Mundial de Sociedades Bíblicas, distribuiu 2.979.000.000 de cópias da Bíblia (completa ou porções). Há 200 anos, as Escrituras encontravam-se disponíveis em 68 idiomas; ao final de 2002, esse número havia subido para 2.203, cobrindo mais de 90% da população do mundo! E há projetos de tradução para mais 600 línguas.²³

²² AZEVEDO, Israel Belo de. *O erro de Voltaire*. Disponível em: <http://www.itacuruca.org.br/files/boletins/130811_BOLETIM_ITA.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2018.

²³ BLANCHARD, John. *Por que acreditar na Bíblia?* São José dos Campos: Fiel, 2006. p. 5.

O que torna a Bíblia um livro tão especial? Por que o interesse pela obra aumenta continuamente? Como foi produzida? Qual o propósito de sua escrita? Como podemos nos certificar de que realmente é confiável? O que significa afirmar que a Bíblia é nossa regra de fé e prática?

~ A HISTÓRIA DA BÍBLIA ~

A palavra “Bíblia” é de origem grega e significa “livros” ou “rolos”. O termo (que não aparece na própria obra) passou a designar um conjunto de livros agrupados em único volume. A Bíblia intitula a si mesma como “Palavra de Deus” (Rm 9:6), “Palavra de Cristo” (Cl 3:16), “Livro do Senhor” (Is 34:16), “Oráculos de Deus” (Rm3:2), “Escritura” (2Tm 3:16), “Escrituras” (Jo 5:39), “Sagradas Letras” (2Tm 3:15), “Lei de Moisés, Profetas e Salmos” (Lc 24:44), entre outros nomes.

Trata-se de uma obra inspirada por Deus. (2Tm 3:16, 2Pe 1:19-21) Embora seus livros tenham sido escritos por seres humanos, suas palavras são indicadas pelo Espírito Santo. Isso não significa que o texto da Escritura tenha sido ditado, como se os autores fossem máquinas ou “secretários”. Deus não desrespeitou a personalidade e o estilo de escrita dos profetas que escolhera.²⁴

A Escritura, como a temos hoje, divide-se em duas partes: o **Antigo Testamento** (AT), com 39 livros²⁵; e o **Novo Testamento**

²⁴ HARRIS, R. Laird. *Introdução à Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 14.

²⁵ As versões católicas da Bíblia apresentam sete livros a mais que as protestantes. Esses livros (Tobias, Judite, I e II Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruque), escritos no período intertestamentário, são conhecidos como **apócrifos** ou **deuterocanônicos**. Os protestantes rejeitam-nos pelas seguintes razões: (a) jamais são citados no Novo Testamento como Escritura; (b) foram rejeitados por pais da Igreja, como Melito de Sardes, Orígenes e Jerônimo; (c) a Peshitta, a Bíblia siríaca do século II d.C., não continha tais livros; (d) foram rejeitados pelos judeus no Concílio Judaico de Jamnia, em 90 d.C.; (e) apresentam erros históricos; (f) têm doutrinas contrárias ao restante da Bíblia (como a oração pelos mortos e a salvação pelas boas obras); (g) só foram incluídos na Bíblia no Concílio de Trento (1545-1563), como retaliação à Reforma Protestante. Cf. MCDOWELL, Josh; STEWART, Don. *Respostas àquelas perguntas: o que os céticos perguntam sobre a fé cristã*. São Paulo: Candeia, 1990. p. 52-54.

mento (NT), com 27. O Antigo Testamento foi escrito na língua hebraica (com alguns trechos de Daniel e Esdras em aramaico), de 1400 a.C. até cerca de 400 a.C. O Novo Testamento foi produzido em grego²⁶, entre as décadas de 40 e 90 d.C.²⁷ Esses 66 livros foram compostos por cerca de 40 autores de muitas terras e em circunstâncias bastante distintas. Os autores ocupavam diversas posições sociais (Josué era chefe militar; Salomão, rei; Jeremias, sacerdote; Amós, boiadeiro; Mateus, coletor de impostos; Lucas, médico; Paulo, fabricante de tendas etc.). Escreveram em diversos gêneros literários, sobre variados assuntos.

O Antigo Testamento divide-se em cinco grupos: os cinco livros da Lei (Gênesis a Deuteronômio); 12 são históricos (Josué a Ester); outros cinco, poéticos (Jó a Cântico dos Cânticos); cinco pertencem a Profetas Maiores (Isaías a Daniel) e 12, a Profetas Menores (Oseias a Malaquias).²⁸ Ele descreve como Deus realizou a Aliança com um povo específico (Israel) e preparou-o para a vinda do Salvador, dando-lhe mandamentos, promessas, profecias e ritos especiais. Israel, constantemente, caía em apostasia e afastava-se dos caminhos divinos, mas o Senhor sempre lhes deu a conhecer tanto o Seu juízo quanto a Sua misericórdia.

O Novo Testamento inicia com os quatro Evangelhos (Mateus a João), obras que descrevem a vinda do Messias prometido, o Senhor Jesus. O livro de Atos dos Apóstolos, uma continuação do Evangelho de Lucas, descreve os conflitos e avanços da Igreja cristã primitiva. A seguir, vêm as cartas de Paulo e dos demais apóstolos, fornecendo orientações doutrinárias e práticas para a Igreja. E, por fim, a Escritura encerra-se com o Apocalipse de João, que trata de acontecimentos

²⁶ Dois pais da Igreja primitiva, Papias e Orígenes, fornecem testemunho de que o Evangelho de Mateus foi escrito, primeiramente, em hebraico, antes de sua tradução para o grego.

²⁷ Mas John A. T. Robinson (1919-1983) concluiu, após investigação histórica, que todos os livros do NT foram escritos antes de 64 d.C. Seus argumentos estão relatados em sua obra, *Redating the New Testament* (Londres: SCM Press, 1976).

²⁸ HARRIS, R. Laird. 2015. p. 47.

futuros. “O Antigo Testamento é a preparação. (Is 40:3) Os Evangelhos, a manifestação. (Jo 1:29) O livro dos Atos mostra-se como a propagação. (At 1:8) As Epístolas são a explicação (Cl 1:27); e o Apocalipse, a consumação. (Ap 1:7) A Bíblia é toda sobre Jesus.”²⁹

Mas, como todos esses escritos vieram a formar o cânon sagrado³⁰? Segundo Ralph O. Muncaster, três seções da Bíblia foram canonizadas em diferentes épocas: a Torá ou lei de Moisés; o *Tanakh* ou o Antigo Testamento; e o Novo Testamento.³¹

Os primeiros cinco livros da Bíblia foram imediatamente recebidos pelo povo judeu como Sagrada Escritura. (Êx 19:1-8) Após verem todos os sinais realizados, por intermédio de Moisés, para a libertação do Egito, ele foi reconhecido como porta-voz oficial do Senhor. Jesus confirmou a inspiração da Torá e afirmou que ela apontava para Ele. (Jo 5:46)

Os livros restantes do Antigo Testamento foram sendo recebidos como Escritura, em tempos diferentes. Por exemplo, quando Daniel estava na Babilônia, o livro de Jeremias já fazia parte do cânon. (Dn 9:2) As profecias de curto prazo cumpridas eram utilizadas para determinar se um profeta falava em nome do Senhor. (Dt 18:20-22) O Antigo Testamento, como um todo, foi oficializado como Escritura após 167 a.C., quando o governante sírio Antíoco Epífanes IV profanou o templo, gerando uma revolta do povo judeu.

Os apóstolos possuíam autoridade por terem sido diretamente escolhidos por Cristo. Os livros do Novo Testamento, escritos pelos apóstolos ou por seus companheiros (Lucas foi companheiro de Paulo; e Marcos, de Pedro), foram logo recebidos pela Igreja cristã. Pedro chega a igualar as cartas de Paulo às Escrituras do Antigo Testamento (2Pe 3:16), e Paulo cita o evangelho de Lucas lado a lado com Deuteronômio

²⁹ MCDOWELL, Josh; STEWART, Don. 1990. p. 14.

³⁰ O termo “cânon” (ou cânone) é usado para se referir à lista dos livros divinamente inspirados.

³¹ MUNCASTER, Ralph O. *Examine as evidências*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 213-218.

(compare 1 Tm 5:18 com Dt 25:4 e Lc 10:7), ainda antes do final do primeiro século. Embora tenham ocorrido algumas discussões sobre a autenticidade de alguns livros, Irineu (nascido em 130 d.C.) e Orígenes (nascido em 180 d.C.) relacionaram a lista dos 27 livros do Novo Testamento. A oficialização final do cânon ocorreu no Concílio de Cartago, em 397 d.C.³²

~ A BÍBLIA É A PALAVRA DE DEUS ~

Os críticos, muitas vezes, afirmam que a Bíblia é um livro não confiável, com diversos erros, modificado inúmeras vezes, ao longo da História. Mas Deus forneceu-nos várias evidências quanto à confiabilidade e à origem divina de Sua Palavra. Vejamos alguns exemplos.

a) Harmonia interna. Como apontado anteriormente, apesar de toda a diversidade de autores, circunstâncias, datas de escrita, gêneros literários e assuntos tratados, do início ao fim, a Bíblia é uma unidade coerente e harmônica, apontando para Jesus Cristo. Essa harmonia interna só pode ser explicada pela supervisão divina em sua produção, ao longo dos séculos.

b) Precisão científica. Embora a Bíblia não seja um livro de Ciências (pois seu objetivo é mostrar ao homem o caminho da salvação em Jesus Cristo), quando ela aborda questões científicas, apresenta informações corretas e, muitas vezes, antes da própria Ciência descobri-las!³³ Eis alguns exemplos: o universo teve um começo no tempo (Gn 1); a Terra é esférica (Is 40:22), apresenta magma abaixo de sua superfície (Jó 28:5) e paira sobre o nada (Jó 26:7); o ar possui peso (Jó 28:25); a água passa por um ciclo natural (Ec 1:7, Am 5:8 e Jó 36:27-

³² É importante destacar que, ao contrário das afirmações do Catolicismo, a Igreja não *determina* quais livros fazem parte da Bíblia; isso é prerrogativa de Deus. A Igreja apenas *reconhece* os livros inspirados.

³³ LIEBL, Roger. *Bíblia e ciência*. A ciência está atrasada. Porto Alegre: Chamada, 2016. 70 p.

28); o dia ideal para a circuncisão (Gn 17:2)³⁴; o ano sabático (Lv 25), que permitia a recuperação da camada de húmus do solo; o isolamento dos doentes (Lv 13:46) e a importância do saneamento básico (Dt 23:12-13).

c) Incomparável preservação. A cópia hebraica mais antiga que possuíamos do Antigo Testamento datava de 1008 d.C., até 1947. Nesse ano, descobriram os famosos *Manuscriptos do Mar Morto*, um conjunto de textos bíblicos da época de Cristo e ainda anteriores. Foram encontradas cópias de cada livro do Antigo Testamento, com exceção do de Ester. Tais documentos comprovaram que o Antigo Testamento lido por Cristo corresponde, exatamente, ao que temos em nossas Bíblias hoje!³⁵

Em relação ao Novo Testamento, possuímos 5.500 manuscritos gregos dos primeiros séculos depois de Cristo, além de 18.000 textos em outras línguas. O fragmento mais antigo data de 120 d.C. A cópia mais velha que possuímos de *As Guerras Púnicas* de César é de 1.000 anos após ser escrita. A primeira cópia completa da *Odisseia*, de Homero, surge 2.200 anos após sua redação. Comparada com outras obras históricas, o Novo Testamento é insuperável.³⁶

d) Comprovação histórica. Como nenhuma outra obra, os relatos históricos da Bíblia têm sido comprovados pelas pesquisas da Arqueologia, ciência que estuda os vestígios deixados pelos povos antigos.³⁷ Mais de 50 personagens citados no Antigo Testamento tiveram sua existência atestada³⁸. Sir William Ramsay, geógrafo do século XIX, inicialmente cético,

³⁴ No oitavo dia de vida, após um período de baixa concentração, o teor de protrombina (proteína envolvida no processo de coagulação) eleva-se a 110% no sangue, retornando a patamares normais no nono dia. Não haveria como Abraão saber disso há quatro mil anos!

³⁵ MCDOWELL, Josh; STEWART, Don. 1990. p. 42.

³⁶ MCDOWELL, Josh; STEWART, Don. 1990. p. 16, 17.

³⁷ PRICE, Randall. *Arqueologia bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013. 383 p.

³⁸ MYKYTIUK, Lawrence. Archaeology confirms 50 real people in the Bible. *Biblical Archaeology Review*, v. 40, n. 2, Mar/Abr 2014.

após realizar uma pesquisa profunda sobre o livro de Atos dos Apóstolos, descobriu que a obra estava correta quanto às referências a 32 nações, 54 cidades e nove ilhas diferentes!³⁹

e) Surpreendentes profecias. No livro do profeta Isaías, Deus afirma que Ele é o único capaz de declarar acontecimentos ainda não ocorridos. (Is 46:9-10) De acordo com Werner Gitt, a Bíblia apresenta 6.408 versículos proféticos; a maioria deles já se cumpriu, exatamente como predito.⁴⁰ Ao contrário das predições vagas de Nostradamus, ou dos horóscopos publicados em jornais, a Bíblia apresenta profecias reais, envolvendo pessoas específicas (Is 44:28), locais determinados (Mq 5:2) e até datas marcadas (Dn 9:24-27). Jesus Cristo cumpriu cerca de 300 profecias do Antigo Testamento, constituindo a sólida confirmação de que Ele é o Messias prometido.⁴¹

f) Influência positiva. A Bíblia criou a “alma da civilização ocidental”. Sua influência está relacionada ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia, da pintura, da música, da literatura, da arquitetura, do pensamento racional, da moralidade, da liberdade, entre outras áreas.⁴² Acertadamente declarou Horace Greeley: “É impossível escravizar, mental ou socialmente, um povo que lê a Bíblia. Os princípios da Bíblia são os alicerces da liberdade humana.”.

g) Indestrutibilidade. Diversos reis, imperadores e ditadores já fizeram todo o possível para evitar a circulação e até destruir os exemplares existentes das Escrituras Sagradas. Nenhum conseguiu, pois a *“Palavra de nosso Deus permanece eternamente”*. (Is 40:8)

h) Atemporalidade. Ao contrário dos livros humanos,

³⁹ GEISLER, Norman; HOWE, Thomas. *Manual de dificuldades bíblicas*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015. p. 313.

⁴⁰ GITT, Werner. *Perguntas que sempre são feitas*. Porto Alegre: Chamada, 2005. p. 33.

⁴¹ MCDOWELL, Josh. *Novas evidências que demandam um veredito*. São Paulo: Hagnos, 2013. p. 354.

⁴² MANGALWADI, Vishal. *O livro que fez o seu mundo: Como a Bíblia criou a alma da civilização ocidental*. São Paulo: Vida, 2013. 462 p.

que perdem a “validade” ao mudarem a época e a cultura, dois mil anos depois “a Bíblia é mais atual do que o jornal que irá circular amanhã”. (Billy Graham)

i) Poder transformador. Que outro livro tem sido capaz de transformar milhões de vidas ao longo da História, trazendo-lhes cura, paz, esperança e restauração? O poder transformador da Bíblia indica a sua origem: *“Não é a minha palavra como fogo, diz o Senhor, e como um martelo que esmiúça a pedra?”* (Jr 23:29)

Você já foi transformado por esse livro?

~ A BÍBLIA É A AUTORIDADE FINAL EM ASSUNTOS DE FÉ E PRÁTICA ~

“Hoje, 1675, estou com o Novo Testamento de meu avô Cook, impresso em 1549, que ele escondeu em sua cama de palha para que não fosse achado e queimado nos dias da rainha Maria”, escreveu Samuel Hubbard, em seu diário. Tal Bíblia é o livro mais antigo nos arquivos históricos da Igreja Batista do Sétimo Dia. O exemplar de Hubbard permanece como símbolo das lutas que nossos pioneiros enfrentaram a fim de manterem “sua consciência cativa à Palavra de Deus”.⁴³

Como os demais protestantes, os Batistas do Sétimo Dia apegam-se ao princípio do *“Sola Scriptura”* [Somente a Escritura]. Isso significa que apenas a Bíblia é a regra de fé e de prática para o cristão, estando acima de opiniões, sentimentos, concílios e tradições humanas. Todo ensinamento que não está de acordo com a Palavra deve ser rejeitado, sendo considerado não proveniente de Deus.

Quando desafiado pelas tentações de Satanás, Cristo citou as Escrituras como Sua arma de defesa. (Mt 4:1-11) Ele criticou fariseus e escribas por colocarem suas tradições acima da Palavra escrita (Mt 15:3-9); e aos saduceus, por não conhecerem as Escrituras. (Mt 22:29)

⁴³ SANFORD, Don A. *Consciência cativa*: Um breve relato histórico sobre os Batistas do Sétimo Dia. Curitiba: CBSDB, 2005. p. 12.

Igualmente os apóstolos utilizaram a Escritura como regra de fé. Em suas pregações, anunciavam a Cristo por meio das passagens do Antigo Testamento. (At 2:14-36, 3:11-26) No primeiro concílio cristão, ocorrido na cidade de Jerusalém, ao se debater a aceitação dos gentios na comunidade cristã, Tiago fez questão de destacar que *“conferem com isto as palavras dos profetas, como está escrito”*. (At 15:15) Paulo declarou a Timóteo que, desde a infância, conhecia as Sagradas Letras; elas poderiam torná-lo sábio para a salvação (2Tm 3:15), e encorajou-o a manejar bem a Palavra da verdade. (2Tm 2:15)

Um dos primeiros pais da Igreja, Irineu de Lyon (130-202 d.C.), declarou: “Nada mais temos aprendido acerca do plano de nossa salvação, senão por meio daqueles por quem o Evangelho chegou a nós, o qual eles pregaram inicialmente em público. Em tempos mais recentes, pela vontade de Deus, foi-nos legado por eles nas Escrituras para que sejam fundamento e pilar de nossa fé.”⁴⁴

Ao crermos que “a Bíblia é a Palavra inspirada de Deus e é nossa autoridade final em assuntos de fé e prática cristã”, seguimos o exemplo de Cristo, dos apóstolos e dos primeiros cristãos.

~ CONCLUSÃO ~

Conta-se a história de um menino de uma família cristã que, ao encontrar uma Bíblia em sua casa, correu até a mãe e perguntou: “Mãe, é verdade que esse é o livro de Deus?”. “Sim, meu filho, é verdade.”, respondeu a mãe. “Então, por que a gente não devolve para Ele, já que não usamos mesmo?”, completou o menino.

A narrativa ilustra a falta de consideração com que muitos cristãos têm se relacionado com a Bíblia. Em dezenas de países, nossos irmãos são perseguidos e até mortos por portarem um exemplar da Escritura; contudo, em outros, com plena liberdade religiosa, esse livre-arbítrio, muitas vezes, não é

⁴⁴ *Contra as heresias* 3.1.1.

aproveitado como deveria.

Não há desculpa para sermos negligentes. Diversas versões da Bíblia estão disponíveis, atualmente, para leitura, bem como ferramentas para auxiliarem na sua compreensão: comentários, concordâncias, atlas, dicionários, enciclopédias e obras de Teologia sistemática. O estudo é inesgotável. Assim como um mergulhador que avança em maiores profundidades e descobre novas riquezas e formas de vida, o “mergulho” na Palavra de Deus apresenta-nos novas maravilhas sobre o Seu caráter e Seus planos para nossa vida. Busque “ler, ouvir e guardar” (Ap1:3) a carta de amor que Deus escreveu-lhe. Ademais, “nós não lemos a Bíblia; a Bíblia nos lê” (David Paul Kirkpatrick), pois “Se queremos impactar DRAMATICAMENTE o mundo para melhor, precisamos que nossos corações e mentes sejam impactados DRAMATICAMENTE pela Palavra de Deus”. (Jayce O’Neal)

~ QUESTÕES PARA ESTUDO ~

1 - Aponte alguns títulos que a Bíblia aplica a si. O que podemos aprender quanto a esses nomes?

2 - Descreva, resumidamente, o processo de formação da Bíblia.

3 - Que evidências podem-se citar que sejam indicativas da origem divina da Bíblia?

4 - O que significa afirmar que a Bíblia é a única e suficiente regra de fé e de prática para o cristão?

5 - Consulte uma Bíblia de Estudo, ou um comentário bíblico, e faça uma tabela, indicando os livros, seus autores e as datas de escrita.

6 - Que benefícios a leitura e o estudo da Bíblia podem trazer ao cristão? (Sl 19:7-11, 119:105; Jo 5:39; 2Tm 3:15-17)

VERSÍCULOS PARA REFLEXÃO:

Gn 1:27 | Gn 2.7 | Gn 2.21 | Gn 2:18
Jo 4:24 | Is 5:20 | Gn 3:15

NOSSA DECLARAÇÃO: *“Cremos que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus; ele é a obra mais nobre de toda a Criação. Acreditamos que os homens têm responsabilidades morais e foram criados para desfrutarem de uma comunhão com Deus e com os demais seres humanos, como filhos do Senhor.”*

~ **INTRODUÇÃO** ~

A origem do ser humano tem sido tema de debate, há séculos. O impulso decisivo para o fomento sobre o assunto ocorreu como consequência do labor científico, desenvolvido ao longo dos séculos XIX e XX. As teorias e os métodos de pesquisa agitaram não só a comunidade científica, em todo o mundo, como também a sociedade em geral.

No que diz respeito ao tema específico de nosso presente estudo, destaco inquietações e controvérsias trazidas pela tese da “Origem das Espécies”. Essa teoria foi defendida pelo naturalista britânico Charles Darwin⁴⁵. A primeira edição de seu livro *A Origem das Espécies* foi publicada em 1859 e, a partir de então, o mundo não seria mais o mesmo.

A defesa de Darwin, e de tantos outros, chocou-se e, ainda hoje vai de encontro, com a cosmovisão cristã sobre a ori-

⁴⁵ Mas ele não foi o único. Alfred Russel Wallace havia escrito um ensaio, em 1858, como resultado de pesquisas feitas em ilhas da Indonésia. Nesse texto científico, ele apresenta as bases da “Teoria da Evolução”. Além de ter sido um biólogo, Wallace foi geógrafo e antropólogo.

gem não só das espécies como também da dos seres humanos. Como a vida teria surgido? Mesmo reconhecendo o peso de tamanha pergunta, ou seja, ciente de que não é uma indagação tão simples de se responder, e que poderia abrir um diálogo proveitoso com outras áreas do conhecimento, este estudo irá se ater, especificamente, ao texto bíblico como base à crença de que o Ser Humano foi criado por Deus.

~ A ORIGEM DO HOMEM ~

A comunidade de cristãos Batistas do Sétimo Dia acredita, conforme o relato bíblico, que o homem surgiu como resultado de um ato criativo de Deus. No caso do sexo masculino, o Senhor formou o seu corpo do pó da terra e, depois, soprou-lhe o fôlego de vida. (Gn 2.7) Somente após insuflar o fôlego de vida é que o homem passou a ser alma vivente. A mulher foi criada a partir de uma costela do homem. (Gn 2.21)

Como se pode perceber, a narrativa bíblica apresenta duas versões da criação do primeiro casal humano. Longe de ser uma contradição, os relatos complementam-se. Em Gênesis 1.27, a narração é genérica, e o seu redator situa-a dentro dos demais textos criativos, referentes aos mundos animal e vegetal. Isto é, em Gênesis 1, temos a ordem de como tudo foi criado. E, no capítulo 2, o redator procura dar mais detalhes sobre os seres humanos; ele apresenta inclusive a razão da elaboração da mulher. (Gn 2:18) Esses pormenores dão sinais da importância do ser humano no seio da Criação. O Homem foi a obra-prima de Deus. Por isso, na sequência dos demais capítulos de Gênesis, não será a natureza; e, sim, o primeiro casal (nomeado de Adão e Eva) e sua descendência a ganharem destaque no texto. A proeminência de Adão e Eva está embasada em outro fator; eis o que discutiremos no próximo tópico.

~ A IMAGEM DE DEUS NO HOMEM ~

Três fatores conferiram ao homem um destaque especial em comparação ao restante do mundo criado. Primeiramente,

é certo que a criação do casal humano foi resultado de um plano concebido e executado pelo próprio conselho divino. Está escrito: “... *façamos o homem à nossa imagem e semelhança*” (Gn 1:26); portanto, parece que o Pai, o Filho e o Espírito Santo convergiram no mesmo desejo.

Em segundo lugar, a criação de Adão e de Eva tornou-se especial porque foi um ato direto de Deus. Quanto aos demais seres, Ele “falou”; no caso do homem, envolveu-se diretamente: deu forma a um protótipo feito do pó da terra e, posteriormente, colocou algo de Si (o fôlego de vida). Por fim, outro fator contundente confere o aspecto especial; pode-se dizer que o ser humano porta a imagem e a semelhança de Deus.

Já se estudou, em outro artigo da revista da Escola Bíblica, que essa imagem e a semelhança não significam que Deus tenha um corpo e uma forma humana. A semelhança entre os seres humanos e Deus relaciona-se a certos atributos, como capacidade de raciocínio, sentimentos, planejamento, ter uma consciência etc⁴⁶. Assim, não faz do homem um ser completamente idêntico a Deus. O Senhor é o Criador; e o homem, apenas um ser criado. Logo, ao compararmos capacidades e habilidades humanas às de Deus, precisamos resguardar essa diferença fundamental. Deus conhece o futuro, o homem não tem tal competência. Deus sonda os corações, o homem, às vezes, nem sabe o que vai no próprio coração!

Resguardadas as proporções, é preciso entender que foi justamente essa semelhança com o Criador que possibilitou ao primeiro casal (e à sua descendência) participar de um pacto, uma aliança com Deus. O Senhor criou-nos com a capacidade para responder-Lhe. Esse ponto é altamente significativo; sem isso, os projetos cultural, familiar e espiritual que Deus desenhou para os seres humanos simplesmente não seria viável. Caberia ao casal encher a e multiplicar-se na Terra, governar

⁴⁶ Para mais detalhes sobre “imagem” e “semelhança”, confira: GOMES, Daniel M. *Criação e queda do homem*, capítulo 3, In: **Fundamentos da Fé Cristã: um guia de estudos**. Curitiba, PR: CBSDB, 2013 [3º trimestre de 2013].

sobre as demais coisas e seres criados. E em consonância com uma vida de adoração.

Sendo o homem um ser que responde a Deus, é preciso entender por que escolhas/decisões que tomamos são tão significativas.

~ AS RESPONSABILIDADES MORAIS E ESPIRITUAIS DO HOMEM ~

Governar a Terra, trabalhar, construir uma família, educar filhos, desenvolver o conhecimento e as tecnologias nunca foram concebidas por Deus como áreas a serem separadas da espiritualidade. Se o pecado não tivesse sido uma escolha de Adão e Eva, hoje experimentaríamos uma vida perfeita em sociedade, com uma estrutura que somente em sonhos podemos imaginar.

O fato de ter sido criado conforme a imagem e a semelhança de Deus fez com que o ser humano tenha capacidade de responder moral e espiritualmente ao Senhor. Isso porque o Criador é um ser assim. (Jo 4:24) O moral e o espiritual são colocados juntos, pois estão visceralmente ligados. O espiritual não tem a ver apenas com ir à igreja, ler a Bíblia e fazer orações. Essa concepção parcial e limitada foi erroneamente cultivada, ao longo do tempo. Contudo, admitimos que, no senso comum, aquilo que é espiritual está associado a uma vida de fé, de relacionamento com o divino. Ou seja, uma vida que busca o sobrenatural e o transcendental, que segue numa lógica contrária ao natural ou ao material. O quadro que a Bíblia apresenta de um ser dotado de moralidade e espiritualidade é o que revela o ser humano com a capacidade de avaliar entre o certo e o errado com base no padrão divino. Na cosmovisão cristã, acreditamos que Deus é quem oferece tal padrão.

No relato da queda, no capítulo 3 de Gênesis, somos informados de como a dúvida, a inquietação e um desejo enganoso acabam se instalando no coração desse primeiro casal. Ambos acharam que era possível adquirir um conhecimento sobre o bem e o mal, que os tornariam iguais a Deus. A ironia

disso tudo é que os dois já eram, de certa forma, semelhantes a Ele! Esse relato bíblico revela como e por que o casal errou. E esse engano custou muito caro: toda a raça humana foi coberta pelas consequências. Adão e sua descendência passaram, dia a dia, a experimentar uma degeneração na relação com Deus, com os outros e consigo.

Progressivamente, a humanidade foi solapada pela inversão de valores. Como bem disse Isaías, *“Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem da escuridão luz; e da luz, escuridão; põem o amargo por doce, e o doce, por amargo”* (Is 5:20). Logo, a comunhão com Deus, com a qual os seres humanos foram criados, encerrou-se. O homicídio, a desfragmentação familiar, a cobiça, o egocentrismo e o estabelecimento de uma cultura que abandonou Deus (Gn 6:3), paulatinamente, tornou-se a regra. Não foi à toa que, no capítulo 6 de Gênesis, aparece o relato do dilúvio, um juízo que Deus lançou sobre a humanidade da época, devido à proliferação do pecado. A resposta moral e a espiritual da humanidade eram cada vez piores.

Apesar desse quadro negativo, o Senhor havia feito uma promessa: um descendente muito especial da mulher (Gn 3:15) apontaria uma saída para o caos. Hoje, graças à revelação da nova aliança, sabemos que Ele chama-se Jesus, o Cristo. Por causa de Sua vida e da obra, as pessoas podem abandonar as veredas do pecado e trilhar pela justiça. Não será um caminho perfeito, pois ainda somos falhos. Contudo, buscar fazer a vontade de Deus é dar as respostas moral e espiritual que Ele espera de qualquer um que queira receber a vida eterna.

~ CONCLUSÃO ~

Vimos, simplificadamente, que a questão sobre a origem da humanidade ainda suscita bastante discussão. Nossa atual geração é herdeira de uma lógica em que as Ciências têm peso e autoridade para atestarem fatos e verdades. Mas ainda que nem todos deem tanto crédito a elas, o que temos encarado é uma triste realidade - muitos veem a Bíblia apenas como um

“livrinho de histórias”. Até acreditam numa divindade, mas não defendem que a Bíblia mereça o status de regra de fé e prática.

Há outro contingente de pessoas que se posiciona radicalmente contra a existência de Deus, da religião e outros itens do gênero. Elas declaram-se ateias. Inclusive, alguns são militantes e tentam convencer qualquer religioso de que as divindades são pura ilusão, assim como o sobrenatural, insano.

Acreditamos que o primeiro homem e a primeira mulher foram criados por Deus. A humanidade não é resultado de um processo complexo de evolução de espécie. Após a criação do primeiro casal, Deus dotou-o com a capacidade de gerar filhos com as mesmas características genéticas. Isso mostra que a narrativa da origem da humanidade é simples, mas o desenvolvimento de uma vida é algo complexo.

A Bíblia não se propõe a ser um manual de biologia genética, ou de qualquer outra área do conhecimento. Ela é a nossa história, do ponto de vista de Deus. Jamais nos oferecerá todas as respostas. E, apesar de desfigurada, ainda carregamos a imagem divina; por isso, ainda temos a capacidade de responder-Lhe moral e espiritualmente. Assim, qualquer pessoa que ouvir a voz de Deus deve se arrepender, confessar os pecados e passar a crer em Jesus como o Senhor e Salvador. Essa é a reposta que agrada a Deus e resume o fato de que fomos criados para adorar a Deus!

~ QUESTÕES PARA ESTUDO ~

1 - O que entende sobre *criacionismo* versus *evolucionismo*?

2 - Você poderia mencionar os três fatores que fazem do ser humano a obra mais especial de Deus?

3 - O que significa carregar a imagem de Deus? Tal imagem foi perdida por causa da entrada no pecado, no mundo e na vida das pessoas?

4 - O que significa a palavra *responsabilidade*? O que seria *responsabilidade* moral e a espiritual?

PECADO E SALVAÇÃO

PR. CLAUDIR DE OLIVEIRA

05

VERSÍCULOS PARA REFLEXÃO:

Rm 6:23 | Rm 3:23 | Is 59.2 | Rm 2:23
1Co 15:22 | Gn 6:5 | 2Ts 1:9

NOSSA DECLARAÇÃO: *“Cremos que pecado é a desobediência a Deus e o fracasso em viver de acordo com Sua vontade. Por causa do pecado, todas as pessoas separaram-se de Deus e, em virtude disso, necessitam de um Salvador. Acreditamos que a salvação do pecado e da morte é o dom do Senhor, manifestando Seu amor na redenção por meio da morte e da ressurreição de Cristo, e tal salvação só é recebida por aqueles que se arrependem dos pecados e recebem Jesus como o Salvador. Assim, não serão castigados no julgamento final e desfrutarão da vida eterna.”*

~ INTRODUÇÃO ~

“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”. (Rm 3:23). Esse texto revela que temos um grande problema que se chama pecado. Ele é universal e não pode ser resolvido por nós mesmos. Não faz diferença alguma quem somos, ou a qual nação pertencemos. Como afirma nossa declaração de fé, somos todos culpados do “fracasso em não viver de acordo com Sua vontade”.

Na primeira parte do estudo, abordaremos esse grande problema, o pecado; sua origem, consequências, o primeiro pecado no Éden e as consequências para toda a humanidade.

~ ORIGEM DO PECADO ~

O estudo sobre o pecado pode parecer uma matéria des-

necessária e pouco atraente. Porém, é de suma importância conhecer mais; afinal de contas, é o pecado que causa separação entre nós e Deus. (Is 59.2) Se soubermos como ele acontece, poderemos nos antecipar e não pecar. O estudo da doutrina do pecado, a *Hamartiologia*⁴⁷, é vital, pois ajuda-nos a compreender outras doutrinas bíblicas, especialmente a de Cristo e a da Salvação.

A Bíblia, tanto no Antigo Testamento como no Novo, faz uso de diversos termos para referir-se ao pecado. Existem pelo menos oito palavras básicas no Antigo Testamento; e cerca de 12, no Novo. Cada uma delas descreve aspectos diferentes do pecado na vida do indivíduo e na sociedade. E, juntas, apresentam os conceitos básicos envolvidos nessa doutrina.⁴⁸

O termo mais comum, no Antigo Testamento, é *chata*. Em todas as suas formas, a palavra usada para indicar pecado aparece 522 vezes e expressa a ideia de “errar o alvo”, falhar. (Cf. Êx 20:20; 32:20) Outro vocábulo hebraico empregado é *peshah*, que tem o sentido de *rebelião ativa*, uma transgressão da vontade de Deus. (Sl 51:13; Pv 28:13; Is 1:2) *Shagah* dá a ideia de *errar, desviar-se, ou extraviar-se*, como uma ovelha ou bêbado. É o que denominamos de “pecado por ignorância”. (Lv 4:2,13; Nm 15:22; Is 28:7) A palavra hebraica *awon* está associada a uma forma verbal, indicando *torcer* e refere-se à culpa produzida pelo pecado. (1Sm 3:13; 1Rs 17:18)⁴⁹

O principal termo, enfim, para pecado, no Novo Testamento, é *hamartia*, aparecendo de várias formas, por 227 vezes. Pode ser traduzido por “errar o alvo, falhar, desviar-se de um curso reto, ou errar devido à ignorância”. Também abrange o sentido de “fracasso, falta e delito concreto”. (Mt 1:21; Jo 1:29.

⁴⁷ Hamartiologia - “hamartia” é um vocábulo grego que significa pecado, errar o alvo. E “logia”, outro termo grego que significa ciência, estudo, análise. Logo, hamartiologia indica o estudo do pecado, a ciência do pecado. É também uma matéria da Teologia sistemática, na qual se estudam origem, consequências, consumação e ação do pecado.

⁴⁸ RYRIE, Charles Caldwell. *Teologia básica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. p. 239.

⁴⁹ MILNE, Bruce. *Estudando as doutrinas da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: ABU, 1993. p. 107.

At 2:38) *Adikia* exprime a ideia de *falta de retidão ou injustiça*. Em sentido amplo, refere-se a qualquer conduta errada. (Lc 16:9; Rm 1:18; 1Co 6:8; 2Ts 2:10) *Parabasis* traz o significado de “transgressor”; é uma palavra normalmente ligada à quebra específica da Lei. (Rm 2:23; 4:15; 5:14; Gl 3:19)

O vocábulo grego *anomia* é, com frequência, traduzido como “transgressão” ou “iniquidade” e significa literalmente “sem lei”. Expressa também *ilegalidade*. (Mt 13:41; 1Tm 1:9; 1Jo 3:4) *Asebeia* reflete bastante o conceito de *impiedade* (Rm 4:5; Tt 2:12), enquanto *ptaiō* representa mais um *tropeço moral*. (Tg 2:10)⁵⁰

Em Gênesis 3, temos a descrição da origem do pecado no mundo. O diabo, que já havia se rebelado contra Deus, usou como instrumento uma criatura astuta para aproximar-se da mulher, no Jardim do Éden. Satanás não dá origem a nada; é um astuto imitador que disfarça seu verdadeiro caráter. Se necessário, pode até se passar por um anjo de luz. (2Co 11:14) Quando chegou ao jardim, usou o corpo de uma serpente, uma das criaturas de Deus e que o Senhor havia declarado ser “boa”. (Gn 1:31). E agiu da seguinte maneira:

a) Tentou confundir a mulher com relação ao que Deus disse. O Senhor ordenou: *“Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás”*. (Gn 2:17) Perceba como Satanás altera a Palavra de Deus e acrescenta-lhe algo, tornando o mandamento muito pesado: *“É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?”*. (Gn 3:1) A intenção, nessa primeira investida, foi induzir Eva a pensar que Deus estava restringindo a liberdade do homem, e que Ele não era bom.

b) Na segunda investida, Satanás nega a veracidade da Lei de Deus, introduzindo a descrença quanto à Palavra. A serpente disse: *“Certamente não morrereis”*. (Gn 3:4) Isto é, *“Deus não pretendia dizer o que disse”*;

c) O diabo revela uma interpretação errada da intenção de Deus, manifesta em Seu mandamento. *“Porque Deus sabe*

⁵⁰ MILNE, Bruce. Op. cit., p. 107. RYRIE, Charles Caldwell. Op. cit., pp. 241, 242.

que, no dia em que dele comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal". (Gn 3:5) Assim, conseguiu lançar dúvida no coração de Eva quanto à bondade e à fidelidade de Deus.

Eva deixou a incredulidade entrar em seu coração e, depois, veio a desobediência; ela, então, tomou o fruto e comeu. E, ainda, levou uma parte dele a seu marido, que também comeu. Ambos desobedeceram ao Senhor. Eva foi enganada, mas Adão pecou intencional e conscientemente. (1Tm 2:14) É por isso que Paulo indica Adão - e, não, Eva - como aquele que trouxe o pecado e a morte sobre a raça humana (Rm 5:12-21): *"Em Adão, todos morrem"*. (1Co 15:22)

~ CONSEQUÊNCIAS DO PECADO ~

O pecado trouxe consequências imediatas para o casal. Primeiramente, causou sentimentos ruins que os dois nunca tinham experimentado, como medo (Gn 3:10) e vergonha (Gn 3:7-8). O amor de Deus pelo pecador, de maneira alguma, elimina Sua santa abominação pelo pecado. Por isso, todos receberam uma sentença; a partir de então, a serpente rastejaria.

Satanás soube que, um dia, Deus enviaria um redentor e, assim, a declaração de guerra contra ele estava feita! A mulher sofreria grandes dores para dar à luz; o homem, diariamente, sofreria ao trabalhar no campo. Adão iria se deparar com obstáculos e teria de labutar; de seu suor, dependeria a colheita. Isso serviria para lembrá-lo de que sua desobediência havia afetado toda a criação. (Rm 8:18-23) Ademais, enquanto lavrasse o solo, lembraria que um dia morreria e voltaria para o solo do qual havia vindo.

Deus considera o primeiro Adão como o cabeça da raça humana, a velha criação. Quando pecou, nós pecamos com ele e, por intermédio dele, sofreremos as consequências do pecado e da morte. Eis as consequências para a humanidade:

Separação entre Deus e o homem. Adão e Eva foram expulsos do Jardim (Gn 3.23-24), e os nossos pecados afastam-nos de Deus. Diz o profeta Isaías: *"mas as vossas iniquidades*

fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o Seu rosto de vós, para que não vos ouça”. (Is 59:2)

Corrupção da natureza do homem. Não muito tempo após o primeiro pecado, *“viu o SENHOR que a maldade do homem multiplicar-se sobre a Terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má, continuamente”*. (Gn 6:5)

Distúrbios sociais. A queda manifestou a consequência na relação do homem com o próximo. Adão e Eva trocou acusações; posteriormente, veio o relato do primeiro assassinato. (Gn 4) Desde então, podemos ver essa terrível consequência nas guerras e nas injustiças sociais.

Sofrimento. O mundo passou a ser um palco de sofrimento. O ser humano sofre pela falta de unidade e de amor, assim como pelos conflitos sociais. Sofre também para obter o sustento, pois a Terra tornou-se maldita. (Rm 8:20)

Morte. A consequência mais drástica do pecado é a morte. (Ez 18:20, Rm 6:23) E surgiu a morte tríplice: *espiritual* (Ef 2:1-4, Cl 2:13, Jo 3:36, Jo 5:11-12), *física* (Rm 5:12-14, Hb 2:14-15) e *eterna* (2Ts 1:9, Ap 20:11-15).⁵¹

A humanidade sofre com todos esses males, devido à desobediência à Lei de Deus. Há quem questione, dizendo que não é justo que sejamos culpados pelos erros de Adão. Realmente não é, porém é importante ressaltar que cada um de nós é julgado pelas próprias ações, pois, desde que o homem desobedeceu-Lhe, o pecado entrou no mundo. Daí em diante, a humanidade tem falhado em viver de acordo com as normas divinas.

A quebra de nossa relação com Deus também afetou diretamente nosso relacionamento com os semelhantes. Adão voltou-se contra Eva e culpou-a por sua insensatez. Em seguida, temos a história do assassinato de Abel. O homem inimigo de Deus é igualmente inimigo de seu semelhante, um estranho, uma ameaça social. O pecado traz conflitos e produz grandes divisões na humanidade. Provoca preconceito racial e anta-

⁵¹ SEVERA, Zacarias, *Manual de Teologia Sistemática*. Curitiba, AD Santos, 2012. p. 212.

gonismos. Dá lugar às divisões sociais, provocando as explorações para com os menos favorecidos. Traz discórdia para o seio dos grupos humanos, sejam educativos, comunitários, sociais, recreativos ou religiosos. Divide as famílias e as igrejas.⁵²

Na verdade, nosso afastamento do próximo também se expressa como “medo” de sermos vistos como somos, em nossa fraqueza, culpa e autodepreciação. Tentamos, portanto, ocultar-nos, projetando de um lado uma imagem inverídica de nossa pessoa e, de outro, procurando extinguir sua ameaça por meio de nosso afastamento.

O pecado não pode ser definido apenas como um ato errado. Toda a inclinação e a disposição interior que nos levam a pecar configuram pecado, segundo a Bíblia. (Mt 5:21-22, 27-28) Muitos acreditam que nossos maiores problemas são doenças, questões ligadas a políticas e finanças, guerras etc., porém todos esses se ligam ao pecado. Como já dissemos, ele é fracasso em não viver de acordo com a vontade de Deus. Eis o maior problema da humanidade.

~ SALVAÇÃO ~

Felizmente para nós, Deus tem uma solução ainda maior que envolve o sacrifício de Seu Filhos: Jesus Cristo, na cruz. Todos pecamos, e destituídos estamos da glória divina. O resultado disso é morte e condenação eterna. Mas Deus, em Sua misericórdia, tornou possível Jesus pagar nossa dívida, morrer em nosso lugar e derramar do Seu sangue para nos purificar de toda a injustiça. O dom gratuito de Deus capacita-nos a estar diante dEle. Tínhamos um grande problema: o pecado nos havia separado de Deus. Mas nosso Pai tinha uma solução ainda maior; por meio da morte sacrificial de Jesus, uma ponte foi construída, tornando possível a nossa volta para Ele.⁵³

Somos salvos por intermédio do sacrifício de Jesus. O

⁵² MILNE, Bruce. 1993. p. 111.

⁵³ OLSON, Matthew G. *Pecado e salvação*. In: Declaração de Fé Batista do Sétimo Dia. Curitiba: CBSDB, 2005. p. 62.

plano de Deus de enviar um Salvador ao mundo foi revelado logo após a queda do homem, no Éden. E Deus declarou: *“E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”*. (Gn 3:15) Aqui é feita uma promessa graciosa a respeito de Cristo, aquele que iria libertar os homens caídos do poder de Satanás. Embora a fala tenha sido dirigida à serpente, foi dito para ser ouvido por nossos primeiros pais que, sem dúvida, receberam as indicações da graça que lhes foi dada. O primeiro casal viu uma porta de esperança abrir-se. Antes que a ferida fosse feita, o remédio foi providenciado e revelado. No princípio do livro, como está escrito (Hb 10:7), no princípio da Bíblia, grafou-se a respeito de Cristo e de sua disposição para fazer a vontade de Deus Pai.⁵⁴ E, assim, toda a Bíblia aponta para Cristo.

No livro de Gênesis, Deus ordenou que Noé construísse uma arca com uma única porta. Eis o único caminho para alcançar a salvação: entrar por essa porta (Jo 14:6). Abraão foi desafiado a oferecer seu filho em sacrifício; ele confiou no Deus provedor que foi fiel e proveu o cordeiro para morrer no lugar de Isaque, assim como Cristo foi enviado para morrer em nosso lugar. (Jo 3:16) Em Êxodo, Deus levantou Moisés para libertar da escravidão o povo hebreu, assim como Jesus é o nosso libertador e tira-nos do reino das trevas. (Cl 1:13)

A lei cerimonial ordenava o sacrifício de animais para remissão dos pecados. Assim, todas as vezes que o homem pecava, precisava oferecer um animal para conquistar perdão. Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. (Jo 1:29) Na Nova Aliança, temos um Sumo Sacerdote, puro e perfeito, que Se sacrificou uma única vez, na cruz, para tirar nossos pecados. (Hb 10:12)

Muitos profetas anunciaram a vinda do messias, e as profecias a respeito do nascimento de Jesus concretizaram-se. Deus foi inteiramente fiel ao Seu plano de enviar um Salva-

⁵⁴ HENRY. Matthew. *Comentário Matthew Henry Antigo Testamento Gênesis a Deuterônomo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 27.

dor. Jesus é o nosso Sumo Sacerdote, o Cordeiro sem pecados, libertador, reconciliador, resgatador. Ele é o Pão do Céu, a Luz do Mundo, o Caminho, a Verdade e a Vida. É o Príncipe da paz e o Pai da eternidade, que deu a Sua vida por amor aos homens.

Por isso, cremos que somos salvos pelo sacrifício de Jesus, e a Bíblia diz: *“E em nenhum outro há salvação, porque também sob o céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”* (At 4:12). Pedro explica-nos que a salvação eterna foi conquistada *“não por bens perecíveis, como a prata e o ouro... mas pelo precioso sangue de Cristo, o Cordeiro imolado”*. (1Pe 1:18) Jesus *“carregou os nossos pecados em Seu corpo sobre o madeiro para que, mortos aos nossos pecados, vivamos para a justiça. Por fim, por Suas chagas fomos curados”*. (1 Pe 2:24)

O sofrimento de Cristo foi vicário. Esse é o suplício pelo qual passa uma pessoa em vez de outra, isto é, em seu lugar. Supõe, necessariamente, a isenção da parte em cujo lugar o sofrimento é suportado. É evidente que Cristo não morreu pelo próprio pecado. (Jo 8:46; Hb 4:15) Lemos, na Palavra, que *“Cristo morreu pelos nossos pecados”*. (Rm 5:8; 1Pd 2:22, 24; 3:18; Cl 1:12-14; 1Cor 15:20-22) Louvado seja nosso Deus por tão grande salvação!

Somos Salvos pela Graça. *“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie”*. (Ef 2:8-9) Esse texto é extremamente claro a respeito de como somos salvos; porém, infelizmente, na história da igreja e na vida de muitos cristãos, prevalece a ideia de mérito no relacionamento com Deus.

A graça exclui qualquer ideia de mérito, seja das obras, da fé, ou das obras da lei; a salvação é um presente de Deus. (Rm 6:23) Há uma frase de C.S. Lewis que diz: *“Um homem com as mãos cheias de pacote não pode receber um presente”*. Hernandes Dias Lopes apresenta-nos três verdades apresentadas pelo apóstolo Paulo, referente a Efésios 2:8-9:

A causa meritória da salvação é a graça. Não somos salvos pelo sacrifício que fazemos para Deus, mas pelo

supremo sacrifício que Deus fez por nós, entregando Seu Filho para morrer em nosso lugar. Deus amou-nos quando éramos fracos, ímpios, pecadores e inimigos. Deus deu Seu Filho unigênito para morrer por pecadores indignos. Isso é graça, maravilhosa graça.

A causa instrumental da salvação é a fé. Não somos salvos por causa da fé, mas mediante a fé. A fé não é causa meritória, mas a causa instrumental. Pela fé, apropriamo-nos da salvação conquistada por Cristo na cruz. A fé é a mão de um mendigo estendida para receber o presente de um rei.

As obras são o resultado da salvação. Não somos salvos por causa das obras, mas para as obras. As boas obras não são a causa da nossa salvação, mas o resultado. O apóstolo Paulo diz que somos feitura de Deus, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou de antemão para que andássemos nelas. (Ef 2.10)⁵⁵

Nesta altura, pode surgir um questionamento muito importante: Se somos salvos pela graça, por que devemos guardar os mandamentos? A resposta é simples. Respeitamos os mandamentos por amor. Jesus disse: *“Se me amais, guardai os meus mandamentos”*. (Jo 14:15)

A Lei resume-se no amor (Gl 5:14, Mt 22:36-40), e é o reflexo do caráter de Deus, pois Ele é amor. (1Jo 4:8) Sendo assim, ao obedecermos aos quatro primeiros mandamentos, demonstramos amor a Deus. E, ao seguirmos os seis últimos, demonstramos amor ao próximo. A obediência à Lei divina demonstra nosso amor por Ele. Vale ressaltar que a fé não dispensa ninguém de guardar os mandamentos (Rm 3:31, Tg 2:17), pois a fé sem obras é morta.

Ainda sobre a graça, é importante destacar que Deus não se manifestou de forma exclusiva a um grupo. Ele mostrou-se a toda a humanidade. (Tt 2:11) E está ao alcance de todo

⁵⁵ LOPES, Hernandes Dias. *Salvos pela graça mediante a fé*. Disponível em: <<http://www.ipb.org.br/cada-dia/salvos-pela-graca-mediante-a-fe-3945>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

aquele que crê. É por meio dela que podemos ter a comunhão restaurada com Deus e conhecer o Seu grande amor. Não há o que possamos fazer para sermos remidos, a não ser pedir perdão a Deus, confessando Jesus Cristo como Senhor e Salvador de nossas vidas. A graça é o maior presente que poderíamos receber do Criador. Definitivamente, nada se compara a ela. Aleluia!

A morte de Cristo é um resgate. (Mc 10:45; Hb 9:12) A morte de Cristo é mostrada como o pagamento de um preço ou resgate. Jesus mesmo é quem diz que viera para dar a Sua vida em resgate de muitos, e fala-se da obra de Cristo como a de redenção. (Lc 1:68; 2:38)

A palavra “redenção” vem do grego, *lutron*, e significa *pagamento de um preço para livrar alguém que esteja aprisionado*. Podemos dizer como Paulo a Tito: *“Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, o qual a Si deu-Se por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para Si, um povo exclusivamente Seu, zeloso de boas obras”*. (Tt 2:14)

~ CONCLUSÃO ~

Por causa do pecado, estávamos separados do nosso Criador e tínhamos um grande problema. Contudo, Deus apresentou uma grande solução; Ele enviou Seu filho para morrer em nosso lugar. Nós merecíamos o castigo eterno, por intermédio do sangue de Jesus, fomos restaurados à presença do Senhor. Pela graça de Deus, recebemos salvação.

~ QUESTÕES PARA ESTUDO ~

1 - Como Satanás agiu para induzir Eva a pecar? (Gn 3)

2 - Ao abordar Eva no Éden, Satanás tentou confundi-la, negou e, por último, distorceu a Palavra de Deus. Isso tudo trouxe incredulidade ao seu coração e levou-a a pecar. Em nossos dias, como ele tem levado as pessoas a pecarem contra Deus?

3 - Que consequências imediatas o pecado de Adão e Eva trouxe a eles? Quais as consequências para a humanidade?

4 - Qual a solução dada por Deus para o problema do pecado da humanidade? Existe outra?

5 - Se somos salvos pela graça, por que devemos guardar os mandamentos?

6 - A graça de Deus está disponível a quem?

VERSÍCULOS PARA REFLEXÃO:

1 Jo 5:13 | Tg 4:14 | Jo 17:3 | 1 Co 15:20

1 Co 15:16-19 | Jo 6:37 | Jo 6:40

NOSSA DECLARAÇÃO: *“Cremos que Jesus ressuscitou da morte, que vive eternamente com o Pai, e que Ele virá novamente com poder e grande glória. Cremos que, assim como Jesus morreu e ressuscitou, a ressurreição com corpos espirituais e imperecíveis é o dom de Deus para aqueles que buscam o conhecimento divino pelo compromisso com Seu Filho.”*

~ **INTRODUÇÃO** ~

“Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida: Sois, apenas, como neblina que aparece por um instante e logo se dissipa”. (Tg 4:14) Essas foram as palavras de Tiago sobre a brevidade da vida. O salmo 90 também aborda o assunto. A vida segue um fluxo em que coisas nascem, crescem e morrem. Essa condição vem gerando certa angústia, ao longo dos séculos. As civilizações antigas nunca esconderam o interesse em saber como ultrapassar o limite imposto pela morte.

Uma das civilizações que se dedicou a um filosofar sobre o tema foi a grega. Nos primórdios da civilização ocidental, verificamos a inquietação sobre a vida ser limitada. O ardor pelo permanente estimulou os gregos à metafísica. Ou seja, para aquilo que vai além do mundo físico, além do que se deteriora, desfaz-se, que está sujeito à ação do tempo. É bem verdade que a teoria que surge a partir dessa inquietação gera uma série de dogmas filosóficos que não estão de acordo com os ensinamentos bíblicos.

Fazer menção aos gregos, e correlacioná-los a alguns textos bíblicos, serviu apenas ao intuito de demonstrar que há um anseio arraigado no coração do homem de não querer ser detido pela morte. Nosso presente estudo abordará uma das doutrinas mais importantes para a fé cristã – a da vida eterna.

Jesus, porém, tem a solução para a inquietação gerada pela brevidade da vida. Diferente do que a filosofia grega construiu ao longo dos séculos, a sabedoria divina apresenta o único caminho para vivermos eternamente uma vida de qualidade superior.

~ VIDA ETERNA: O QUE É E EM QUE CONSISTE? ~

Creemos que a vida eterna é um dom concedido apenas por Deus. Ninguém mais pode oferecer esse dom, e ninguém o pode conquistar por méritos próprios. Jesus vai mais além e explica que Ele é a própria vida: *“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida”*. (Jo 14:6) E esta consiste em uma vida que não pode ser medida pelo tempo; é sem fim. Vida que não pode ser interrompida pela morte, ou seja, a vida eterna é sinônimo de imortalidade.

Depois que Adão e Eva pecaram, uma das consequências que sobreveio sobre a humanidade foi a morte física. Tão ferrenha é ela, ao cruzar o caminho da humanidade, que Paulo afirma, em 1 Coríntios 15:26, que a morte é o último inimigo a ser batido.

Jesus também ensinou, no Novo Testamento, que a vida eterna é o oposto do castigo eterno. (Mt 25:46) A eternidade prometida por Jesus refere-se a uma vida de qualidade muito superior. É uma vida de bem-aventurança com Deus.

Em outro ensinamento, Jesus apresenta outra definição: *“E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”*. (Jo 17:3) A vida eterna, aqui, está relacionada ao conhecimento da verdade. Em outra passagem bíblica, define-se como algo que podemos ter agora, isto é, em meio à mortalidade. Meio paradoxal, não é?!

Mas há uma condição: é preciso crer em Jesus. Assim diz o discípulo amado: *“Estas coisas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus”*. (1 Jo 5:13)

A posse da vida eterna, no presente, não traz a imortalidade de imediato. Por isso que em outro momento, Jesus referiu-se à vida eterna como algo que só se concretizará no porvir. Ou seja, o tempo antes da segunda vinda de Jesus pode ser chamado de “tempo da redenção”. Nesse período, que nós não sabemos até quando irá, a morte e a vida, o bem e o mal, o joio e o trigo, dividirão o mesmo espaço. Porém, segundo as promessas divinas, haverá outro momento, o “tempo da consumação”. É aí que o Senhor Jesus tornará novas todas as coisas. Em suma, podemos dizer que a vida eterna é um presente que os crentes recebem como uma promissória. O resgate desse dom ocorrerá apenas com a segunda vinda de Jesus. Quantas ideias estão ligadas ao conceito de vida eterna!

~ A RESSURREIÇÃO DE JESUS COMO PROVA DA ETERNIDADE ~

Um dos fatos históricos mais debatidos, ao longo dos séculos, principalmente no que diz respeito ao povo cristão, é a ressurreição de Jesus. Os que se opõem ao acontecimento dizem que os discípulos roubaram o Seu corpo e enterraram-no em outro lugar. E, assim, ventilaram o *kerigma* (proclamação, dizeres, pregação) do Senhor ressurreto.

Em contraposição a esses e a outros argumentos, cremos que Jesus ressuscitou da morte ao terceiro dia, como havia predito. Uma vez ressurreto, foi visto, primeiramente, por uma mulher e, em seguida, fez outras aparições a Seus discípulos, até o dia em que subiu aos céus, indo para junto do Pai.

Tempos depois, o apóstolo Paulo, convertido e espalhando o Evangelho por onde passava, afirmou: *“Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo Ele as primícias dos que dormem”*. (1 Co 15:20) O termo *primícias* era conhecido pelos judeus que lidavam com a agricultura, referindo-se aos pri-

meiros frutos de uma colheita. Aplicando a carga simbólica do vocábulo, o que Paulo tinha em mente era que Jesus foi o primeiro a ressurgir em forma ressurreta, num estado glorioso. Fazendo um comparativo, Lázaro foi ressuscitado por Jesus, mas não ressurgiu em um estado de glória. Isso só se dará no porvir. Sem sombra de dúvida, o mesmo Lázaro voltou a morrer. A promessa da ressurreição gloriosa dada por Jesus, como também acreditava a irmã de Lázaro, acontecerá na consumação de todas as coisas. Só que, no caso de Jesus, foi diferente.

Jesus ressuscitou antes desse escatológico último dia, e, em primeiro lugar, para vencer a morte. Se Ele não tivesse ressuscitado no período em que disse, ninguém até hoje receberia o perdão de Deus e a conseqüente salvação de suas almas. A morte de Jesus foi o sacrifício que atendeu à ira do Pai. E a Sua ressurreição, o fato que possibilitou aos pecadores receberem nova vida em Seu nome.

Na cruz, o Pai demonstrou a Sua justiça; na tumba vazia, revelou o Seu amor, como bem escreveu João: *“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”*. (Jo 3:16)

Em segundo lugar, Jesus ressuscitou para servir de evidência, ou de prova, para que viéssemos a crer que, pelo poder de Deus, era possível a ressurreição. Paulo arremata o tema da ressurreição dessa forma:

Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permanecéis nos vossos pecados. E ainda mais: os que dormiram em Cristo pereceram. Se a nossa esperança em Cristo limita-se a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens. (1 Co 15:16-19)

~ A MORTE NÃO É O FIM ~

Mesmo sendo a morte o salário ou o pagamento que recebemos por causa do pecado, passar por ela não significa que

tudo acabou. Em Seus ensinamentos, Jesus deixou bem claro que há algo além. Esses ensinamentos nem sempre respondem a todas as perguntas que levantamos, contudo sinalizam que a morte não é o fim. Passagens bíblicas como a do rico e o mendigo (Lc 16:19-31), o alerta em Mateus 10:28 e a parábola sobre a avareza, em Lucas 12:16-21, são alguns exemplos. Longe das acaloradas discussões sobre o estado da alma após a morte, cremos que ela não é o fim, porque um dia Jesus ressuscitará os que morreram crendo em seu nome e transformará os que estiverem vivos no dia de Seu retorno. A consumação da nova vida aguarda um desfecho. Jesus virá para Sua Igreja, mais uma vez.

Crer que a morte física não é o fim é algo de fundamental importância para a fé cristã. Essa crença alerta os cristãos para um fato: o que se faz aqui na Terra está fortemente relacionado ao que acontecerá além. Cada um será julgado por suas obras. Aquilo que fazemos aqui repercute na eternidade, que poderá ser de bem-aventurança, na presença de Deus, ou de condenação e banimento, da presença de Deus.

Quem aceita o Evangelho responde com arrependimento e entrega a vida a Jesus, o Salvador. E o convite ainda está aberto. *“Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei”*. (Mt 11:28) Deus assegura: *“Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora”*. (Jo 6:37)

Jesus estava completamente alinhado com a vontade do Pai: *“...todo o homem que vir o Filho e nele crer, tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia”*. (Jo 6:40) Você crê nisso?

~ CONCLUSÃO ~

Encontrar respostas para os mistérios da vida já não é fácil, imagine para o que acontece depois da morte?! Nosso estudo de hoje não teve a pretensão de ser exaustivo sobre a vida eterna. Apenas foram reforçadas algumas bases bíblicas quanto a cremos nessa eternidade. Tal verdade, ou doutrina, tem endosso e difusão na Bíblia. Tanto no Antigo quanto no

Novo Testamento, encontramos uma linha de compreensão de que a vida terrena é limitada pela morte, mas haverá um dia em que todos serão trazidos de volta à vida para comparecerem diante do tribunal de Cristo. Os que tiverem feito a Sua vontade gozarão uma eterna felicidade; os que tiverem ido contra serão condenados ao sofrimento eterno.

Jesus prometeu que aquilo que é mortal será absorvido pela imortalidade. Se quisermos uma vida eterna de felicidade, ou seja, sem choro e sofrimento, é necessário crer em Jesus e segui-Lo até a morte. O que tivermos de fazer por Ele que façamos até a morte, pois o que Ele já fez por nós vai além da morte!

~ QUESTÕES PARA ESTUDO ~

1 - Como você define vida eterna?

2 - A vida eterna pode ser considerada uma recompensa, um dom?

3 - Quando você acha que a vida eterna começará? O que a Bíblia diz a respeito?

4 - Podemos realmente ter certeza da vida eterna?

VERSÍCULOS PARA REFLEXÃO:

Ef 3:6 | Hb 10:25 | 1 Co 12:12,13 | Rm 12:5
Lc 6:13 | Ef 4:4-6 | Rm 1:7

NOSSA DECLARAÇÃO: *“Cremos que a Igreja de Deus é constituída de todos os crentes reunidos pelo Espírito Santo, unidos em um corpo espiritual do qual Cristo é a cabeça. Acreditamos que a igreja local é uma comunidade de crentes organizada numa relação de aliança para adoração, companheirismo e serviço, praticando e proclamando convicções comuns. Ela cresce na graça e no conhecimento de nosso Salvador Jesus Cristo. Cremos no sacerdócio de todos os crentes e procuramos trabalhar juntos para um testemunho mais efetivo”.*

~ **INTRODUÇÃO** ~

Durante a independência das Treze Colônias da América Inglesa, no final do século XVIII, desenvolveu-se um lema nacional: *E pluribus unum*, do latim, “de todos, um”. Esse princípio retrata o ideal: “vida em unidade na diversidade”. No entanto, parece que tal aspiração humana é uma ideia difícil de ser alcançada. Observando de forma geral, parece que os seres humanos tendem a se organizarem em sociedade e em comunidade, buscando grupos com interesses semelhantes, ideias afins realidades socioeconômicas comuns.

A Igreja de Jesus Cristo é tratada pelas Escrituras por um padrão de unidade na diversidade. Quando a Palavra de Deus ilustra a Igreja como “corpo”, o qual possui muitos membros, fica evidente que, embora diferentes, servem juntos e contribuem para o crescimento do corpo. (1Co 12:12-31)

Aos efésios, o apóstolo Paulo ressalta essa difícil tarefa de estabelecer a unidade entre judeus e gentios.

Nesse sentido, tanto o corpo humano, como o de Cristo são caracterizados pela unidade e, não, uniformidade. Há harmonia, mas não igualdade na forma e nas funções. Se houvesse uniformidade, não haveria corpo. Um só membro não forma o corpo, tampouco por ele responde.

A imagem da Igreja como corpo é muito explorada no Novo Testamento. O apóstolo lembra aos efésios da unidade entre judeus e gentios pelo sacrifício de Cristo: *“os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus, por meio do evangelho”*. (Ef 3:6)

Por fim, ao longo da leitura bíblica, vemos que o princípio da redenção exerceu efeito global, alcançando pessoas de todas as *“tribos, povos e nações”* (Ap 7:9), e estas recebem a chamada da parte de Deus para se congregarem como um corpo, servindo uns a outras em amor, sendo sal e luz nesta Terra.

Nesta seção, consideraremos a Igreja de Cristo e os seguintes temas: aspectos eclesiológicos, a sua unidade e a sua santidade, a Igreja Universal e local, bem como o seu caráter apostólico.

~ ECLESIOLOGIA ~

A doutrina da Igreja faz parte da teologia. *Eclesiologia* é uma palavra de origem grega, na verdade formada por duas outras: *EKKLESIA* = igreja; *LOGIA* = estudo. O termo “igreja” aparece 114 vezes, no Novo Testamento.

A Igreja é, literalmente, uma assembleia, como vemos em Hebreus 10.25 - *“Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas encorajemo-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês veem que se aproxima o Dia.”*

De acordo com o Evangelho de Mateus, Jesus foi o primeiro, no Novo Testamento, a chamar Seu povo, dizendo “minha igreja”. (16:18) O termo *ekklesia* é usado pelo apóstolo Paulo como a assembleia concreta daqueles que

foram batizados num lugar específico. As epístolas paulinas estão recheadas de instruções sobre como o cristão deve se comportar nas igrejas. Ao mesmo tempo, como vimos no texto de Hebreus, os escritores do Novo Testamento advertem sobre as consequências malélicas se deixarmos de frequentarmos uma comunidade de crentes em Cristo. A Igreja de Cristo tem quatro atributos que a caracterizam: una, santa, apostólica e universal.

~ A IGREJA É UNA ~

A unidade da Igreja implica que ela, em todas as eras, sendo todas as nações e tribos, seja essencialmente uma. Essa é uma unidade do corpo de Cristo; portanto, uma unidade de Sua cabeça, do Espírito e da fé, de acordo com as Escrituras:

Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito. (1 Co 12:12,13)

Assim também em Cristo, nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os outros. (Rm 12:5)

Há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus é Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos. (Ef 4:4-6)

Pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. (Ef 5:23)

A verdadeira unidade no Espírito Santo independe da variedade denominacional exterior. O chamado para a unidade, no Novo Testamento, é, portanto, uma ordem para manter a unicidade fundamental da vida que o Espírito concedeu por

meio da regeneração. (Ef 4:3) No estudo eclesiológico, distingue-se a Igreja invisível (todos os eleitos são verdadeiramente um em Cristo) e a visível (um grupo misto que contém regenerados e, invariavelmente, não regenerados). A unidade da Igreja invisível é um fato consumado, concedido com a salvação. Esse entendimento inviabiliza uma questão - a Igreja invisível única deveria achar expressão numa única organização?

Portanto, a unidade implica que todos os pertencentes à Igreja participem da mesma fé, sejam solidamente interligados pelo comum laço do amor e tenham a mesma perspectiva gloriosa do futuro.

~ A IGREJA É SANTA ~

A palavra “santa” significa a procura constante da Igreja pelo aperfeiçoamento e amadurecimento espirituais, *“pois o fruto da luz está em toda a bondade, e justiça e verdade”*. (Ef 5:9) Todos os cristãos foram *“chamados a serem santos”*. (Rm 1:7) Jesus fundou Sua Igreja terrestre para continuar a Sua obra redentora e santificadora do mundo, sendo a santidade da Igreja derivada da de Cristo. O povo de Deus forma a nação santa. (1Pe 2:9) No sentido mais profundo, a Igreja é santa, da mesma forma que todo o indivíduo cristão é santo, em virtude de estar unido a Cristo, separado para Ele e revestido com Sua justiça. Na sua posição diante de Deus em Cristo, a Igreja é irrepreensível e isenta de qualquer mancha moral.

Porém, por questões naturalmente óbvias, isto não significa que os membros da igreja estão livres do pecado. “Santa” diz respeito ao ânimo firme na santidade, no cultivo de objetivos e pensamentos justos e puros, que produz resultados sólidos na caminhada de um agrupamento de cristãos.⁵⁶

A união com Cristo envolve também uma santidade visível de vida. Desse modo, a relação da Igreja com Cristo será expressa no caráter moral e nas características especiais

⁵⁶ DEVER, Mark. *Igreja: o evangelho Visível*. S. J. Campos: Fiel, 2010. p. 134.

de sua vida e de seus relacionamentos comunitários. Uma igreja santa produz frutos agradáveis ao próximo, gera pessoas amáveis, bondosas, coerentes, doces, amigas, pacientes, moderadas, generosas, apegadas ao bem e amantes da justiça⁵⁷. – *“Seja a amabilidade de vocês conhecida por todos”* (Fp 4:5)

Assim, desde que as igrejas visíveis locais passaram a ser compostas de crentes e sua semente, pressupõe-se que foram excluídos todos os descrentes e todas as pessoas ímpias. Paulo não hesita em dirigir-se às igrejas como locais de santos.

~ A IGREJA É APOSTÓLICA ~

No início de seu ministério público, Jesus *“chamou a Si os Seus discípulos e escolheu 12 dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos”*. (Lc 6:13) Perto do fim, Ele orou *“por aqueles que vieram a crer em mim, por intermédio da sua [dos apóstolos] palavra”*. (Jo 17:20) Desde os apóstolos até os dias atuais, o Evangelho que pregaram tem sido passado adiante. Paulo disse aos cristãos efésios que eles foram *“edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular”*. (Ef 2:20)

É errado entender a apostolicidade como continuidade histórica do ministério, retrocedendo até Cristo e Seus apóstolos, passando por uma sucessão de bispos. Essa interpretação não tem apoio bíblico. Toda a noção da graça de Deus comunicada mediante uma sucessão histórica de representantes da Igreja contraria o caráter da própria graça, conforme os escritos bíblicos. Além disso, como garantia da verdade da mensagem apostólica, a sucessão episcopal evidentemente falhou.

Os apóstolos foram testemunhas do ministério e da ressurreição de Jesus. Eles tiveram o ensinamento direto do Mestre e foram enviados a locais distantes para pregarem o Evangelho. Quando Lucas afirma que as 3.000 almas, que se converteram no Pentecostes, perseveravam nos ensinamentos dos apóstolos, devemos entender que são os ensinamentos que Je-

⁵⁷ Dever, Mark. Op cit. p. 136.

sus transmitiu aos apóstolos e que, depois, estes transmitiram fielmente, sem alteração, a outras pessoas.

Portanto, a sucessão apostólica é, na verdade, a sucessão do Evangelho apostólico. Ou seja, o depósito original de verdade apostólica, aprendida de Jesus, é passado de uma para outra geração: *“homens fiéis... para instruir a outros”*. (2 Tm 2:2) A Igreja é apostólica à medida que reconhece na prática a autoridade suprema das escrituras apostólicas.

Reivindicar o cargo apostólico em nossos dias é compreender erradamente o ensino bíblico e oferece na prática um desafio grave com respeito à autoridade e à finalidade da revelação divina do Novo Testamento.

~ A IGREJA É UNIVERSAL - A IGREJA INVISÍVEL ~

A Igreja é a comunidade de todos os verdadeiros crentes de todos os tempos. Paulo diz: *“Cristo amou a Igreja e a Si mesmo Se entregou por ela”*. (Ef 5:25) Nesse verso, o termo *Igreja* é empregado àqueles por quem Jesus morreu para redimir os que são salvos pela morte do Mestre. E tal redenção atingiu os verdadeiros crentes, desde Adão.

A principal característica da universalidade é porque a Igreja atinge a todos. Distinta do Judaísmo, com seu exclusivismo racial, e do Gnosticismo, com seus exclusivismos cultural e intelectual, a Igreja de Cristo abriu os braços a todos que quisessem ouvir a mensagem e aceitar Seu Salvador, sem levar em conta cor, raça, posição social, capacidade intelectual e antecedentes morais. Ela surgiu como manifestação de fé para todos. (Mt 28:19; Ap 7:9) A única exigência para admissão é a fé pessoal em Jesus Cristo como Salvador e Senhor, por meio do batismo, porque manifesta o Evangelho da graça (Mt 28:19; At 2:38,41).

A evidência escriturística sobre a universalidade da Igreja é abundante:

Pois com o coração se crê para justiça, e com a boca se con-

fessa para salvação. Como diz a Escritura: “Todo o que nEle confia jamais será envergonhado”. Não há diferença entre judeus e gentios, pois o mesmo Senhor é Senhor de todos e abençoa ricamente todos os que O invocam. (Rm 10:10-12)

Pois Ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um e destruiu a barreira, o muro de inimizade, anulando em Seu corpo a lei dos mandamentos expressa em ordenanças. O objetivo dEle era criar em Si mesmo, dos dois, um novo homem, fazendo a paz. (Ef 2:14,15)

~ A IGREJA LOCAL - A IGREJA VISÍVEL ~

Cada verdadeira igreja local, independentemente de denominação, faz parte da Igreja universal, embora nenhuma das locais possa se dizer Igreja universal. Como já visto, o autor dos Hebreus exorta-nos a não deixarmos de congregar-nos nas igrejas locais. (10:25)

Uma igreja local possui uma membresia que caracteriza aquela congregação como um grupo de pessoas específicas e identificáveis àquela denominação. A membresia de uma igreja possui algumas responsabilidades e deveres. Todos os membros, como cristãos, devem ser batizados e participar da Ceia do Senhor. Devem ouvir a Palavra de Deus e obedecer-Lhe. É necessário terem comunhão juntos, regularmente, visando à edificação mútua. Precisam amar a Deus, uns aos outros e aqueles que não fazem parte de sua comunhão. Ademais, devem evidenciar o fruto do Espírito (Gl 5.22-23), adorar a Deus em todas as atividades do lar, do trabalho, da comunidade e da vida⁵⁸.

Os cristãos são membros de uma família, e até mesmo um dos outros. Sem uma vida de amor recíproca, que outro dever de membro de igreja é satisfatório ou vale a pena? O amor obriga-os a evitarem qualquer situação que “tenda a es-

⁵⁸ Nove marcas de uma igreja saudável.

friar o amor”⁵⁹. Por esse amor, a natureza do próprio Evangelho é manifestada.

A Igreja deve ser entendida como meio de graça, não porque dá salvação à parte da fé, mas por ser o meio designado por Deus que o Espírito Santo usa para proclamar, ilustrar e confirmar o Evangelho da salvação. Assim, cada igreja local deve buscar a edificação no Evangelho, desenvolvendo objetivos voltados para o discipulado, à evangelização e às missões.

Portanto, os cristãos de hoje têm a responsabilidade de levar o Evangelho a todo o mundo. Essa missão não é apenas do cristão individual, mas também das congregações. Os cristãos juntos podem compartilhar sabedoria, experiência, sustento financeiro, orações, vocações e direcionar tudo isso ao propósito comum de tornar o nome de Deus conhecido entre as nações.

~ CRISTO: A CABEÇA DA IGREJA ~

Jesus Cristo prometeu-nos o Espírito Santo. Por esse Espírito, Ele habita em Seu corpo, a Igreja, não somente no sentido que a representa, e não somente como Seu Senhor, que governa sobre ela, mas também organicamente, como Seu princípio unificador.

Todos os membros da Igreja, como membros de um corpo, participam de Cristo. Todos eles possuem uma mente - a mente de Cristo. (1 Co 2:16) E têm uma vontade: a vontade de Cristo. Um amor os une, o amor de Cristo. Um Espírito os vivifica - o Espírito de Cristo.

A unidade da Igreja não está em um sentido no homem e não pode ser estabelecida pelo homem. Tampouco procede do fato de que os homens congregam-se e concordam sob uma plataforma de princípios, sob uma confissão e governo eclesiástico, e sob certa forma de adoração. A comunhão da Igreja não é estabelecida pelo esforço e pela vontade humana. Somente Cristo estabelece a unidade da Igreja, ou seja, ela é

⁵⁹ JONES, Samuel. *Tratado de Disciplina da igreja*. Mark Dever (Whasinton, DC). p 150

baseada na comunhão com Cristo.

~ CONCLUSÃO ~

Cristo é o Senhor da Igreja. Somente através dEle a Sua Igreja expressa Seus atributos, que são dons e deveres da Igreja. Podemos concluir o estudo com a citação de um teólogo; ele bem resumiu os atributos da Igreja de Cristo:

A Igreja já é uma só, mas precisa se tornar uma só mais visivelmente (...) em fé e prática. A Igreja já é santa em sua fonte e fundação, mas precisa esforçar-se para produzir frutos de santidade em sua peregrinação no mundo. A Igreja já é universal, mas precisa buscar uma medida mais plena de universalidade para assimilar os protestos válidos contra o abuso da Igreja (...) à própria vida. A Igreja já é apostólica, mas precisa se tornar mais conscientemente apostólica, para deixar que o Evangelho reforme e, às vezes, até mude seus ritos e interpretações costumeiros.⁶⁰

~ QUESTÕES PARA ESTUDO ~

1 - Como o princípio “unidade na diversidade” direciona, na prática, a forma como nos relacionamos na igreja local e pensamos a liturgia de nossos cultos?

2 - Como é possível várias denominações evangélicas e a Igreja serem uma?

⁶⁰ Bloesch, Donald. A igreja. Downers Grove. 2002. p. 103.

3 - O que significa ser uma Igreja santa? Defina o que é “santidade” e “ser santo”, com base nas Escrituras.

4 - Qual relação estabelecer entre a Igreja de Cristo apostólica e a maneira como pregamos a Palavra de Deus? Onde centramos o ensino correto Escrituras em nossas igrejas locais?

5 - “Cristo é a cabeça da Igreja”: Como essa verdade pode influenciar a forma como a igreja local é liderada espiritualmente e organizada em termos de administração?

6 - Leia o texto: “O termo *desigrejado* também é usado hoje por um movimento que, conscientemente, ataca a Igreja como instituição. Dizem que a Igreja é uma instituição humana, com origem em Constantino, o imperador que legalizou o Cristianismo como religião oficial no Império Romano. Nesse sentido, ela virou quase uma empresa, porque está presa a um templo, presa a um CNPJ, tem regulamento e pessoal pago. Ela pede o dízimo e vive de ofertas dos fiéis (...) Os desigrejados reúnem-se em casas, em qualquer lugar, em qualquer situação, e evitam a institucionalização do grupo” Rev. Augustos Nicodemos.

a) É possível um cristão ser um desigrejado?

b) É possível organizar um grupo de cristão sem a institucionalização da Igreja?

VERSÍCULOS PARA REFLEXÃO:

*Mt 28:19-20 | Rm 6:3-4,11 | At 2:38-41 | Cl 2:12
1 Pe 3:21 | Gl 3:26-27 | Mt 3:15*

NOSSA DECLARAÇÃO: *“Cremos que o batismo de crentes, em obediência à ordem de Cristo, é um testemunho à aceitação de Jesus como Salvador e Senhor. Cremos no batismo por imersão como símbolo da morte para o pecado, sendo o batismo um penhor para uma vida nova no Filho de Deus”.*

~ **INTRODUÇÃO** ~

Qualquer assunto que se refira à salvação eterna é de grande importância e necessita de um estudo cuidadoso. O batismo nas águas é um deles.

Jesus considerou o batismo suficientemente importante, tanto que caminhou por mais de 100 quilômetros de Nazaré para ser batizado por João, no rio Jordão. E assim nos apresentou o exemplo. Há oito citações claras de conversão no livro de Atos; e o batismo é especificamente mencionado. Ele foi tão importante que Jesus deixou a clara instrução aos discípulos para que os conversos fossem batizados. Certamente, nosso Senhor e os apóstolos criam ser o batismo uma parte vital da obediência. Nós devemos considerá-lo significativo também.

~ **BATISMO DE CRENTES** ~

O batismo cristão, instituído por Jesus, estava intimamente ligado àquele feito por João Batista, que sempre o relacionava ao arrependimento dos pecados, em virtude de o Reino de Deus estar próximo. (Mt 3:2,7-12) Jesus reconheceu a auto-

ridade conferida por Deus a esse profeta e a importância da cerimônia que ele realizava. (Mt 21:25) A prova disso é que Ele foi batizado por João (Mt 3:13-17), mostrando que Se identificava com os pecadores, mesmo não tendo pecado algum. De fato, Ele não necessitava ser batizado, mas justificou o ato porque convinha que assim fosse feito *“para cumprir toda a justiça”*. (Mt 3:15, NVI) Tal atitude serve-nos de exemplo.

A Igreja Primitiva não concebia a ideia de alguém se converter a Cristo e ficar sem o batismo. Por isso, depois do sermão de Pedro, no dia de Pentecoste, quase 3.000 pessoas aceitaram a fé e foram batizadas. (At 2:38-41) Perceba que, no livro de Atos, o ritual tem lugar de destaque. (2:38,41, 8:12,13,36, 9:18, 10:48, 16:15,33, 18:8, 19:5)

Tanto o batismo de João quanto o ordenado por Jesus estão relacionados à mudança de vida. (Lc 3:7-14; Jo 1:23; Mt 3:7-8) Na Bíblia, o batismo relaciona-se a arrependimento e perdão. (At 2:38, 22:16) Mas é bom que se destaque: o batismo não perdoa, nem salva ninguém. A salvação é pela fé no sacrifício de Jesus. E deve ser sempre precedido pelo arrependimento e pela conversão (At 8:36-38), pois é a demonstração externa daquilo que já ocorreu em nosso interior. Esse ato evidencia a decisão pessoal de alguém em seguir a Cristo.

Como Batistas, não concebemos que os infantes devam ser batizados. A razão é que, por um lado, ainda não são capazes de arrependimento ou fé; e, por outro, a noção de que uma pessoa deve herdar as bênçãos de um cristão ou ser considerado um cristão, em virtude da fé de seus pais, é contrária ao ensino do Novo Testamento.

O Novo Testamento ensina muito claramente que somos salvos pela fé: *“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus”*. (Ef 2:8) Ou ainda em: *“Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus”*. (Gl 3:26) Ele também mostra que a fé é um ato do coração, pois vem do florescer de nossas emoções e vontade. Paulo declara que *“com o coração se crê para a justiça”*. (Rm 10:10)

Devemos decidir receber a Cristo como nosso Senhor e

nosso Salvador. Mas a transição da morte para a vida, das trevas para a luz, da desesperança à esperança, da escravidão do pecado para o serviço a Deus, não é meramente uma questão de ideias ou emoções. Inclui toda a pessoa. Por isso, o Novo Testamento chama não apenas para a fé no coração, mas também à confissão nos lábios. *“A saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus ressuscitou-o dentre os mortos, serás salvo”*. (Rm 10:9) Confissão com a boca é simplesmente o transbordar da fé. Quando Paulo insiste na confissão, quer dizer que o coração precisa estar cheio de fé, e nunca devemos limitar a vida em Cristo a um assunto meramente emocional ou interior.

Com vistas a preservar tal verdade, o Novo Testamento chama para mais um ato no processo de passagem da morte à vida, da alienação de Deus para a reconciliação com Ele, a saber, o batismo. Às vezes, referimo-nos a esse ato como um símbolo. É mister entendermos que o simbolismo é uma expressão, com o corpo inteiro, da aceitação do coração do senhorio de Cristo. Isso envolve todo o corpo, bem como o coração. Na conversão, o coração é livre do pecado para servir a Deus.

O senhorio de Cristo reivindica todo o nosso corpo; devemos expressar a aceitação desse senhorio com uma ação de todo o corpo. E a ação que Jesus ordenou é o batismo, pois dá expressão à nossa fé, de que somos de Deus, da cabeça aos pés. Assim, podemos dizer:

1. Batismo é confissão de fé. (At 2:38-41) Este texto contém a admoestação de Pedro aos novos conversos à fé cristã: serem batizados como símbolo da remissão dos pecados. O batismo é um ato de confirmação pública e solene do compromisso e da aceitação do plano de salvação na vida do batizando.

Não é o ato em si que nos salva, mas ele simboliza que já estamos salvos. O trabalho invisível do Espírito Santo é visivelmente dramatizado no batismo nas águas. O Espírito San-

to leva-nos a crer no sacrifício vicário de Cristo, e o próximo passo é o batismo. Omitir qualquer elemento é negar a ordem do Senhor. Fé sem o batismo é uma afirmação vazia, sem provas. E o batismo sem a fé é um desperdício de tempo ritualístico. O Senhor quer a fé, mas também o batismo. Nenhum ato fala mais alto da nossa fé absoluta na graça e misericórdia de Deus, pois ele, por si, é um ato de fé.

Portanto, a sua finalidade é dar testemunho público da fé e da salvação em Jesus Cristo. Com o ato do batismo, proclamamos, sem palavras e em público, e especialmente diante da Igreja, a salvação e a transformação que Jesus realizou em nosso interior. Isso glorifica ao Senhor. (1Co 6:20)

2. Batismo é o testemunho da morte, do sepultamento, da ressurreição e da expressão de novidade de vida. (Rm 6:3-6; Cl 2:12,13) O ato do batismo é um momento de alegria no Céu. É solene, festivo e de grande importância para a vida do batizando e da Igreja que o recebe. Quando a pessoa desce às águas batismais e é coberta por elas, declara que, ao crer em Jesus, morre para o mundo de pecado, sendo sepultado com Cristo. Simbolicamente, quando sai das águas, está declarando que ressurge para viver uma nova vida em Cristo. (Rm 6:6-14; Cl 2:12)

Assim, o significado do batismo é morte, sepultamento e ressurreição. Quando somos batizados, declaramos que Cristo morreu na cruz pelos nossos pecados para que morrêssemos para o pecado. Proclamamos ainda que nos arrependemos, cremos pela fé e aceitamos a Cristo e Seu sacrifício como único meio de salvação, que recebemos o perdão, estamos salvos e seguros em Cristo e dispostos a servi-LO e a segui-LO, todos os dias da nossa vida.

O batismo atesta não somente nossa morte para o pecado, mas também a ressurreição para a nova vida em Cristo. A expressão *“morremos para o pecado”* expressa a insistência de Paulo para que a pessoa realmente esteja morta para a ação de pecar e para o eu, para que não abuse da nova liberdade

da vida cristã.

3. Batismo é requisito prévio para unir-se à Igreja de Cristo. (Jo 3:1-5). Não devemos nos tornar membros da Igreja sem o batismo, pois é ele o sinal externo do compromisso com Cristo. O Novo Testamento ensina claramente que a igreja local deve ser composta apenas por pessoas cuja lealdade pertence exclusivamente a Jesus Cristo. A ordem do Senhor, em Mateus 28:19-20, precisa ser seguida: *“fazei discípulos... batizando-os... e... ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei”*.

Não há dúvida de que o batismo é o primeiro passo em nossa obediência a Cristo, e que tal obediência é o sinal e a assinatura de ser um cristão. A Igreja é a noiva, o corpo de Cristo. Ali, são desafiadas ao discipulado. Fazer discípulos é o papel principal da Igreja, sendo o batismo o primeiro passo. É por isso que nós, Batistas do Sétimo Dia, acreditamos que ninguém deve ser membro de uma igreja sem que tenha dado esse passo de obediência.⁶¹

4. Batismo não é o ponto final, mas o início de uma existência de fé. (At 2:41-47) O batismo não é o ponto de chegada, o coroamento de uma trajetória de êxitos, conquistas ou avanços. Ao contrário, é o início de uma carreira que vai sendo vivenciada na tensão da existência, simultaneamente justa e pecadora, numa vida de fé que se empenha e anseia pela realização definitiva do Reino de Deus.⁶² Sendo assim, a Igreja tem a responsabilidade especial de ajudar os novos convertidos a viverem o batismo durante toda a vida, almejando o crescimento na fé, na esperança e no amor.

~ BATISMO COMO ORDENANÇA E TESTEMUNHO ~

Batismo é um selo ou uma aliança. É um acordo assumi-

⁶¹ THOMPSON, Rick. *Baptism as requirement for membership*. Disponível em: <<http://bpnews.net/bpnews.asp?id=23674>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

⁶² KIRST, Nelson (org.). Op. cit., p. 13.

do com Jesus, no qual publicamente se confirma aquilo que creu e aceitou. É o símbolo da mudança na vida do pecador. Por ele, o cristão torna pública sua fé em Cristo (1Pe 3:21; At 8:37) e reconhece o senhorio de Jesus em todas as áreas de seu viver. Esse ato tem a ver com a união do crente com o Senhor ressurreto. É demonstração da disposição de viver submisso a Jesus e à Sua santa Palavra.⁶³

Esse passo é tão importante que, tanto quanto sabemos, com exceção do ladrão na cruz, cada um dos convertidos no Novo Testamento foi batizado. Esse criminoso, no entanto, é uma exceção crucial. Sua conversão leva dogmáticos à loucura! Eis um homem que nunca fora à igreja, nunca dera uma oferta, não foi batizado, mas fez apenas um pedido. O ladrão na cruz tem um papel crucial na mensagem do Evangelho, pois lembra que é Jesus quem salva. Será que a sua história, contudo, nega a importância do batismo? Não! Simplesmente coloca-a numa perspectiva adequada. Qualquer passo dado é uma resposta a uma salvação oferecida e, não, um esforço de salvação conquistada. Afinal, Deus tem o direito de guardar qualquer coração, pois Ele, e só Ele, vê o coração.⁶⁴

Não é o ato do batismo que nos salva; todavia, ele simboliza que já estamos salvos. O trabalho invisível do Espírito Santo é visivelmente dramatizado no batismo nas águas, pois nos leva a crer no sacrifício vicário de Cristo, e o próximo passo é o batismo. Omitir qualquer elemento é negar a ordem do Senhor. Fé sem batismo é uma afirmação vazia, sem provas. E o batismo sem a fé é um desperdício de tempo ritualístico. O Senhor quer a fé, mas também o batismo. Mas lembre: a obediência não é “anexada” à fé; é o resultado lógico de uma fé que confia em Deus, e ao cumprimento de Sua Palavra. Nenhum ato fala mais alto da nossa fé absoluta na graça e mise-

⁶³ SILVA, Genilson da (ed.). *O que cremos*. Lições Bíblicas. Maringá, n. 293, out./dez. 2010, p. 58.

⁶⁴ LUCADO, Max. *Baptism: the demonstration of devotion*. Disponível em: <http://maxlucado.com/read/topical/baptism-the-demonstration-of-devotion>>. Acesso em: 9 abr. 2013.

ricórdia de Deus que o batismo.

Portanto, a finalidade do batismo é dar testemunho público da fé e da salvação em Jesus Cristo. Por esse ato, proclamamos, sem palavras e publicamente, e especial diante da Igreja, a salvação e a transformação que Jesus realizou em nosso interior. Isso glorifica ao Senhor. (1Co 6:20)

No entanto, nem todos estão prontos para serem batizados. Há certos pré-requisitos a serem preenchidos para que o ato se cumpra.

1. A pessoa deve crer que Jesus Cristo é o Filho de Deus. (At 8:37, 16:31) O Novo Testamento ensina que uma pessoa deve crer em Cristo; somente depois dessa confirmação é que poderá ser batizada. De fato, o batismo cristão é uma expressão de fé e de dedicação a Jesus como Senhor. É necessário que aceitemos a Cristo pela fé, crendo que é o único que pode nos remir de todos os pecados.

2. A pessoa deve crer no Evangelho. (Mc 16:16) Jesus disse: *“Quem crer e for batizado será salvo”*. Em Atos 18:8, nós lemos: *“também muitos dos coríntios, ouvindo-O, creram e foram batizados”*. (ARC) Não há, nas Escrituras, um mandamento para batizar os muito jovens ou quem não é capaz de crer. A Escritura, além disso, ensina que aqueles a serem batizados devem ser capazes de aprender: *“Portanto, ide, ensinai..., batizando-as”*. (Mt 28:19, ARC)

3. A pessoa deve ser instruída nas Escrituras. (Mt 28:20; At 8:12, 35-38; 18:8). O batismo cristão exige entendimento da Palavra de Deus e uma decisão de se apresentar para fazer a Sua vontade revelada. A ordem de Jesus é que os novos discípulos sejam ensinados a obedecerem tudo aquilo que Ele ordenara. Aqueles que aceitam esses ensinamentos tornam-se discípulos, estando aptos para o batismo nas águas.

4. A pessoa deve arrepender-se dos pecados. (At 2:38; 3:19) O arrependimento é também requerido antes do batismo. Pedro disse aos 3.000, no dia de Pentecostes, os quais pela fé perguntaram-lhe o que deveriam fazer para serem salvos: *“Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo”*. (At 2:38) Quando discursou no templo de Jerusalém, ele repetiu: *“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados”*. (At 3:19)

~ FUNDAMENTOS DO BATISMO ~

No tempo presente, tem havido muita discussão, considerando a própria forma ou ação do batismo. O que é feito, fisicamente falando, quando uma pessoa é batizada? A questão pode ser facilmente respondida pelo Novo Testamento.

1. O batismo deve ser realizado em nome da Trindade Divina. (Mt 28:19) A fórmula completa a ser empregada é: *“Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”*, o que enfatiza o caráter distintivo do batismo cristão. Essa é a mais antiga fórmula trinitariana conhecida pelos estudiosos.

Alguns, por negarem a trindade divina, alegam que o batismo deve ser ministrado somente em nome de Jesus, e que o texto de Mateus 28:19 teria sido uma inserção posterior ao texto bíblico. Analisemos, sucintamente, a questão.

O texto de Mateus 28:19 encontra-se nos melhores e mais confiáveis manuscritos gregos do Novo Testamento, tanto nos chamados “maiúsculos” (unciais) quanto nos “minúsculos”.⁶⁵ A única alegação que se poderia fazer, em relação à integridade do original, seria uma variação na composição, mas que em nada altera a ideia da passagem.⁶⁶

Há também um livro chamado “Didaquê”, escrito entre

⁶⁵ ALAND, Kurt. et. al. *The Text of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994. p. 11.

⁶⁶ GEISLER, Norman; NIX, William. *Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. São Paulo: Vida, 2003. p. 142.

70 e 150 d.C., no qual se afirma que o batismo deve ser ministrado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.⁶⁷ Entre outros testemunhos importantes, citamos o de Irineu de Lião, que fora instruído, durante a juventude, por Policarpo de Esmirna, discípulo do apóstolo João, autor de um pequeno manual de doutrinas cristãs (“Demonstração da Pregação Apostólica”). Nessa obra, encontramos:

Agora a fé ocasiona isso para nós; até mesmo como os Anciães, os discípulos dos Apóstolos, passaram-nos. Em primeiro lugar nos é lícito ter em mente que nós recebemos o batismo para a remissão de pecados, no nome de Deus o Pai, e no nome de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que era encarnado e morreu e subiu novamente, e no nome do Espírito Santo de Deus.⁶⁸

Tendo em vista que o texto de Mateus é autêntico e fidedigno e que documentos antigos da Igreja, do primeiro século, indicam a fórmula trinitária como correta, só resta à Igreja continuar fazendo o que Jesus ordenou: batizar “*em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo*”.

2. O batismo deve ser realizado por imersão na água. (Mt 3:13-17; Jo 3:23, At 8:36-39) Paulo compara o rito do batismo com a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo. Esse simbolismo não teria significação se a Igreja Apostólica não praticasse o batismo por imersão. Que a prática por imersão era a forma empregada nos tempos do Novo Testamento é claro, pelo significado da palavra grega, pelas descrições da realização da cerimônia e pelas aplicações espirituais que a Bíblia faz desse rito.

A palavra “batizar”, usada na fórmula de Mateus 28:19, significa, literalmente, mergulhar ou imergir. Ela vem do ter-

⁶⁷ Didaquê, 7. In: BETTENSON, H. *Documentos da igreja cristã*. São Paulo: ASTE, s/d. p. 101

⁶⁸ IRINEU, *Proof of the Apostolic Preaching*, p. 3 (grifo nosso).

mo grego *baptizo*, que, no original, e com propriedade, descreve o processo pelo qual algo ou alguém é imerso por completo em água e novamente retirado.⁶⁹ Essa interpretação é confirmada por eruditos da língua grega e pelos historiadores da Igreja. Mesmo eruditos pertencentes às igrejas que batizam por aspersão ou efusão admitem que a imersão era o modo primitivo de batizar.

3. Um só batismo. A Bíblia declara que *“há um só Senhor, uma só fé, um só batismo”*. (Ef 4:5) Se há um só batismo, pode alguém ser batizado novamente? Algumas pessoas receberam um rito de aspersão, ou foram batizadas na infância. Como vimos antes, o batismo cristão deve ser por imersão, e a pessoa precisa crer e aceitar a Cristo como único e suficiente Salvador antes de ser batizada. Se esses requisitos não foram cumpridos, tal pessoa precisa receber, uma vez, o batismo que Jesus ordenou. Fora disso, cremos não haver qualquer base bíblica para forma alguma de rebatismo.

~ CONCLUSÃO ~

Não permita que o batismo seja algo que não é. Para além da cruz, ele não tem significado. Não o impeçamos de ser o que Deus planejou. Esse não é um mandamento opcional, tampouco uma questão trivial. É um mergulho disposto no poder e na promessa de Cristo.

O batismo é o primeiro passo de um crente. Se era importante o suficiente para Jesus ordenar, então é importante para que nós obedecemos. Se o batismo era importante o suficiente para Jesus se batizar, então também o é para que sigamos o Seu exemplo. Por mais que, às vezes, não consigamos entender por completo tudo o que ele significa, podemos ter certeza de que se trata de um momento sagrado.⁷⁰

⁶⁹ BART, Karl; CULLMANN, Oscar. *Batismo em diferentes versões*. São Paulo: Fonte Editorial, 2004. p. 13.

⁷⁰ LUCADO, Max. Op. cit., p. 1.

~ QUESTÕES PARA ESTUDO ~

1 - Se o batismo nas águas era para arrependimento, Jesus precisava ser batizado? Por que Ele deixou que João O batizasse? (Mt 3:11-17)

2 - Qual foi a ordem dada por Jesus à Sua Igreja? Como você está envolvido no seu cumprimento? (Mt 28:18-20)

3 - Qual a forma correta de se realizar o batismo cristão? Em nome de quem deve ser ministrado? (Mt 28:19; Mt 3:13-17; Jo 3:23).

4 - O que uma pessoa precisa comprovar antes de ser batizada nas águas? (Mc 16:16; Mt 28:20; At 3:19; 8:12, 35-38; 18:8)

5 - Segundo o Novo Testamento, quando eram batizados os novos crentes? (At 2:37-41; 9:10-18)

6 - De acordo com Paulo, o que o batismo simboliza? Quais as implicações éticas do batismo na vida do crente? (Rm 6:1-11; Gl 3:27; Cl 2:12,13)

7 - Há alguma base bíblica para o rebatismo? Uma pessoa pode ser batizada novamente?

A SANTA CEIA DO SENHOR

PR. BERNARDINO DE VARGAS SOBRINHO

09

VERSÍCULOS PARA REFLEXÃO:

Mt 26:26-28 | Mt 26:17-19 | I Co 11:23 | At 2:42

I Co 11:28 | I Co 11:24 | Jo 13:1-17

NOSSA DECLARAÇÃO: *“Cremos que a Ceia do Senhor rememora a paixão e a morte do Redentor da humanidade, até que Ele volte, e é um símbolo da comunhão cristã e um penhor da renovada lealdade ao nosso Senhor ressurreto.”*

“Cremos também que o lava-pés foi praticado e ordenado por Jesus, e que como um ato de fé, humildade e amor, deve anteceder a comunhão da Ceia do Senhor.”

~ INTRODUÇÃO ~

Este estudo tem por escopo uma meditação mais aprofundada sobre um dos mais significativos memoriais da redenção dos descendentes de Adão — a Ceia do Senhor. Neste ensejo, nos limitaremos na reflexão sobre (i) a essência desta ordenança, (ii) seus antecedentes históricos, (iii) sua prática no desenvolvimento da Igreja Cristã, (iv) os diferentes conceitos doutrinários e teológicos que dão suporte à sua milenar preservação e, (v) enfim, o aspecto devocional desta ordenança de Cristo. Configura-se desnecessário, por outro lado, o dispêndio de tempo para discutir a periodicidade que a Igreja deva adotar na celebração da Ceia do Senhor. Há os que defendem a Santa Ceia anual, guardando similitude com a celebração da Páscoa dos israelitas. Há, ainda, os que a praticam duas vezes ao ano (semestral). Outros defendem uma celebração quadrimestral (três vezes ao ano); outros trimestral (quatro vezes ao ano); outros bimestral (seis vezes ao ano); outros mensalmente.

te (doze vezes ao ano); e, por fim, há igrejas que a celebram semanalmente (cinquenta e duas vezes ao ano). Proclamamos ser inócua tal discussão pelo simples e irrefutável fato de que a Bíblia silencia a este respeito.

Ao referir-se à Santa Ceia do Senhor, o dedicado Pastor André Garcia Ferreira, com aguda clareza, afirmou ser ela a atividade eclesial mais celebrada no Corpo de Cristo — a Igreja. Ela é parte essencial de todas as Igrejas, sejam elas grandes, sejam pequenos grupos. Trata-se de um ato sagrado, ordenado por Deus, no qual o Senhor Jesus apresenta-Se a nós e eleva-nos ao celestial e invisível. (...).⁷¹ Como é de todos consabido, na tradição dos povos, nas mais diferentes civilizações, desde remotas eras, o compartilhamento de refeições tem servido para solidificar os vínculos de fraternidade, amor e respeito mútuos.

De acordo com a *Mishnah* (ver *Pesachim*, 10, ed. Soncino, Talmude, p. 532-623), o ritual da ceia pascal se dava do seguinte modo: (1) O chefe da família ou do grupo que celebrava a ceia misturava a primeira taça de vinho e a passava para os outros, pronunciando uma bênção sobre o dia e sobre o vinho. (2) Em seguida, o chefe realizava um ritual de lavagem de mãos. (3) A mesa era então posta. Os alimentos servidos na refeição pascal consistiam do cordeiro pascal, de pães asmos, de ervas amargas, alface e outros legumes e um molho saboroso chamado "*charoseth*", feito de amêndoas, tâmaras, passas de figo, especiarias e vinagre. Nessa fase, alguns dos vegetais eram comidos como entrada. (4) A segunda taça de vinho era então passada ao círculo de pessoas, e o chefe da família explicava o significado da Páscoa. (5) A primeira parte da Páscoa, "*Hallel*", que consistia dos Salmos 113 e 114, era cantada. (6) Os participantes, em seguida, comiam a refeição da Páscoa. O chefe da família dava graças e partia os pães asmos e distribuía uma parte a cada hóspede. Partes do cordeiro pascal eram comidas. (7) A terceira taça de vinho era passada,

⁷¹ FERREIRA, André Garcia. *Estudos Bíblicos: Lucas - O Evangelho do Filho do Homem*. Estudo nº 11 - A Última Ceia. 1º Trimestre. Curitiba: CBSDB, 2018, p. 157.

e a bênção sobre a refeição, proferida. (8) A quarta taça de vinho era passada, após a qual todos se uniam na segunda parte do “*Hallel*”, que consistia dos Salmos 115 a 118.⁷² A Teologia Cristã proclama que a instituição da Santa Ceia, ou, da “*Ceia do Senhor*”, nos dizeres do apóstolo Paulo em I Co 11:20 (últ. parte), ocorreu por ocasião da última festa (válida) da Páscoa, da qual Cristo participou.

Em verdade, a narrativa do apóstolo é o registro mais antigo que se conhece da instituição da Ceia, precedendo dois ou três anos a qualquer outra. Foi escrita provavelmente nos princípios do ano 57, vinte e sete depois de sua celebração inicial. Cinco anos antes o apóstolo já a havia ensinado à Igreja de Corinto (I Co 11:23). Argumenta com sua autoridade quando diz: “*Eu recebi do Senhor o que também vos ensinei a vós*” para mostrar como devem ser administrados os elementos comemorativos. Refere-se à fonte de sua informação, “*recebi do Senhor*” para mostrar que não foi testemunha presencial da instituição. As palavras do apóstolo suportam duas interpretações: ou Paulo recebeu instruções diretas de Jesus ressuscitado, ou lhe foram ministradas por ordem de Cristo por meio de Seus apóstolos que participaram da primeira Ceia. Mateus que foi testemunha de vista e Marcos, companheiro de Pedro, que esteve presente à Ceia também recordaram as mesmas circunstâncias e do mesmo modo o faz Lucas companheiro de Paulo. Com o desejo de cumprir toda a Justiça e honrar a lei cerimonial, que ainda durava, Jesus ordenou tudo o que era necessário para comer a páscoa com os Seus discípulos (Mt 26:17-19). Como o cordeiro pascoal tinha de ser morto de tarde e comido na mesma tarde, a festa pascoal necessariamente se deu no mesmo dia (Mt 26:20) [...].⁷³

A terminologia é variada. Encontramos fartos escritos

⁷² NICHOL, Francis D. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary (Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia)*. Vol. 5, 1ª ed, 4ª impressão. Casa Publicadora Brasileira. Tatuí: 2015, p. 560.

⁷³ DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. 7ª ed., Rio de Janeiro. JUERP – Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, 1980, p. 113.

históricos na eclesiologia primitiva, no período dos Pais da Igreja (a partir do ano 100 a.D., a saber, imediatamente após a morte do último apóstolo, João), e até mesmo na recente história da Igreja cristã. Deles se extrai a expressão “*a Ceia do Senhor*” (I Co 11:20), “*a Santa Ceia*”, “*a Eucaristia*”, “*o partir do pão*” (At 2:42; I Co 10:16), e “*a Comunhão*” (*koinonia*). Evidentemente, com a Santa Ceia, Jesus oficializava a inauguração de um Novo Pacto — uma Nova Aliança.

Concordamos com o estimado Professor, o já mencionado Pastor André Ferreira, quando ensina que Jesus, ao longo de Sua jornada nesta Terra, reconheceu e afirmou que o Seu tempo estava próximo e que celebraria a Páscoa com os discípulos. Esta era a primeira festa do calendário judaico, celebrada, anualmente, “*no mês primeiro, aos 14 do mês, no crepúsculo da tarde*” (Lv 23:5). Era a ocasião em que cada família, em Israel, comemorava a libertação do Egito, com o sacrifício de um cordeiro sem mancha. A festa também era a mais antiga dentre os dias festivos dos judeus, já sendo a primeira celebrada na véspera da libertação (...).

A Páscoa era imediatamente seguida pela festa dos Pães Asmos (Lv 23:6). Esse evento durava uma semana, o que fazia estender o período inteiro para oito dias. As duas festas eram tão intimamente associadas que o período de oito dias era, às vezes, chamado de “*a Páscoa*”; ou, às vezes, de “*a Festa dos Pães Asmos*”. O Novo Testamento usa os termos sem distinção, repetindo o linguajar utilizado comumente. Porém, em termos técnicos, a “*Páscoa*” refere-se ao 14º dia de Nisã (o primeiro mês do calendário judaico) e a “*Festa dos Pães Asmos*”, aos sete dias restantes do período festivo, que terminava no dia 21 de Nisã.⁷⁴

~ A INSTITUIÇÃO DA CEIA DO SENHOR E SEUS SIGNIFICADOS ~

Revela-se muito oportuna, a esta altura, a observação feita pelo Pastor e Professor Warren Wiersbe, ao asseverar que,

⁷⁴ FERREIRA, André Garcia. *Idem*, p. 158.

depois que Judas deixou o salão, Jesus instituiu algo novo, a Ceia do Senhor (I Co 11:23-34). Tomou dois elementos do jantar de Páscoa, o pão asmo e o cálice com vinho, e os usou para representar Sua morte. O pão repartido representa Seu corpo, entregue pelos pecados do mundo. O “*fruto da vide*” (Mt 26:29) representa Seu sangue, derramado para a remissão dos pecados. O texto não indica que algo especial ou misterioso ocorreu com esses dois elementos. Continuaram sendo pão e “*fruto da vide*”, transmitindo, porém, um significado mais profundo: o corpo e o sangue de Jesus Cristo.⁷⁵

Nesta moldura, é significativo constatar que, das duas ordenanças de Jesus à Igreja – batismo e santa ceia –, uma delas se refere a uma refeição compartilhada. Sem dúvida, este quadro, a um só tempo, dirige nosso olhar em quatro direções, a saber:

(i) **aponta para trás**, para o passado, rememorando a Páscoa, que era a comemoração máxima da saída de Israel da terra da servidão, para a terra da promessa. Tudo isso, tipificando Cristo, que, levado à Cruz, consolidou o resgate eterno, a ponto de Paulo declarar que “*Cristo é a nossa Páscoa*” (I Co 5:7). É, portanto, um memorial (gr., *anamnesin*) da morte de Cristo no calvário, para redimir os filhos de Adão do pecado e da condenação. Através de Sua morte podemos obter a remissão de nossos pecados. A Cruz de Cristo é o centro da mensagem cristã. Não há evangelho sem a Cruz de Cristo. Por outras palavras, Cristo é o centro da Santa ceia. Ela, por sua vez, é uma proclamação dramatizada do Calvário. De conveniência ressaltar que o Senhor ordenou que Sua Igreja relembresse, não Seus milagres, mas Sua morte.

(ii) **aponta para o presente**, quando somos diariamente desafiados a viver uma vida de comunhão (gr., *koinonia*) com o Senhor e santificação nEle. É, pois, à luz de I Co 10:16 e 17, um ato de comunhão com Cristo e com os demais membros do Seu Corpo.

⁷⁵ WIERSBE, WARREN W. *Comentário Bíblico Expositivo*. Novo Testamento. Tomo I, Editora Geográfica. Santo André: 2006, p. 125.

(iii) **aponta para o futuro**, sim, pois o apóstolo categoricamente afirma que todas as vezes que participamos da mesa do Senhor em santa comunhão, *“anunciamos a morte do Senhor até que Ele venha”* (I Co 11:26). Assim, a celebração da ceia do Senhor é um antegozo do Reino futuro de Deus e do banquete messiânico futuro, quando então, todos os salvos estarão presentes com o Senhor (Mt 8:11, 22:1-14; Mc 14:25; Lc 13:29; 22:17, 18 e 30). Sem dúvida, a Santa Ceia aponta para a Segunda Vinda de Cristo, para a *“parousia”*.

E, (iv) **aponta para o interior de cada adorador**. Observe-se que este é um olhar para dentro. É olhar introspectivo. Refere-se ao auto-exame. A exortação do apóstolo é: *“Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão e beba do cálice”* (I Co 11:28). Não há aqui um comando para examinarmos o nosso irmão. Não somos juízes dos outros. Devemos examinar-nos a nós mesmos. Decerto, se examinarmos com mais exatidão a nossa própria vida não teremos tempo para investigar a vida dos outros. Os fariseus eram meticulosos em ver as falhas dos outros, mas muito complacentes com eles mesmos. Com efeito, dentre outras, a lição subjacente que o Senhor pretende nos passar por meio de Sua Palavra, envereda no sentido de que não devemos fugir da Santa Ceia por causa do pecado, mas, sim, fugir do pecado por causa da Ceia do Senhor. Em verdade, a ordem bíblica, é: *“Examine-se e coma”*. Logo, não está escrito: *examine-se e não coma*.

No tocante ao mencionado autoexame, há dois perigos contra os quais precisamos ser vigilantes: O primeiro deles é a autocomplacência. O que isso significa? Refere-se ao fato de cultivarmos a atitude de tratar a nós mesmos com demasiada frouxidão e tolerância. Em outras palavras, configura-se pela determinação de sempre ter justificativa para os nossos erros. É fazer vistas grossas ao pecado para eximir-se da culpa. Mas há outro perigo, não menos grave, concernente ao autoexame. É o da autocondenação. Facilmente se constata os integrantes deste grupo, visto que vivem mergulhados em profundo desespero espiritual. O desespero e a incerteza da salvação é tal,

que alguns chegam ao ponto de cultivar a autoflagelação espiritual. Logo, não descansam na Graça de Deus e não tomam posse do perdão oferecido na cruz.

Desvendando conceitos teológicos a respeito da Santa Ceia

Construiu-se no ambiente cristão três diferentes interpretações e conceitos sobre a expressão: *“E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim”* (I Co 11:24).

Pois bem. Para muitos cristãos, o pão é o próprio corpo de Cristo, e o vinho, literalmente é o sangue. Este viés hermenêutico, adotado pela Igreja Católica Apostólica Romana, recebe o nome de *“transubstanciação”*. Ensinam, pois, após a oração, na ministração da Santa Ceia, que o pão e o vinho são transformados literalmente no próprio corpo e sangue de Jesus. Tal conceito foi adotado pela Igreja Católica Apostólica Romana em 1215 e depois reafirmado no Concílio de Trento, em 1551.

Já, para a Teologia Luterana, não ocorre a *“transubstanciação”* (transformação dos elementos pão e vinho em carne e sangue de Cristo), mas, sim, *“consustanciação”*, ou seja, ensinam que o pão e o vinho permanecem inalterados, mas, espiritualmente Cristo está presente no pão e no vinho. Assim, para Lutero, Cristo verdadeiramente se une às substâncias do pão e do vinho, numa simbologia, porém os elementos do pão e do vinho (corpo e sangue de Cristo) estão presentes apenas espiritualmente, mas os elementos permanecem imutáveis.

Diante destas informações, a pergunta que não cessa de ecoar, é: *Qual a doutrina correta a este respeito? Transubstanciação, ou consustanciação?* Proclame-se, alto e bom som, que para nós batistas do sétimo dia, não se trata, nem de transubstanciação, nem de consustanciação. Vemos o pão e o vinho, única e tão somente, como símbolos do corpo e do sangue de Cristo, dados em sacrifício para a nossa salvação.

~ A SANTA CEIA É UM “SACRAMENTO”, OU É UMA “ORDENANÇA”? ~

O Dicionário Houaiss, erroneamente, define “*sacramento*” como sendo um rito sagrado instituído por Cristo para dar, confirmar ou aumentar a graça [São sete: batismo, confirmação, comunhão, penitência, extrema-unção, ordem e matrimônio].⁷⁶ Historicamente o vocábulo “sacramento” (lat., “*sacramentum*”) está ligado a um juramento que o soldado romano fazia ao ingressar no exército. Compulsado o livro “Teologia dos Princípios Batistas”, encontro a oportuna informação: Tertuliano (160 - 230 a.D.) foi o primeiro a chamar o Batismo e a Ceia do Senhor de “sacramentos”. Sendo o primeiro teólogo a escrever em latim, ele influenciou o vocabulário dos autores que o seguiram. Tertuliano conhecia um “*sacramentum*” como o juramento feito pelo soldado romano ao entrar no exército. O cristão faz semelhante juramento, pensou Tertuliano, quando se batiza e participa da Ceia. Os cristãos de fala latina aceitaram a linguagem de Tertuliano, e o termo passou para as línguas modernas.

A palavra “sacramento” eventualmente deixou de significar “juramento”, embora os dicionários ainda a registrem na sua mais antiga acepção. O sacramentos passaram a significar meios da graça, garantias da presença de Deus. Conforme a definição clássica, “*sacramento é um sinal visível de uma graça invisível*”. (...). Surgiu dúvida, todavia, quanto ao número de sacramentos. Será que o batismo e Ceia do Senhor são os únicos meios de graça? Esta questão foi discutida durante alguns séculos. O teólogo Pedro Lombardo (1100 a 1164), em seu manual “*Sentenças*”, apresentou uma lista de sete sacramentos, que foi eventualmente oficializada. Desde então, a Igreja Católica Romana reconhece sete meios de graça: Batismo, Confirmação ou Crisma, Penitência ou Confissão, Comunhão, Ordem, Matrimônio e Extrema-unção.

Conforme a doutrina católica romana, os sete sacramen-

⁷⁶ HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Editora Objetiva, 1ª ed. Rio de Janeiro: 2001, p. 2.493.

tos garantem a presença de Deus nos passos importantes da vida, desde o nascimento até a morte. Cada sacramento confere a graça e produz um efeito indelével. Por este processo meio mecânico, a Igreja assegura a salvação aos seus fiéis. O sacramento opera por sua própria natureza (“*ex opere operato*” – independente do ato realizado). Sua validade em nada depende da fé do recipiente: basta que não haja impedimento de sua parte. Zwínglio (1484 a 1531) e Calvino se afastaram do sacramentalismo mais do que Lutero e os anglicanos; somente os anabatistas, porém, rejeitaram plenamente o sacramentalismo.

Os batistas rompem com a doutrina da graça sacramental. A salvação é pela graça, mas o meio da graça é a fé (Ef 2:8). Felizmente, nem todas as igrejas que usam a palavra “sacramento” creem na salvação através de cerimônias. Na melhor das hipóteses, porém, o termo “sacramento” é ambíguo, e, por esta razão, os batistas preferem substituí-lo.

A rejeição da palavra “sacramento” remonta ao início do movimento batista. A Primeira Confissão Batista de Londres (1644) reconheceu o Batismo e a Ceia do Senhor como “*ordenanças*”. A Segunda Confissão Batista de Londres (1677) inseriu muitos trechos diretamente da Confissão de Westminster (1646), mas mesmo nestes trechos os batistas substituíram a palavra “sacramento” por “ordenanças”. Hoje alguns batistas, sob a influência do movimento ecumênico, usam o termo “sacramento”, mas a palavra “ordenança” caracteriza o vocabulário batista.⁷⁷

Anote-se, por último, que uma ordenança (gr. *dikaiona*) tem o sentido de regulamento, ou uma ordem, ou uma forma de ordenar algo por alguém. Este é, pois, o conceito que nós batistas em geral adotamos. É um símbolo que concretiza uma ideia abstrata. Portanto, é um rito simbólico que põe em destaque as verdades centrais da fé cristã, e que é obrigação

⁷⁷ LANDERS, John. *Teologia dos Princípios Batistas*. 1ª ed., Rio de Janeiro. JUERP – Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, 1986, pp. 102/103.

universal e pessoal. O batismo e a Ceia do Senhor são ritos que se tornaram ordenanças por ordem específica de Cristo.

~ COMO A IBSD SE RELACIONA COM O LAVA-PÉS? ~

Nem todas as igrejas cristãs praticam o lava-pés por ocasião da celebração da Santa Ceia. Ressalvadas algumas exceções, porquanto o assunto é controvertível, os batistas do sétimo dia no Brasil, alicerçados em Jo 13:1-17, entendem e ensinam que a celebração da Santa Ceia alcança sua completude quando integrada pela cerimônia do lava-pés. Uma análise das circunstâncias e do contexto, faz-nos crer que o Salvador, decerto, desejava celebrar a festa da Páscoa a sós com os doze. Sabia que era chegada a Sua hora. Ele próprio era o cordeiro pascal e, no dia em que se celebrava a Páscoa Ele devia ser sacrificado. Estava prestes a beber o cálice da ira; devia logo receber o final batismo do sofrimento. Algumas horas tranquilas Lhe restavam, porém, e essas deviam ser empregadas em benefício dos amados discípulos.

Ente eles havia a disputa sobre qual seria o maior. Tal espírito de disputa e desarmonia, por certo muito entristecia o Salvador. Os discípulos não entendiam a Teologia profética do Messias sofredor. Pensavam apenas no Messias vitorioso, que formaria Seu poder assentando-se no trono de Davi. Portanto, sendo assim, ansiavam por uma posição mais destacada e elevada no Reino que logo se estabeleceria. A cultura daquela região e daquela época firmou-se na prática consuetudinária de que um escravo lavava os pés dos hóspedes em uma festa. Os discípulos conheciam isso e, por certo, aguardavam para ver quem era o mais rebaixado deles para assumir o papel do escravo.

Mas, quão espantados ficaram! Sim, Jesus assumiu o papel do escravo: *“Levantou-Se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-Se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido”* (Jo 13:4-5). Na sequência, orde-

nou que Seu exemplo fosse seguido (vs. 12- 17).

Concordamos com o Pastor Doutor Hernandes Dias Lopes quando afirma:

Era costume que, antes de se assentarem à mesa, as pessoas lavassem os pés. Os discípulos tinham vindo de Betânia. Seus pés estavam cobertos de poeira. Eles não podiam assentar-se à mesa antes de lavar os pés. Esse era o serviço dos escravos, principalmente do escravo mais humilde de uma casa. Jesus estava no cenáculo com eles. Ali não havia servos. Jesus esperou que eles tomassem a iniciativa de lavar os pés uns dos outros. Mas eles eram orgulhosos demais para fazer um serviço de escravo. Ninguém tomou a iniciativa. Aliás, os discípulos abrigavam no coração a dúvida de quem era o mais importante entre eles (Luc. 22:24 a 30). O vaso de água, a bacia, a toalha-avental, dispostos ali, à vista de todos, os acusavam. (...). Mesmo assim, ninguém se mexia. Eles pensavam que privilégios implicava grandeza, reconhecimento, aplausos e regalias. Jesus, porém, reprova a atitude deles, mostrando-lhes que, entre os que O seguem, mede-se a grandeza de qualquer um pelo serviço prestado. D. A. Carson diz corretamente que os discípulos ficariam felizes em lavar os pés de Jesus; eles não podiam conceber, entretanto, a ideia de lavar os pés uns dos outros, visto que essa era uma tarefa normalmente reservada aos servos inferiores. Pares não lavam os pés uns dos outros, exceto raramente e como sinal de grande amor.

Foi no meio de tais homens que se sentiam muito importantes, entre eles Judas Iscariotes, o traidor, que Jesus Se levanta. Mesmo sabendo que era o Filho de Deus e que tinha vindo do Céu e voltava para o Céu, Jesus cinge-se com uma toalha, deita água em uma bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha. Jesus repreende o orgulho dos discípulos com Sua humildade. Jesus mostra que, no reino de Deus, maior é o que serve. A grandeza no reino de Deus não é medida por quantas pessoas estão a seu serviço, mas a quantas pessoas você está servindo.⁷⁸

⁷⁸ LOPES, Hernandes Dias. *Comentários Expositivos Hagnos: João – As glórias do Filho de Deus*. 1ª ed.. São Paulo: Editora Hagnos, 2015, p. 347.

~ CONSIDERAÇÕES FINAIS ~

A Santa ceia, dentre outros significados, constitui um vívido memorial de nossa redenção. Devemos dela participar com consciência leve diante de Deus. Sua celebração é revestida de solenidade, mas não pode ser confundida com uma cerimônia fúnebre. Conquanto fale de morte, ela, paradoxalmente, celebra a vida — a vida eterna. Afinal, Jesus ressuscitou! Podemos sintetizar os argumentos em prol da Santa ceia com lava-pés, afirmando que esta prática:

- encontra-se emoldurada pelo amor. Observe-se o discípulo amado inicia sua narrativa asseverando que Jesus, *“tendo amado os Seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”*. (Jo 13:1).

- revela humildade e serviço (Jo 13:4-5).

- revela igualdade e fraternidade (Jo 13:13-16).

- revela Unidade com Jesus (Jo 13:8).

- é um Símbolo de purificação (Jo 13:10).

- decorre de uma exortação do Senhor (Jo 13:14-16).

- constitui uma garantia de bênção (Jo 13:17). Sim, pois Cristo declara bem-aventurados todos aqueles que participam do lava-pés.

Por último, podemos encerrar a matéria exposta, concordando com o Pastor Hernandes D. Lopes quando, citando William MacDonald, alardeia que a Ceia do Senhor é o elo entre as Suas duas vindas, o monumento de uma, a garantia de outra.⁷⁹ Nesta toada, não se pode furtar à constatação de que a Santa Ceia é, também, um ato de ação de graças (gr., *Eucharistia*) por Seu sacrifício por nós.

⁷⁹ LOPES, Hernandes Dias. *Comentários Expositivos Hagnos: I Coríntios – Como resolver conflitos na Igreja*. 1ª ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Editora Hagnos, 2016, p. 216.

~ QUESTÕES PARA ESTUDO ~

1 - À luz do texto comentado, discuta com a classe as quatro direções para as quais a Santa Ceia aponta. Fundamente suas posições com o texto bíblico.

2 - Quer consideremos o lava-pés uma ordenança, quer o assumamos como uma exortação do Senhor Jesus, quais as lições que se extraem do episódio contido em S. João 13:1 a 17?

3 - Refute, à luz dos comentários desta lição e com base nas Santas Escrituras, a doutrina católica da transubstanciação.

4 - Uma vez que a salvação é só pela graça, mediante a fé (Efés. 2:8 e 9), justifique a tradição teológica batista de substituir o vocábulo “sacramento” pela palavra “ordenança”.

SÁBADO SAGRADO 10

PR. ANDRÉ GARCIA

VERSÍCULOS PARA REFLEXÃO:

Gn 2:2,3 | Êx 20:8 | Êx 16:22,23 | Mc 2:27
Lc 6:1-11 | Mt 12:1-14 | 1 Jo 2:6

NOSSA DECLARAÇÃO: *“Cremos que o sábado sagrado da Bíblia, o sétimo dia da semana, é tempo sagrado, um dom de Deus para todas as pessoas, instituído na Criação, confirmado nos Dez Mandamentos, reafirmado no ensino e exemplo de Jesus e dos apóstolos. Acreditamos que o repouso do sábado sagrado é uma experiência da presença eterna de Deus com Seu povo. Assim, em resposta amorosa à graça de Deus, acreditamos que o sábado sagrado deve ser fielmente observado como um dia de descanso, adoração e celebração”.*

~ INTRODUÇÃO ~

O sábado foi um dia especial, estabelecido pelo nosso Deus após o termino da Criação. Em seis dias, Deus criou os céus e a Terra. Mas, no sétimo, descansou. Ele também abençoou o sétimo dia, o sábado, e santificou-o.

O vocábulo “santo” indica o caráter sagrado do sétimo dia da semana. *Santo*, na língua hebraica, é *qadosh*; e, em grego, *hagio*, que significam “ser separado”. Ao santificar o sábado, o Senhor deixou claro que o ser humano deve separar o tempo de louvor e adoração a Deus. Esse presente, em forma de tempo, foi dado para o bem de toda a humanidade para que possamos focalizar a nossa atenção em Deus.

Desde a sua criação até a saída de Israel do Egito, o sábado não é mencionado. Isso não significa que o sétimo dia não era observado. Parecia tão natural e orgânico que não preci-

sava ser prescrita em lei a sua observância. Porém, quando o povo de Deus saiu em direção à Terra Prometida, diante da necessidade de manter a unidade espiritual e religiosa, após 400 anos de contato com uma cultura e religião pagãs, foi necessário que se ordenasse em código de lei.

Logo no início da peregrinação, Deus enviou o maná, durante seis dias; e, no sexto, o povo deveria coletar o alimento para que servisse a dois dias a fim de que não trabalhassem no sétimo. Pouco tempo depois, Deus escreveu os 10 Mandamentos com o próprio dedo, estabelecendo no quarto: *“Lembra-te do dia de sábado, para santificar”*. (Êx 20:8)

No Novo Testamento, Jesus guardou o sábado. Rodney L. Henry afirma que Ele veio à Terra para tornar possível a todas as pessoas relacionarem-se corretamente com Deus.⁸⁰

Ao longo deste estudo, um ponto essencial deve permear sua reflexão -guardamos o sábado, pois a salvação alcançou-nos mediante Jesus Cristo. Contudo, não observamos o sétimo dia para sermos salvos. Em cada edição do “Sabbath Recording”, publicação da Igreja Batista do Sétimo Dia dos Estados Unidos, os editores inserem a visão de nossa igreja: *“Observamos o sétimo dia da semana (sábado) como dia santo de Deus, como um ato de obediência amorosa - não como meio de salvação. Salvação é o dom gratuito de Deus, por intermédio de Jesus, nosso Senhor.”*⁸¹

~ O SÁBADO É INSTITUÍDO NA CRIAÇÃO ~

O plano eterno de Deus é que o homem desfrute de um relacionamento de amor com Ele. Assim, criou o homem e, depois, o sábado. A essência dessa criação é o homem ser trazido ao correto relacionamento com Deus⁸².

Em Gênesis 2:2,3, vemos que Deus descansou no sétimo dia, depois de terminar Sua Criação. Então, “abençoou” o sá-

⁸⁰ HENRY, Rodney L. *O Sábado*. Criação de Deus para nosso benefício. Curitiba: CBSDB, 2005. p 10.

⁸¹ In Sabbath Recording .Janesville. Edição 240. Janeiro de 2018.

⁸² HENRY, Rodney. Op. cit. P. 13.

bado e “santificou”-o. Vamos verificar cada uma dessas três ações.

O descanso de Deus de Seu trabalho tem como primeiro objetivo distinguir Seus atos da Criação, realizados nos seis dias anteriores. Aqui, *descanso* significa que Deus parou, cessou o trabalho criativo. Ao mesmo tempo, Ele incentiva-nos a designar uma parte da vida para o descanso e ao crescimento espiritual. A inexistência de um momento como esse torna muito difícil lidar com as outras questões e manter o equilíbrio necessário para preservar a vida espiritual.

A segunda ação de Deus, ao criar o sábado, foi abençoá-lo. Há uma clara diferenciação entre o sétimo dia e os outros. É concedido ao sábado uma marca especial de bondade⁸³.

E, por fim, Deus santificou, ou *tornou santo* o sétimo dia. O significado de “santo”, nas Escrituras, é ser separado por Deus. Quando consideramos o sábado, o Dia *Santo* de Deus, devemos tratá-lo de forma diversa do restante da semana. A sua santidade serve como base para tudo que fazemos em relação a ele. É um tempo santo, diferente dos outros dias da semana. Eis o ato final de Deus durante a semana da Criação. Assim, o sétimo dia é abençoado e santificado por Deus.

O sábado é parte da criação de Deus e tem, desde o início, o intuito de santificar o nosso relacionamento com o Criador.

~ O SÁBADO E A LEI ~

Um acontecimento anterior à instituição do decálogo foi o envio do maná ao povo de Deus, no deserto. E isso possui íntima relação com a guarda do sétimo dia.

Durante o período da peregrinação, os israelitas foram alimentados com provisões dadas por Deus, chamadas de *maná*. Ao longo da leitura dos relatos do envio desse alimento, fica evidente que, além de oferecer a provisão ao povo, Deus pretendia utilizar a sua colheita de forma pedagógica sobre a guarda do sábado e também quanto a confiarem no

⁸³ Op cit. P. 16

Pai Celeste.

Deus deu instruções a respeito da colheita do maná, no sábado, que eram específicas e requeriam fé por parte daquele povo:

No sexto dia, recolheram o dobro: dois jarros para cada pessoa; e os líderes da comunidade foram contar isso a Moisés, que lhes explicou: “Foi isso que o Senhor ordenou: ‘Amanhã será dia de descanso, sábado consagrado ao Senhor. Assem e cozinhem o que quiserem. Guardem o que sobrar, até a manhã seguinte. (Êx 16:22,23)

Rodney L. Henry afirma que há três partes na lição dada por Deus sobre fé e guarda do sábado:

Primeira, Deus diz ao povo para descansar no sétimo dia, o sábado. Esse é um descanso com o propósito de distinguir o dia dos outros seis dias da semana. Segunda, Deus declara novamente que o sábado é santo. O sábado, sétimo dia, é um tempo sagrado. Terceira, Deus diz que o sábado é “para o Senhor”. O sábado foi planejado para que tenhamos Deus como o principal foco ou objetivo do dia. O sábado exige abstinência do trabalho comum e entrega pessoal ao Criador do mundo.⁸⁴

Em Êxodo 20:8-11, a guarda do sábado é parte integrante dos 10 Mandamentos. A Lei de Deus mostra ao povo o caráter divino, revelando Seus desejos à humanidade. A Lei de Deus tinha dois objetivos: direcionar o relacionamento entre Deus e os seres humanos; levar as pessoas a viverem relacionamentos sociais harmoniosos.

Está certo que a guarda da Lei não nos salva; a salvação é efetivada única e exclusivamente mediante a fé em Jesus Cristo. A Lei de Deus é um instrumento da Sua graça. Não há uma contradição entre graça e lei, pois esta é subserviente a primeira. A Lei é elemento, faz parte da graça. Em Gálatas 3, Paulo afirma que a Lei de Deus tem uma função clara dentro da aliança divina, como o apóstolo afirma, no verso 19: “(...)

⁸⁴ HENRY, Rodney. Op. Cit. p. 23.

Ela foi acrescentada por causa das transgressões (...)”. Assim, o pecado seria escancarado, enquadrado em um código escrito, claramente identificado, apontando para Cristo, o único que nos regenera. Dessa forma, acreditamos que guardar a lei não é meio para salvação, mas resultado dela.

No quarto mandamento, podemos observar quatro pontos importantes que devemos enfatizar:

- Deus ordena que se lembre do dia de sábado. Ele convoca o Seu povo a continuar fazendo o que já realizava desde a Criação.
- Deus ordena que cada um de nós santifique o sábado. Devemos santificá-lo, porque Deus criou-o para ser santo. Devemos separá-lo para focalizar nossas atenções a Deus.
- Deus determina que se descane no sábado. Ele é colocado à parte, como dia santo e especial, no qual não devemos trabalhar. Os outros seis dias da semana são para o trabalho.
- O “sábado do Senhor” é um dia dedicado a Ele. Nos outros, temos distrações do mundo. Deus separou o sétimo dia da semana para descansarmos do trabalho e dedicarmo-nos a Ele.⁸⁵

O sábado deve ser entendido como uma grande bênção que o Pai concedeu-nos. É um dia de adoração, de celebração e de regozijo no Senhor.

~ SÁBADO SAGRADO É REAFIRMADO NO EXEMPLO DE JESUS E DOS APÓSTOLOS ~

Nosso Mestre não veio para mudar a Lei, mas para legitimá-la. Jesus guardou o sábado a fim de obedecer ao mandamento divino; e o fez para celebrar a Criação de Deus. Ele ensinou, enquanto esteve na Terra, a forma correta de guardá-lo.

⁸⁵ Henry, Rodney. Op Cit. p. 32-33

Os textos de Mateus 12:1-14, de Marcos 2:23-28 e de Lucas 6:1-11 demonstram que Jesus questionava a forma errônea de os fariseus observarem o quarto mandamento. Assim, exortou-os a refletirem sobre a importância desse dia para a humanidade. Neste contexto, Jesus intitulou-se o *Senhor do Sábado*, provando que Ele jamais teve a intenção de abolir a Lei e, ao mesmo tempo, demonstrou a Sua autoridade sobre todas as circunstâncias referentes ao tema.

Outro ponto relevante, nos textos em que Jesus aborda a questão do sábado, é que Ele afirma claramente que o sétimo dia foi criado para o homem; e não, o homem para o sábado. (Mc 2:27) Henry afirma que podemos abstrair três ensinamentos sobre essa fala:

a) O sábado já foi feito. O sétimo dia existe desde o princípio da Criação de Deus. Isso lembrava aos fariseus que o sábado foi criado por Deus e, não, por eles.

b) O sábado foi feito para todos os homens. Quando fora criado, não havia judeu, nem Israel. Essa é a clara mensagem no texto do Novo Mandamento. Na criação, Deus e o homem estavam em perfeita harmonia. E uma parte dessa harmonia era o sábado, o qual Deus abençoou e santificou. Ele criou o homem de tal maneira que este precisava do sábado. Então, sua criação pretendeu atender a uma necessidade humana: “O sábado foi feito para o homem”.

c) O sábado foi feito para o homem e, não, o homem para o sábado. Para os fariseus, o dia era mais importante que os homens, a ponto de negligenciar a ajuda ao próximo, se ocorresse no sábado. Jesus combateu os fariseus pela forma como haviam adulterado/mudado o significado original e o propósito do santo dia de Deus.⁸⁶

⁸⁶ HENRY, op cit. pp. 43-44.

~ PAULO GUARDOU O SÁBADO~

Em Atos 18, vemos Paulo na cidade de Corinto, frequentando a sinagoga, todos os sábados. E muito mais do que apenas manter contato com os judeus na sinagoga, o apóstolo observava o preceito, porque *“tinha prazer na lei de Deus”* (Rm 7:22), por considerá-la *“santa, justa e boa”* (Rm 7:12) e porque amava seguir o exemplo do Salvador (1 Jo 2:6; Gl 2:20; Lc 4:16).

O apóstolo guardou o Sábado por toda a sua vida. (At 25:8) Nunca foi contra a Lei de Deus; mas, sim, oponente a um sistema religioso que considerava a lei um meio de salvação. (1 Tm 1:8)

~ SÁBADO: UM ANTEGOZO DO CÉU~

O repouso sabático é uma antecipação do repouso eterno no céu, como vemos em Hebreus 4.9: *“Assim, ainda resta um descanso sabático para o povo de Deus”*.

A cada sábado, ao deixarmos de lado todo o trabalho e o envolvimento com preocupações ou atividades terrenas, lembremo-nos do que Deus espera de Seus filhos. Larry Graffius afirma: *“Nosso descanso sabático é a confirmação do descanso eterno - uma degustação do paraíso.”*⁸⁷

~ CONCLUSÃO ~

O sábado é um dia especial dado a nós. É o período em que podemos ter descanso, tanto mental como físico, o que nos ajuda a estarmos prontos para os seis dias de trabalho que se seguirão. Guardá-lo fielmente ajuda a apreciar o repouso, a ser capaz de descansar de todos os labores e cuidados.

No entanto, precisamos ser cuidadosos para não transformarmos o sábado em um dia de fazer e não fazer. Quando começamos a focalizar mais as leis, e não naquele que nos deu a Lei, logo nos afastamos do coração do Seu mandamento do

⁸⁷ GRAFFIUS, Larry. *Fiel ao Sábado, Fiel ao nosso Deus*. Lições práticas para a guarda do sábado. Curitiba, 2006. p. 136.

sábado. Todas as leis de Deus foram dadas e fundamentadas em Seu amor.

~ QUESTÕES PARA ESTUDO ~

1 - Por que o sétimo dia é diferente dos outros dias da Criação?

2 - Como podemos interpretar a seguinte frase: *“O sábado foi feito para o homem e, não, o homem para o sábado”*? (Mc 2:27)

3 - O que implica na maneira como observamos o sétimo dia, ao entendermos que não guardamos o sábado para sermos salvos, mas porque já somos salvos?

4 - Qual a relação entre o período que o povo alimentou-se com o maná e praticou a guarda do sábado? (Êx 16:22,23)

5 - Por que o sábado é considerado um antegozo do céu?

6 - Como podemos ter certeza, à luz das Escrituras, de que o sábado não foi abolido ou trocado pelo domingo?

VERSÍCULOS PARA REFLEXÃO:

Mt 28:18-20 | Ef 1:13 | Rm 1:16 | Jo 16:8

At 1:8 | Lc 4:18-19 | Jo 3:16

NOSSA DECLARAÇÃO: *“Cremos que Jesus comissiona-nos a proclamar o Evangelho, a fazer discípulos, a batizar e a ensinar a observância de tudo aquilo que Ele ordenou. Somos chamados para sermos testemunhas de Cristo para todo o mundo e em todas as relações humanas.”*

~ INTRODUÇÃO ~

Crer que o *evangelismo* é parte fundamental da nossa Declaração de Fé não se baseia em fundamentos estratégicos humanos que têm como alvo o crescimento numérico da Igreja. O tema está diretamente ligado à ordem de Jesus Cristo quando comissionou Seus discípulos e, em consequência, a Igreja à pregação do Evangelho. Teologicamente, chamamos tal ordem de *Grande Comissão* (Mt 28:18-20), pois ordena aos cristãos que partam e façam discípulos em todas as nações. A base para a Grande Comissão é a autoridade de Cristo; e o incentivo, a promessa de que Ele estará com a Igreja na empreitada dessa missão.

Em resumo, podemos dizer que Evangelização é a atividade cujo objetivo é levar os homens a conhecerem o plano de Deus para sua salvação; impulsioná-los à aceitação de Jesus Cristo como Filho de Deus, Salvador e Senhor, e integrá-los à vida cristã. Deve ser a missão prioritária da Igreja; afinal, com qual outro objetivo a Igreja foi estabelecida? Ela não deve ser identificada com qualquer sistema social ou político; mas,

sim, como entidade compromissada com o Reino em anunciar as “Boas-novas” sobre o Reino.

~ DEFINIÇÕES A RESPEITO DO TEMA ~

Quando falamos sobre a missão de anunciar as boas-novas, logo nos vêm à mente pelo menos três termos relacionados: Evangelho, evangelização e evangelismo. Os dois últimos mostram-se muito parecidos e podem ser até confundidos, mesmo apresentando significados diferentes. Por isso, cabe ao nosso estudo uma breve definição sobre os três.

EVANGELHO: A palavra “evangelho” é uma tradução do termo grego *evanguélion* e significa, literalmente, “boas-novas”, “boas notícias”. Historicamente se diz que o seu sentido para os gregos antigos era de “boas notícias do campo de batalha”. Essa proclamação que podia chegar de navio, cavalo ou mesmo por um mensageiro a pé. Eram anunciadas a toda a cidade, que se mantinha na expectativa de ouvir as novidades. Tal mensageiro era o *evanguélos*, que significa “mensageiro sagrado, portador das boas-novas”.⁸⁸

As definições exprimem muito bem o motivo do chamado que temos em nossos dias, pois somos *evanguélos* (portadores de boas notícias), em um mundo em guerra. Embora não percebamos, ou não queiramos perceber, as pessoas estão sedentas por notícias de salvação. Mais do que nunca, os meios de comunicação e os de transporte (que estão muito além de cartas, cavalos e navios) possibilitam-nos a divulgação do Evangelho.

O objetivo do Evangelho é persuadir, levando pessoas à conversão a fim de que se tornem seguidoras de Jesus. Cabe destacar que *persuadir* não é *manipular*, mas fazer com que alguém acredite em algo, ou levar à conclusão da necessidade de algo. Em relação ao Cristianismo, o Evangelho cumpre seus objetivos pelos seguintes motivos:

a) **É verdadeiro.** - Aquele que anuncia o Evangelho

⁸⁸ GONÇALVES, Marcelo Aleixo. *Evangelização cristã e questões urbanas*. Maringá: UNICESUMAR, 2014. p.p.16,17.

pode fazer com toda a tranquilidade, porque não está correndo risco de anunciar algo incerto. Como disse Paulo, *“No qual também vós, tendo ouvido a Palavra da verdade, o Evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa”*. (Ef 1:13)⁸⁹ O cristão não espalha falsas notícias; ele é portador de uma mensagem verdadeira que mudou, muda e continua mudando a vida dos que se submetem a tal mensagem.

b) **É o poder de Deus.** - O Evangelho cumpre seus objetivos por ser poderoso. Paulo também afirmou: *“Pois não me envergonho do Evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê...”*. (Rm 1:16)

c) **É obra de Deus.** - O Evangelho é de Deus, tendo nele sua origem. (Jo 1:1-5; Rm 1:1) Sua obra continua sendo cumprida pela ação, e tão somente pela ação do Espírito Santo. Lembremos que o objetivo de persuadir é do Evangelho e, não, nosso. Somos apenas os portadores da mensagem. A mudança é obra do Espírito Santo agindo pela mensagem transmitida, convencendo o homem *“...do pecado, da justiça, e do juízo”*. (Jo16:8)

Podemos concluir afirmando que o Evangelho é um conjunto de fatos e ensinamentos bíblicos que nos apresentam o cumprimento da providência de Deus para a Salvação dos pecadores. E o resultado da sua ação no homem é o arrependimento, a fé em Jesus Cristo, a conversão a Deus, a obediência, a perseverança e um viver de modo digno, a ponto de dar bons frutos.⁹⁰

EVANGELIZAÇÃO: *Evangelização* é a ação de evangelizar. Enquanto “Evangelho” significa “boas-novas”, ou “boas notícias”, a *evangelização* é o ato de anunciar essas novidades.

⁸⁹ SCHEFFEL JR, M. Douglas. Coordenador. *Evangelismo e Discipulado*. Guáira: IBADEP, 2 ed. 2006. p.14.

⁹⁰ GONÇALVES, Marcelo Aleixo. 2014. p.p.17 e 18.

É a ação de comunicar o Evangelho, visando levar Jesus aos perdidos para que sejam salvos, por Seu amor e Sua graça. Disse um autor que evangelizar poderia ser definido como “um mendigo dizer a outro onde conseguir alimento”.

A Evangelização é uma ação que realiza.⁹¹ É a prática efetiva da proclamação do Evangelho, quer pessoal, quer coletivamente, até aos confins da Terra, levando-nos a cumprir plenamente o que Jesus delegou-nos. (At 1:8) Em outras palavras, é o *“Ide por todo o mundo e pregando o Evangelho a toda a criatura”*.

É importante destacar que *evangelizar* não é o mesmo que *pregar*. Embora a pregação seja uma forma de evangelismo, nem toda a pregação é evangelização. *Evangelizar* vai muito além de palavras ditas; é a palavra vivida. Nenhum testemunho convence mais o próximo do que aquele que damos pessoalmente. Aldrich disse que os não cristãos são atraídos, primeiramente, pelos cristãos e, posteriormente, por Cristo.⁹² Ou seja, é a velha história: o primeiro Jesus que as pessoas conhecem somos nós; a primeira Bíblia que elas leem é a nossa vida.

A respeito da evangelização, Jesus fala o seguinte de Si: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele ungiu-me para pregar as boas-novas aos pobres. Ele enviou-me para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor”*. (Lc 4:18-19) Jesus cumpriu cabalmente Seu trabalho de evangelização, por meio de Suas palavras e por intermédio de Seu testemunho. Antes de subir ao céu, comissionou Sua Igreja (Mt 28:19-20; Mc 16:15; Lc 24:47-49) à prática da evangelização e capacitou-a para tal missão (At 1:8).

Como vimos no tópico anterior, o Evangelho tem origem em Deus; é obra dEle e é poderoso para salvar o mais torpe pecador. Ou seja, cumpre o seu objetivo. Todavia, a evangelização é uma missão direcionada à Igreja, aos homens. Ou me-

⁹¹ GONÇALVES, Marcelo Aleixo. 2014. p.18.

⁹² ALDRICH, Joseph C. *Amizade: a chave para a evangelização*. São Paulo: Vida Nova, 1992. p.12.

lhor, trata-se de obra humana, de um ministério de comunicação, no qual os cristãos tornam-se porta-vozes da mensagem de misericórdia de Deus aos pecadores.

EVANGELISMO: A palavra “evangelismo” não aparece no Novo Testamento. A partícula final “ismo” denota “sistema”. Isso significa que *evangelismo* envolve princípios, métodos, estratégias e técnicas empregadas na ação efetiva de evangelizar. Também reúne recursos e fornece ferramentas que a evangelização utiliza para realizar o objetivo. Podemos afirmar que o *evangelismo* é a metodologia da *evangelização*.⁹³

O objetivo da evangelização, que é levar o pecador a Cristo para salvação, é devidamente esquematizado pelo evangelismo, que estrutura a verdadeira teologia da salvação para que ela não descambe para outros objetivos.⁹⁴ Ou seja, o evangelismo fornece à evangelização as condições adequadas para alcançar quem precisa da salvação, com toda a bagagem cultural e no contexto em que a pessoa está inserida.

Muitos sabem o que é o Evangelho, entendem a necessidade de evangelizar, mas não compreendem o sentido de evangelismo. Por isso, os resultados das ações evangelísticas não surtem resultados suficientes.

O Evangelismo utiliza-se de métodos e estratégias para que a evangelização alcance objetivo. E coloca o Evangelho no contexto em que será pregado, sem perder a essência da mensagem. Vejamos um exemplo bíblico e prático sobre isso. *“Então, Paulo, levantando-se no meio do Areópago, disse: Senhores atenienses, em tudo vos vejo acentuadamente religiosos; porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que vos anuncio”.* (At 17:22-23) Nesse caso, Paulo, estrategicamente, aproximou-se dos atenienses, contextualizando o Evangelho à realidade dos ouvintes. Ele não os acusa de idólatras, mas os

⁹³ GONÇALVES, Marcelo Aleixo. 2014. p.21.

⁹⁴ FERREIRA, Damy. *Evangelismo Total*. Um manual prático para o terceiro milênio. 4. ed. Revista e ampliada. Duque de Caxias: Horizontal, 2001. p.29.

chama de “religiosos zelosos”. Então, oportuniza a entrada do Evangelho naquele lugar e, como resultado da estratégia, ou seja, do evangelismo, muitos se converteram. (At 17:34)

~ POR QUE EVANGELIZAR? ~

Os três evangelhos sinópticos⁹⁵ narram a ordem de Jesus para a evangelização. (Mt 28:19-20; Mc 16:15-16; Lc 24:44-49) Há uma discussão teológica sobre qual deles corresponde a tradução correta do termo “ide”. Alguns intérpretes preferem o termo mais corrente “ide”, que está no imperativo. Outros preferem “indo”. Tanto uma quanto outra tradução são cabíveis e não afetam o propósito do texto, ou seja, informar que Jesus comissionou Seus discípulos à uma missão: pregar o Evangelho.

Então, a resposta que temos à nossa pergunta central é: devemos evangelizar porque Jesus comissionou a Igreja a isso. O texto de Mateus 28:18-19, exposto na tradução da Nova Versão Internacional da Bíblia, esclarece melhor: *“Então, Jesus aproximou-se deles e disse: Foi-me dada toda a autoridade no céu e na Terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”*.

Neste texto percebemos uma ligação entre a autoridade de Jesus e a evangelização se observarmos a conjunção “portanto”. Ou seja, a ordem tem como base a autoridade de Jesus. Assim, *evangelizar* reflete a ação de uma Igreja que está sob a autoridade do Filho de Deus.

Evangelizar é um ato de obediência em amor. Se amamos alguém, desejamos agradar-lhe e obedecer-lhe. Se amamos a Cristo, queremos obedecer à Sua ordem e fazer a Sua vontade. Quando Cristo diz “*ide e ensinai*”, a Sua ordem em si é a nossa grande motivação.

Além do mais, a evangelização é o resultado do nosso relacionamento pessoal com Deus, que reflete por si a obra que Ele fez em nós. As “Boas-novas de Salvação” estão impressas

⁹⁵ Mateus, Marcos e Lucas.

no nosso testemunho. Jesus mesmo disse: *“vós sereis minhas testemunhas”*. (At 1:8) Por isso, evangelizamos ao andar, nos negócios, nos relacionamentos, nas palavras, ou seja, sempre.

~ A QUEM EVANGELIZAR? ~

A grande comissão responde a uma segunda pergunta: a quem devemos evangelizar? Mateus diz que devemos ir a todas as nações: *“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações”*. (Mt 28:19) Marcos particulariza a grande comissão: *“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura”*. (Mc 16:15) Sua ênfase é que o Evangelho deve não só ser levado a todas as nações, mas a todo o homem, mulher, jovem ou criança que as habitam. O Evangelho é o oferecimento de Deus aos pecadores. São as boas-novas de Cristo, disponíveis para todos; Ele os está convidando a virem para junto de Si.

A Evangelização não faz acepções. Paulo fala a respeito: *“Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes”*. (Rm 1:14) O objetivo da Evangelização é alcançar o mundo inteiro, pois Deus amou a todos. (Jo 3:16) Esse processo começa quando pregamos a Palavra aos que estão próximos de nós e, depois, estende-se, rompendo fronteiras. No livro de Atos, temos as palavras de Jesus aos Seus discípulos quanto a como sucederia a evangelização e qual o alvo a alcançar: *“mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da Terra”*. (At 1:8)

A pregação do Evangelho deveria seguir a seguinte ordem: Jerusalém - Judeia - Samaria - Confins da Terra. Toda as pessoas precisariam ouvi-lo, das mais próximas às distantes. A Igreja não pode perder o foco desse alvo - o Evangelho deve alcançar os confins da Terra, sem jamais se esquecer de pregar àqueles que estão próximos.

~ CONCLUSÃO ~

A Igreja não é simplesmente uma organização de quatro paredes com endereço, uma placa e um CNPJ; transcende a tudo isso, por ser viva e acontecer a partir da vida de cada um dos membros e pela unidade entre eles. Embora cada um receba do Senhor capacidades e chamados específicos, há um ponto comum entre os cristãos: todos somos chamados a evangelizar, mesmo que em espaços e em condições diferentes. Todos têm o dever de anunciar as boas-novas. A tarefa de evangelizar foi dada aos crentes na qualidade de membros do Corpo de Cristo. Todo aquele que está no corpo pertence a essa missão.

~ QUESTÕES PARA ESTUDO ~

1 - Segundo o estudo, o que aprendemos sobre a palavra “Evangelho”? Que aplicações podemos fazer a respeito disso?

2 - O que é *evangelização*? Por que podemos afirmar que *evangelizar* não é o mesmo que *pregar um sermão*? Em que sentido isso se aplica?

3 - O que é *evangelismo*? Qual a importância dos métodos de evangelização dentro da Igreja?

4 - Por que devemos evangelizar? A quem devemos evangelizar? Qual o objetivo da evangelização?

MORDOMIA CRISTÃ **12**

PR. PATRICK F. PADILHA

VERSÍCULOS PARA REFLEXÃO:

Gn 2:15 | Sl. 24:1 | 1Tm 6:10 | Ef 5:15-16

Mt 25:21 | Ml 3.8-10 | Pv 3.9,10

NOSSA DECLARAÇÃO: “Nós cremos na soberania de Deus e na aceitação do nosso cargo de depositários da vida e das possessões, e na administração das mesmas de acordo com a vontade de Deus. Entendemos que o cristão é apenas o administrador e reconhecemos que o nosso Pai é o provedor e o Senhor de todas as coisas.”

~ DEFINIÇÃO E PRINCÍPIOS BÍBLICOS DA MORDOMIA ~

A mordomia é a ação realizada por um *mordomo*; a palavra, em português, vem do latim, *majordomus*, que tem o mesmo significado do grego, *oikonomos* - *oikos*, casa e *nomos*, governo. Assim, mordomo é o principal servo, aquele que administra a casa do Senhor.⁹⁶ A palavra mordomia, nesse contexto, significa cuidado, zelo, administrar tanto as propriedades externas como internas.

O mordomo, no exercício de suas funções, deve tomar conta de uma propriedade, de uma casa, tão bem como se fosse dele, sabendo que terá de prestar conta do que foi confiado aos seus cuidados. Biblicamente falando, a *Mordomia* é a doutrina bíblica que reconhece Deus como Criador e Senhor, dono de todas as coisas.

Deus confiou-nos a administração de tudo que possuí-

⁹⁶ LAUTERT, Nelson. *Mordomia cristã e a oferta: um enfoque evangélico*. Canoas: ULBRA, 2004. pp. 19-22.

mos, mas na realidade todas as coisas pertencem a Ele: a Terra, com toda a sua plenitude, e os que nela habitam. (Sl. 24:1) A Mordomia Cristã abrange grande parte de nossas vidas, tanto no contexto familiar, tanto nossos talentos do corpo, das finanças, da mente e da adoração. Como fiéis mordomos, temos uma vida repleta de bênçãos e obrigações.

A ideia comum de mordomia é encontrada em várias passagens do Novo Testamento, especialmente nas parábolas dos *Talentos* e das *Minas*, em Mateus 25:14-30 e em Lucas 19:11-27, respectivamente. Ambas afirmam que recebemos de Deus algo a ser administrado e, posteriormente, teremos de Lhe prestar contas. O Senhor outorga-nos dos Seus bens e de Suas riquezas, e haverá de um dia compensar o trabalho e a diligência, ou condenar a indolência e a improdutividade dos Seus servos.

É de espantar que os cristãos, ao longo dos séculos, depois do período apostólico, tenham lido e realizado estudos do Livro Sagrado, procurando as Verdades da Palavra, sem que a doutrina da Mordomia Cristã tenha ocupado o destaque que merecia! Apenas nos últimos decênios é que observamos maior ênfase nesse estudo.

O cristão atual, depois de compreender a doutrina da Mordomia, passa a entender que não existe a diferença que muitos fazem entre a vida religiosa e a secular. Compreende que Deus é soberano; foi Ele quem criou todas as coisas. Nada é “teu ou meu”. Tudo que fazemos integra parte de algo que Deus trouxe à existência, seja por nosso meio, ou usando uma matéria-prima, um conhecimento ou uma tarefa realizada, em qualquer lugar do planeta. Tudo que podemos fazer é utilizarmos as coisas que o Senhor deu-nos, adaptá-las e combiná-las com as forças e os elementos criados por Ele.

~ O ATO DA MORDOMIA NA VIDA CRISTÃ ~

O cristão é chamado a viver na santidade em todos os seus afazeres, seja por pensamento, palavra ou ação. Deve-

mos, a todo o tempo, lembrarmo-nos de quem somos e quem nos tirou das trevas para a gloriosa luz de Seu filho. (Colocenses 1:13) Se tivermos esse pensamento, passaremos a cuidar melhor de tudo que Deus criou e compartilharemos os dons uns com os outros.

Muitos cristãos estão mudando suas prioridades; em vez de usar seus bens e amar as pessoas, passam a usar as pessoas e amar seus bens. O apóstolo Paulo, na carta a Timóteo, diz: *“o amor ao dinheiro é raiz de todos os males. Algumas pessoas, por cobixarem o dinheiro, desviaram-se da fé e atormentaram a si mesmas com muitos sofrimentos”*. (1Tm 6:10)

O amor ao dinheiro leva as pessoas a uma corrida desenfreada para ‘ter’ e ‘poder’ cada vez mais. Assim, deixamos de nos preocupar e fazer o que realmente importa, e o papel de mordomos do Senhor enfraquece. A Mordomia Cristã abrange inúmeras partes da vida, partes estas fundamentais, como nosso Tempo, nossos Talentos e os Tesouros. Nosso contentamento deve estar em Deus e, não, nas coisas que Ele pode nos dar. Todos os dons e bens que o Senhor concede-nos não poderão nos fazer felizes se não formos bons mordomos. Por isso, precisamos administrar muito bem o tempo, o tesouro e os talentos.

O apóstolo Paulo, alertando a Timóteo, falou que falsos mestres iriam se levantar muito mais preocupados com as riquezas que poderiam ganhar no exercício da religião do que com a pregação do Evangelho. Diz ele que *“essa gente pensa que a religião é um meio de enriquecer”*. (1Tm 6:5b, NTLH) É preciso ter bastante cautela para não cair na tentação do materialismo cristão, algo bem comum na vida dos que trocam, barganham ou vendem sua fé. Somos aconselhados a pensar na eternidade, pois lá será nosso destino. Somos chamados a ser fiéis, pois o fruto da fidelidade é imprescindível ao relacionamento com o Senhor, consigo e com o próximo.

~ REALIZANDO UM BOM SERVIÇO ~

Como bons servos do Senhor, devemos realizar o serviço

de mordomia da melhor forma possível. Precisamos nos concentrar em todas as tarefas para não falharmos em nenhuma. Podemos, de uma forma simplificada, trabalhar a mordomia como:

a) Mordomia do Tempo: O ser humano começou a pensar no tempo após sua queda, quando Deus determinou o fim de seus dias. A partir daquele momento, o homem vive contando os dias e, em contagem regressiva, todos sabem que um dia a morte chegará. É evidente que o tempo sempre está diante de nós, por isso devemos viver uma vida regada pela prudência e pela sabedoria. Fazer um bom uso do tempo faz parte da nossa mordomia enquanto aqui vivermos, porque todos sabem que, adiante, teremos de prestar contas do tempo que o Senhor deu-nos.

O salmista afirmou que o tempo está nas mãos do Senhor. (Sl 31;15) Deus criou-o, pois usa o tempo para criar e fazer as coisas acontecerem. Nós vivemos na geração dos “imediatistas”; tudo é instantâneo. Somos condicionados e forçados a não esperar. Mas Deus trabalha no tempo, no tempo dEle. O futuro de nossas vidas precisa de algo que o Senhor está preparando ‘hoje’; necessitamos viver plenamente todos os dias, pois todos são especiais. O tempo não é privilégio de alguns, mas aqueles que o usam com sabedoria são privilegiados - “... *mas que o tempo e a oportunidade ocorrem a todos*”. (Ec 9:11)

A palavra *chronos* é usada na Teologia para descrever a forma quantitativa do tempo, o “tempo dos homens”. E *kairós* é empregada para descrever a forma qualitativa, ou seja, o “tempo de Deus”.⁹⁷ Para não gastarmos o tempo de forma errada, precisamos priorizar aquilo que verdadeiramente vale a pena. Podemos dividi-lo de forma que possamos dedicar a Deus o tempo que a Ele é devido. Ademais, uma das melhores formas de gastar nosso tempo é com a família. Sabemos que há tempo para todas as coisas, então: “*Vede prudentemente*

⁹⁷ COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, v. 2. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 2.452.

como andais, remindo o tempo, porque os dias são maus". (Ef 5:15-16)

b) Mordomia dos Talentos: Talentos e habilidades foram dados aos homens por Deus, ou para cuidarem bem da casa, ou na propagação do Reino. Fazendo isso, as pessoas tornam-se úteis na posição de mordomos. A sinceridade e a humildade em usar os talentos que são entregues a todos por Ele são qualidades imprescindíveis ao bom despenseiro. No texto de Mateus 25:21, encontramos: *"Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei..."*. Observamos que a um Deus deu cinco talentos; a outro, dois; e a outro, um talento. Ou seja, deu a cada servo segundo a sua capacidade. O Senhor exigiu de cada um na proporção que lhe fora confiado, ao alcance de todos, dentro dos limites de cada possibilidade.

Podemos observar que Jesus quis ensinar a Seus discípulos que os dons devem ser administrados, aplicados da melhor forma, pois um dia o Senhor cobrará essa administração. Ele trata com os homens à base de um critério verdadeiramente justo. Ninguém poderá desculpar-se perante Ele. A severidade que Deus usará para tratar desse assunto não deve nos fazer recuar ou enterrar nossos talentos. Pelo contrário, deve nos impulsionar a fazer cada vez melhor. Jesus ensinou que quem usa fiel e sabiamente os talentos, ainda que poucos, acabará por tê-los multiplicados. *"Porque ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem até o que tem lhe será tirado"*. (Mt 25:29)

Talvez você pense que não é capaz de realizar sua tarefa, ou que a obra deve ser feita por outra pessoa mais capacitada. Tiago falou sobre os dons, em sua carta: *"Toda boa dádiva e todo dom perfeito vem do Alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança"*. (Tg 1:17)

O Evangelho foi anunciado, primeiramente, por homens que precisaram adquirir coragem além da média; eles sabiam que estavam correndo risco de morte, todos os dias, mas isso não os fez parar. Se Deus chamou-o, Ele vai lhe dar o suficiente para que O glorifique!

c) Mordomia dos Tesouros: É notório que a Mordomia envolve os tesouros, pois qual mordomo fiel e justo, que faça um bom trabalho, reconhecido pelo seu senhor, não teria acesso às finanças?! Até aqui, estudamos que Deus é dono de tudo, Ele é Criador de todas as coisas. Assim, todo o dom perfeito vem dEle. Mas, quando se trata de fidelidade nos bens, nas finanças que o Senhor concedeu, a maioria cai em tentação e comporta-se mal. Caro leitor, nossa intenção não é forçar ou impor a alguém que pratique o dizimar ou o ofertar. Porém, queremos mostrar que tudo e todos são para a glória de Deus.

d) Dízimos e Ofertas: Esse tema pode parecer pouco agradável para alguns, mas está nitidamente incluído na Mordomia Cristã, e é tão bíblico como qualquer outra doutrina divina. Lemos, em Levíticos 27:30: *“Todos os dízimos da Terra, tanto do grão do campo como do fruto das árvores, são do Senhor”*. Essa é a consideração bíblica sobre o dizimo: *“Todos são do Senhor”*.

Se o dizimo é do Senhor e está em nossas mãos, entregar-Lhe constitui saldar uma dívida. Existem muitos comentários tendenciosos e distorcidos que atacam o ensino do dizimo e acusam os pastores, as lideranças e igrejas de explorarem o povo de Deus. Existem ainda os que se recusaram a ser dizimistas pelo fato de o dizimo ser apenas da Lei, ou Lei mosaica. Apesar de alguns fazerem mau uso desse ensino, e usá-lo para o próprio proveito, não podemos deixar de ensinar sobre a Mordomia dos Tesouros ou dos Bens.⁹⁸

O dizimo pertence ao Senhor, ao Criador de todas as coisas. Ele sempre constituiu um ato de amor dos servos de Deus, dos Seus mordomos, quer fosse antes da Lei, quer durante a vigência da Lei, quer posteriormente à Lei e na atual dispensação. Tal verdade fica clara ao observarmos que o “ofertar” já era uma prática realizada nos dias de Abel (Gn 4.4), e que o

⁹⁸ Revista Lições Bíblicas. *A verdadeira prosperidade, a vida cristã abundante*. Lição 09 - Dízimos e ofertas. I - CPAD. Rio de Janeiro. 1º Trimestre de 2012.

dízimo era observado pelos patriarcas. (Gn 14.20)

O princípio do dízimo foi conhecido e praticado pelos patriarcas, porque é um princípio espiritual presente entre o povo de Deus, há muito tempo. Abraão devolveu o dízimo a Melquizedeque (Gn 14.20), e Jacó prometeu devolvê-lo ao Senhor (Gn 28.22), muito antes de a Lei ser instituída. Essa mordomia está presente em toda a bíblia, seja na forma de cartas às igrejas (Hb 7.8), seja nos livros que contam a história do povo de Deus (Ne 13.11,12), nos poéticos (Pv 3.9,10), nos proféticos (Ml 3.8-10) e até nos evangelhos (Mt 23.23) que coincidem com a época de Jesus e com a fundação da Igreja do Senhor.

O dízimo aparece como preceito de um princípio já existente no período patriarcal. É certo que preceitos mudam, e até desaparecem; todavia, os princípios são imutáveis e permanentes. Alguns líderes religiosos hodiernos denominam o dízimo como um termômetro da vida espiritual da Igreja; portanto, serve como um medidor da fidelidade a Deus. Assim, quando “há crise espiritual, suspende-se o dízimo, e a casa de Deus é desamparada, caracterizando o fato de o povo negligenciar a parte do Senhor”. (Ne 10:37-38; 13:10-14) Por outro lado, sempre que houve um avivamento, aconteceu também um profundo despertamento do povo de Deus para a devolução dos dízimos (2Cr 31:5-6)⁹⁹

Quando estudamos o ato de dizimar e de ofertar, no Novo Testamento, temos uma nova ótica dessa observância, já não há legalidade, mas o ‘*amor*’. Entendemos, então, que não há a necessidade de debatermos se existe ou não um verso, ou um texto, falando do tema, pois entendemos que, assim como as ofertas já eram uma prática generalizada entre os judeus cristãos, assim também procede conosco, Batistas Do Sétimo Dia. Não precisamos de um texto em que Jesus fale explicitamente: “*Vocês serão meus discípulos se guar-*

⁹⁹ LOPES, Hernandes Dias. Dízimo: termômetro da igreja. In. *O melhor de Deus para a sua vida*. v. 3. Belo Horizonte: Betânia, 2005. p. 84.

darem o santo Sábado". Quando o Mestre falou: *"Se me amardes, guardareis os meus mandamentos"*, ou quando olhamos a prática das reuniões dos apóstolos, em Atos, pelas quais se reuniam, aos sábados (Atos 13:14,42,44; 16:13; 18:4), entendemos que fazia parte de uma prática generalizada e comum.

~ UMA PALAVRA FINAL ~

Quando nos referimos à Mordomia Cristã, seja dos talentos, do tempo, do tesouro ou de qualquer outro tema de nossa "declaração de fé", procuramos demonstrar que nada fazemos por imposição. Não guardamos os mandamentos para sermos salvos, nem obedecemos à Sagrada Escritura como forma de redenção.

Os Batistas Do Sétimo Dia exercem a sua fé pelo amor. A prática da "Mordomia Cristã" não é somente um reconhecimento de um ensino das escrituras sagradas; antes, é a expressão de gratidão. Tudo é fácil de entender se considerarmos que Deus é o Criador e o Dono de tudo. E nós, apenas mordomos ou despenseiros, com a responsabilidade de administrarmos tudo segundo a Sua vontade e para Sua glória, de modo que, naquele dia, Ele possa dizer a cada um de nós: "Muito bem, servo bom e fiel! Entra no gozo do teu Senhor.". Amém.

~ QUESTÕES PARA ESTUDO ~

1 - Como os crentes em Cristo podem viver verdadeiramente a mordomia cristã?

2 - Explique com suas próprias palavras as mordomias do tempo, talento e tesouro.

3 - Qual a diferença entre Dizimar e ofertar?

4 - Você é um Dizimista? Justifique sua resposta.

A SEGUNDA VINDA DE JESUS CRISTO

13

PR. BERNARDINO DE VARGAS SOBRINHO

VERSÍCULOS PARA REFLEXÃO:

Jo 14:1-3 | At 1:11 | Hb 9:28 | Mt 24:4-8
2 Ts 2:1-3 | Mt 24:43,44 | 2 Pe 3:8,9

NOSSA DECLARAÇÃO: *“Nós, Batistas do Sétimo Dia, cremos, pregamos e ensinamos a doutrina da Segunda Vinda de Cristo, em glória e majestade. Comprometidos com a Bíblia, nela alicerçados e em sintonia com suas revelações proféticas, entendemos que nenhum ser humano (homem ou mulher), ou Igreja, ou mesmo um anjo, têm autorização divina para marcar data para este extraordinário e apoteótico evento. O Senhor Jesus deixou no Livro Santo os sinais indicativos da proximidade da Sua Vinda. A volta de Jesus a esta Terra é real, visível e corpórea. ‘Todo olho O verá’. Cremos, ademais, que o sistema do mal (pecado) será definitivamente banido do Universo. Cremos, enfim, que por ocasião desse tão sonhado e esperado evento, a Igreja do Senhor conhecerá o seu final e glorioso triunfo”.*

~ INTRODUÇÃO ~

A Igreja Batista do Sétimo Dia, desde os seus primórdios na Inglaterra (1650), adotou a Bíblia como única regra de fé e prática. E, deste Livro Sagrado, tem extraído e proclamado com vigor, dentre outras, a alentadora mensagem da Segunda Vinda de Jesus Cristo ao mundo. Para alguns estudiosos da Bíblia e, principalmente, deste tema, a Segunda Vinda de Jesus Cristo tem sido *“a expectativa coroante, a estrela d’alva, do povo de Deus desde que a promessa de Sua vinda lhes foi comunicada”*. De fato, esta promessa tem animado os fiéis

de Deus, dando-lhes fortalecimento e encorajamento nos dias mais difíceis e nas horas mais escuras.

É de se concordar com o Pastor Hernandes Dias Lopes quando, ao tratar da Segunda Vinda, a ela alude como sendo “a cumeeira da História; o apogeu, a apoteose, o ponto culminante, a consumação de todas as coisas. (...). O mesmo Jesus que nasceu numa manjedoura, cresceu numa carpintaria e morreu numa cruz, também ressuscitou gloriosamente. Ele está assentado em um trono, reina absoluto e sobranceiro sobre todo o universo e voltará majestosamente para julgar as nações e viver com a Sua Igreja”.¹⁰⁰

Como coroação das boas novas da Salvação, o próprio Senhor Jesus Cristo e, na sequência, os Seus apóstolos, trataram de inculcar nos corações e mentes dos primeiros cristãos a realidade da vinda de Cristo e sua iminência como um estimulante à vida piedosa e serviço fiel.

~ FUNDAMENTOS BÍBLICOS PARA A DOCTRINA DA SEGUNDA VINDA ~

Devemos crer nesta verdade, fundamentalmente, porque o próprio Senhor Jesus Cristo prometeu aos Seus discípulos que viria outra vez a este mundo. O texto supra transcrito no Evangelho de João, cap. 14, vs. 1 a 3 é de solar clareza nesse sentido. A promessa é reiterada pelos anjos por ocasião da ascensão do Senhor Jesus ao céu. Aqui não há margem para confusão. O texto explícito é: “...*Esse Jesus que dentre vós foi recebido em cima no céu, virá do mesmo modo como para o céu o viste subir*”. (At 1:11).

Os estudiosos de Teologia do Novo Testamento confirmam que a palavra grega “*parousia*” expressa o sentido de presença ou vinda. Consoante registros nos papiros, este vocábulo era rotineiramente usado para denotar a presença ou chegada de um rei, imperador ou, enfim, um governan-

¹⁰⁰ LOPES, Hernandes Dias. *A Segunda Vinda de Cristo: Nossa Grande Esperança*. 1ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Hagnos, 2010, p. 07.

te. Esta expressão, no Novo Testamento, passou a expressar a segunda vinda de Cristo. Logo, ingressou na igreja cristã primitiva (período apostólico), ou seja, no Novo Testamento, bem assim na igreja do período imediatamente pós-apostólico (após o ano 100 a.D., quando já havia morrido João, o último apóstolo), com o intuito de designar a presença (no sentido de segunda vinda) de Cristo novamente à Terra.

O autor da Epístola aos Hebreus, divinamente inspirado, asseverou: *“Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação”* (Hb 9:28). No texto do Evangelho de Mateus, cap. 24, o Salvador Jesus, atendendo às indagações dos discípulos, traça um panorama das condições do mundo no período que antecede Sua segunda vinda. Em verdade, como bem expressou o Pastor e Professor Warren W. Wiersbe, “o sermão no Monte das Oliveiras nasceu de perguntas dos discípulos, quando Jesus lhes disse que, um dia, o templo seria destruído. Primeiro, quiseram saber ‘quando’. A resposta a essa pergunta não se encontra registrada em Mateus, mas em Lucas 21:20-24. Segundo, perguntaram sobre os sinais da volta de Cristo. Essa resposta encontra-se em Mateus 24:29-44. Sua última pergunta foi sobre os sinais do fim dos tempos. A resposta de Cristo está em Mateus 24:4-8.

Devemos ter em mente que esse discurso foi feito num contexto judaico. Jesus falou sobre a Judeia (Mt 24:16), o sá-bado (Mt 24:20), e as profecias de Daniel quanto ao povo judeu (Mt 24:15). A verdade completa sobre o arrebatamento da Igreja (I Co. 15:51; I Ts 4:13-18) ainda não havia sido revelada, pois era um mistério (Ef 3:1-12).¹⁰¹ Este tema, a Segunda Vinda de Cristo, permeia toda a Bíblia. Mas, evidentemente, sua maior expressão está no Novo Testamento. Nele existem mais de trezentas referências sobre o retorno do Senhor em glória e majestade. Daí se extrai o grande relevo e importância desse extraordinário e indescritível evento, tanto para o Salvador

¹⁰¹ WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento*: vol. I. 1ª ed., 6ª reimpressão. Santo André/SP: Editora Geográfica, 2012, p. 113.

quanto (principalmente) para o Seu povo. Esta é, pois, a maior esperança dos salvos em Cristo.

Nossa IBSD não tem o propósito de discutir e gastar tempo com as questões escatológicas alusivas à doutrina do milênio em qualquer das suas acepções (amilenismo, pré-milenismo ou pós-milenismo), tampouco, sobre as diferentes especulações alusivas às fases desse glorioso acontecimento, ou, ainda, como será o arrebatamento. Com base nas exortações do apóstolo Paulo, constata-se que já em seus dias se espalhavam falsos ensinamentos a respeito da segunda vinda de Jesus. (Confira-se II Tm 2: 17-18 e, ainda, II Ts 2: 1-3).

Nossa pregação e exortação, lastreados nas Santas Escrituras, é a de sermos vigilantes para que o grande dia (da Segunda Vinda de Jesus) não nos tome de surpresa. (Confira-se Mt 24:43, 44; 25:1-13). Assim, atinente à segunda vinda de Jesus, recomendamos a leitura dos seguintes textos bíblicos:

(i) *“Então verá vir o Filho do homem em uma nuvem, com poder e grande glória.”* (Lc 21:27); (ii) *“Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o transpassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim. Amém.”* (Ap 1:7); (iii) *“Porque o Senhor mesmo descera do céu com grande brado, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor.”* (I Ts 4:16-17); (iv) *“Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a vinda do filho do homem.”* (Mt 24:27); (v) *“Se, pois, alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo aí! não acrediteis; porque hão de surgir falsos cristos e falsos profetas, e farão grandes sinais e prodígios; de modo que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Eis que de antemão vo-lo tenho dito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto; não saiais; ou: Eis que ele está no interior da casa; não acrediteis.”* (Mt 24:23-26); (vi) *“Daquele dia e hora, porém, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão só o Pai.”* (Mt 24:36); (vii) *“Vigiai, pois, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor.”* (Mt 24:42);

e (viii) *“Olhai por vós mesmos; não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e aquele dia vos sobrevenha de improviso como um laço. Porque há de vir sobre todos os que habitam na face da terra. Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que hão de acontecer, e estar em pé na presença do Filho do homem.”* (Lc 21:34-36).

~ BREVE REFLEXÃO SOBRE A DEMORA (TARDANÇA) E O COMPORTAMENTO DOS CRENTES ~

Mas, e o que dizer sobre tamanha demora? Qual a razão dessa tardança? A Igreja Batista do Sétimo Dia busca a resposta a tais indagações no Livro dos livros. Confirma as palavras do apóstolo Pedro: *“Mas vós, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; porém é longânimo para convosco, não querendo que ninguém se perca, senão que todos venham a arrepender-se”* (2 Pe 3:8-9).

Em suma, o ensino (*gr. didakê*) e a pregação (*gr. kerigma*) desta Igreja, dando continuidade à proclamação apostólica, envereda no sentido de preparar um povo, das mais diferentes etnias e nações, como também das mais variadas classes sociais, a viver neste mundo vida santa, sóbria e justa, com renúncia à impiedade e às paixões mundanas, como quem *“aguarda a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus”*.

Avulta em importância, ademais, à luz do texto cravado na 2ª Epístola de Pedro, cap. 3, v. 12, assinalar a límpida observação de que, como Igreja, temos o privilégio não só de aguardar, mas, também, de apressar esse tão glorioso dia! Aliás, extrai-se do Novo Testamento Grego, no mencionado texto, a seguinte redação transliterada: *“prosdokontas* (esperando) *kai* (e) *speudontas* (apressando) *ten* (a) *parousian* (vinda) *tes* (do) *tou Theou* (de Deus) *hemeras* (dia).

Cumpra ressaltar, por oportuno, que alguns tradutores e intérpretes (talvez, no afã de preservar uma convicção pré-determinista de todas as coisas e eventos), equivocadamente, acrescentaram o pronome oblíquo *“vos”* ao verbo *“speudo”* (apressar), cuja conjugação (*speudontas*) em nosso idioma é no gerúndio (apressando). Este pronome, contudo, não consta do texto original. Portanto, a tradução pura e sem ranços de ajuste à “teologia particular” de quem quer que seja, é: *“... esperando e apressando a vinda do dia de Deus”* (grifos meus).

De conveniência, nesse passo, socorrer-nos da respeitável cátedra do Pastor e Professor Dr. Frederick F. Bruce que, a propósito do versículo em foco, anotou: “Pedro agora tira suas conclusões; ele não está apresentando um projeto acerca de como Deus vai cumprir os Seus propósitos; antes, está colocando ênfase na certeza de que Deus vai fazê-lo, na subitaneidade com que vai agir e no fato de que tudo que é inútil e ímpio está caminhando para a destruição total. As predições bíblicas requerem de forma coerente não somente nossa fé, mas, mais especificamente, o comportamento compatível com nossas crenças. Assim, Pedro ordena que os cristãos *“vivam de maneira santa e piedosa”* e que também vivam *“esperando o dia do Senhor”*, em que Ele vai agir, *“aguardando com ansiedade”* (nota textual da NVI) que Ele aja. Mas a palavra grega que Pedro usa, *“speudo”*, na verdade deve ser traduzida por *“apressando”* (como aqui no texto da NVI). (A ARC incorretamente insere aqui a palavra *“para”* além do reflexivo *“vos”* ..., dando um sentido totalmente diferente, e um que nunca foi pretendido por Pedro) ...”.¹⁰²

Não é diferente o viés hermenêutico do já mencionado Pastor Wiersbe, quando adverte: “Os autores do Novo Testamento também ensinam que a expectativa ansiosa pela volta de Cristo deve nos motivar a ter uma vida pura (...). No entanto, não é simplesmente o conhecimento da doutrina com a mente que motiva esse tipo de vida, mas também a presença

¹⁰² BRUCE, Frederick F. *Comentário NVI: Antigo e Novo Testamento*. 2ª ed., São Paulo: Editora Vida, 2012, p. 1.492.

dessa verdade no coração; é amar a vinda do Senhor (2 Tm 4:8).

Essa atitude de expectativa não deve repercutir apenas na conduta, mas também no *testemunho*. Pedro afirma que é possível apressar a volta de Jesus Cristo. O termo traduzido por *'apressando'* tem o sentido de *"dar pressa"* nas outras cinco passagens em que é usado no Novo Testamento. Os pastores *"foram apressadamente"* (Lc 2:16). Jesus disse a Zaqueu: *"... desce de pressa"* (Lc 19:5,6). Paulo *"se apressava com o intuito de passar o dia de Pentecostes em Jerusalém"* (At 20:16); e o Senhor disse a Paulo: *"Apressa-te e sai logo de Jerusalém"* (At 22:18).¹⁰³

Sendo assim, a pergunta que não cessa de ecoar e ressoa fortíssimo em nossos ouvidos, é: Como podemos aguardar e apressar este glorioso dia da Volta de Cristo? A resposta é simples. Desincumbimo-nos da exortação bíblica e petrina (*i*) buscando viver vida santa (no sentido de separada do mundo e seus valores), e (*ii*) ao proclamar em todos os rincões as boas novas da salvação, porquanto o texto do Evangelho é de solar clareza quando afirma: *"E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim"* (Mt 24:14).

~ CONSIDERAÇÕES FINAIS ~

Antes de encerrarmos estas reflexões necessitamos alertar que o dia da Vinda de Jesus será de muita treva e desespero para aqueles que, obstinada e levemente, recusaram a oferta do perdão e salvação. Precisamos ter em mente e comunicar ao mundo que quando Jesus voltar, não mais será o advogado, o defensor, mas, sim, Juiz. A Bíblia nos faz crer que os despreparados para o grande evento tentarão fugir e se esconder da presença *"daquele cujos olhos são como chamas de fogo"*, mas não encontrarão lugar. Desejarão a morte, mas ela fugirá deles.

¹⁰³ WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento: vol. I.* 1ª ed., 6ª reimpressão. Santo André/SP: Editora Geográfica, 2012, p. 603.

Por outro lado, para os remidos — os resgatados do Senhor — será dia de muita alegria! Sim, nesse tão glorioso dia, os salvos mortos ressurgirão para a ressurreição da vida! Teremos corpos gloriosos, incorruptíveis e imortais. Ocorrida esta transformação, seremos arrebatados para viver sempre com Jesus, nosso amado Salvador!

Concordamos com o Pastor Lopes quando advertiu:

“Precisamos nos preparar para esse glorioso dia. Ele virá como ladrão de noite. A segunda vinda de Cristo apanhará a muitos de surpresa. Os homens estão vivendo despercebidamente como a geração que foi destruída pelo dilúvio e como as cidades de Sodoma e Gomorra que foram varridas do mapa pelo juízo divino. Agora é hora de se preparar. Agora é o tempo oportuno de correremos para Deus e nos rendermos ao Seu Filho. Hoje é o dia oportuno para reconciliar-se com Deus”.

Devemos amar e apressar a vinda do Dia do Senhor. Precisamos saber que o Evangelho do Reino precisa ser pregado a todas as nações antes que venha o fim. Precisamos, como agentes do reino, viver preparados a todo instante, concludando os homens a se arrependerem e a se reconciliarem com Deus enquanto é tempo. Nossa oração deve ser a mesma dos apóstolos de Cristo: *“Maranata, ora vem, Senhor Jesus!”*¹⁰⁴ (grifos meus).

Amada Igreja, a despeito das lutas, provações e duras dificuldades pelas quais estejamos passando, não nos desanimemos, porquanto a Sua vinda é certa! Os melhores dias de nossa vida ainda estão por vir. Sem mais demora Cristo virá! Logo, logo será o real festim! Proponho que encerremos nosso estudo deste dia com a estrofe desta poesia conhecidíssima do mundo batista em geral. Ei-la:

*“Qual filho, de seu lar saudoso, eu quero ir;
Qual passarinho para o ninho, eu quero ao céu subir.*

¹⁰⁴ LOPES, Hernandes Dias. *A Segunda Vinda de Cristo: Nossa Grande Esperança*. 1ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Hagnos, 2010, p. 10.

*Sua vinda ao mundo é certa, quando, não o sei;
Mas Ele me achará alerta, e para o céu irei!”¹⁰⁵*

Maranata! Aleluia!

~ QUESTÕES PARA ESTUDO ~

1 - Excetuando-se II Ped. 3:12, selecione 3 (três) textos bíblicos do corpo da lição e compartilhe comentando a força das mensagens neles contidas.

2 - Quais as bases bíblicas para afirmarmos que a Segunda Vinda de Jesus será real, corpórea e visível?

3 - Medite e, em seguida, descreva a importância da doutrina da Segunda Vinda para a vida do salvo, em particular, e para a vida da Igreja, como instituição e como coletividade.

4 - Que lições podemos extrair do texto de II Ped. 3:12? Quais as implicações dos comandos: *“aguardando e apressando a vinda do dia de Deus”*?

¹⁰⁵ CROSBY, Fanny Jane. *Hinário Cânticos de Júbilo*. 1ª ed., Curitiba, 2009, p. 341, hino nº 287; Cantor Cristão. Edição Revista e Documentada, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971, hino nº 484.

